ANNO V NUM. 52

DEZEMBRO
~ 1924 ~

PREÇO
5$000

REVISTA MENSAL

PROPRIEDADE DA SOCIEDADE ANONYMA "O MALHO" — RUA DO OUVIDOR, 164

RIO DE JANEIRO

Teleph. Norte, 5402 — End. Telegr. "MALHO" RIO

Grande premio na Exposição Internacional do Centenario em 1922

PREMIADA COM MEDALHA DE OURO NA EXPOSIÇÃO DE TURIM EM 1911

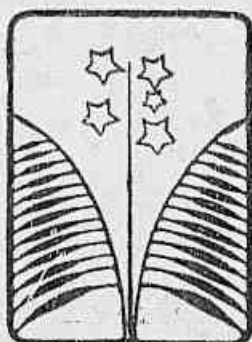
Directores: ALVARO MOREYRA e J. CARLOS

Gerente: LÉO OSORIO

SUCCURSAL EM SÃO PAULO DIRIGIDA POR GASTÃO MOREIRA — RUA DIREITA N. 7 Sob.

CAIXA POSTAL Q

Officinas: Rua Visconde de Itauna, 419

ASSIGNATURAS. Para o Brasil — Um anno, 60$000; Seis mezes, 30$000. Para o Estrangeiro — Um anno, 70$000; não ha assignaturas de semestre. — Os exemplares para os Srs. assignantes são enviados pelo Correio sob registro.

Toda a correspondencia, como toda a remessa de dinheiro, (que póde ser feita por vale postal ou carta registrada), deve ser dirigida á Sociedade Anonyma "O MALHO", Rua do Ouvidor, 164. Collaboração literaria, artistica ou photographica, ao director-secretario Dr. Alvaro Moreyra.

MAPPIN & WEBB

JOALHEIROS E OURIVES

ESTABELECIDA EM 1810
LONDRES

ESPECIALIDADES EM
BRILHANTES FINOS DO BRASIL
E DO CABO, SAPHIRAS DO
ORIENTE, PEROLAS, ETC.

NOVIDADES
PARA PRESENTES EM
PRATA DE LEI — OURO — CRYSTAL
BRONZE — MARFIM — MARROQUINARIA.

FABRICANTES
DA AFAMADA "PRATA PRINCEZA"
O MELHOR METAL PRATEADO QUE EXISTE
PARA
TRAVESSAS, TALHERES, ETC.

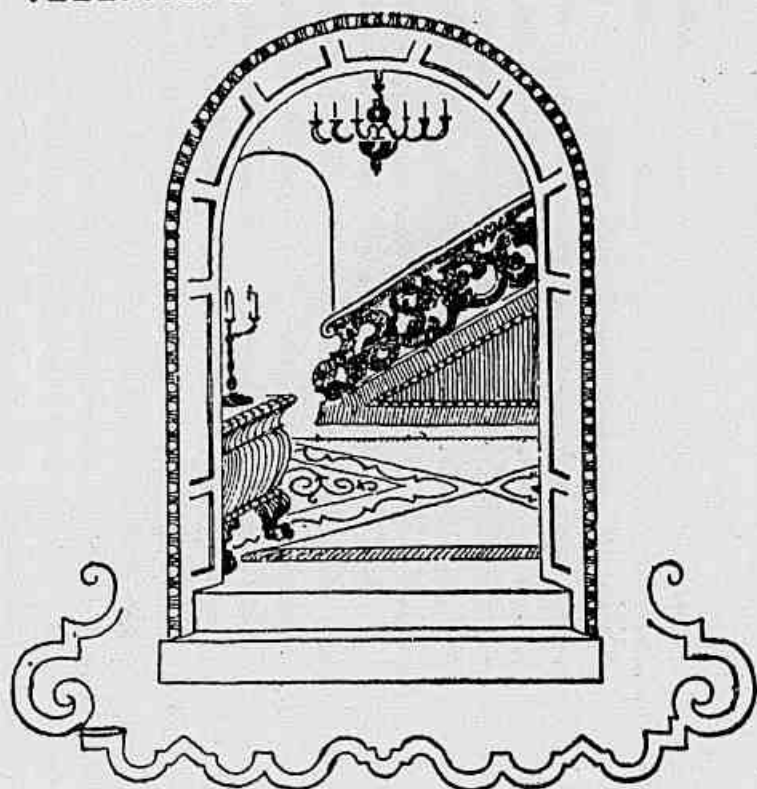
MAPPIN & WEBB

100, OUVIDOR
RIO DE JANEIRO

28, RUA 15 DE NOVEMBRO
SÃO PAULO

GEORG HIRTH
L'AUBISCH & C.IA

RUA DO OUVIDOR, 86

TELEPHONE NORTE 3128

MOVEIS FINOS E DECORAÇÃO
DE INTERIORES · TAPEÇARIAS
CORTINAS · SEDAS
CRETONNES · TAPETES
MOVEIS DE COURO

Fluminense
: : Hotel : :

PRAÇA DA REPUBLICA,
207 E 209

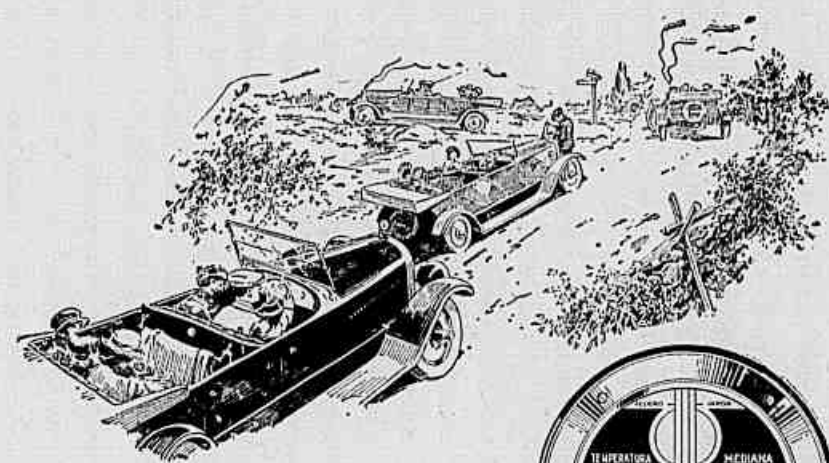
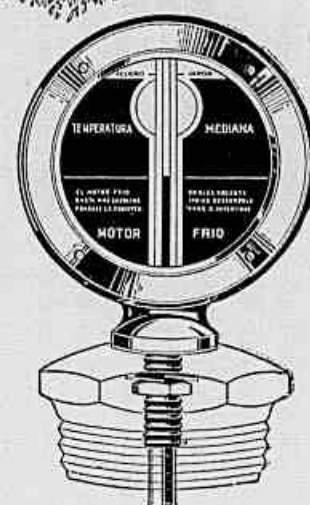
Estabelecimento de 1ª ordem, situado em ponto magnifico, ao lado da E. F. Central do Brasil.

Agua canalisada nos quartos, elevador electrico, mesa de ligações telephonicas.

Restaurante
irreprehensivel

Aposento com pensão desde 12$000

Aposento sem pensão desde 7$000

End. Telegraphico :
FLUMINENSE
Rio de Janeiro

Póde
succeder-lhe!

TALVEZ não tenha occorrido ainda nenhum precalço grave com o seu motor, porém isso não quer dizer que jámais o possa succeder. No melhor dia, algum accidente sem importancia, algum descuido, póde custar-lhe uma perda séria de dinheiro e de tempo. Basta que se rompa a correia do seu ventilador, ou se esqueça V. S. de pòr agua no seu radiador. Ou talvez falte azeite.
Alguns instantes depois de qualquer destes accidentes *secundarios*, sobrevirão accidentes *graves*, com seus inevitaveis gastos: coxinetes queimados, cylindros raiados, valvulas torcidas ou todo um motor inutilizado só porque não sabia V. S. o que se passava no interior do seu motor.

PROTEJA-SE COM UM MOTOR-METRO BOYCE

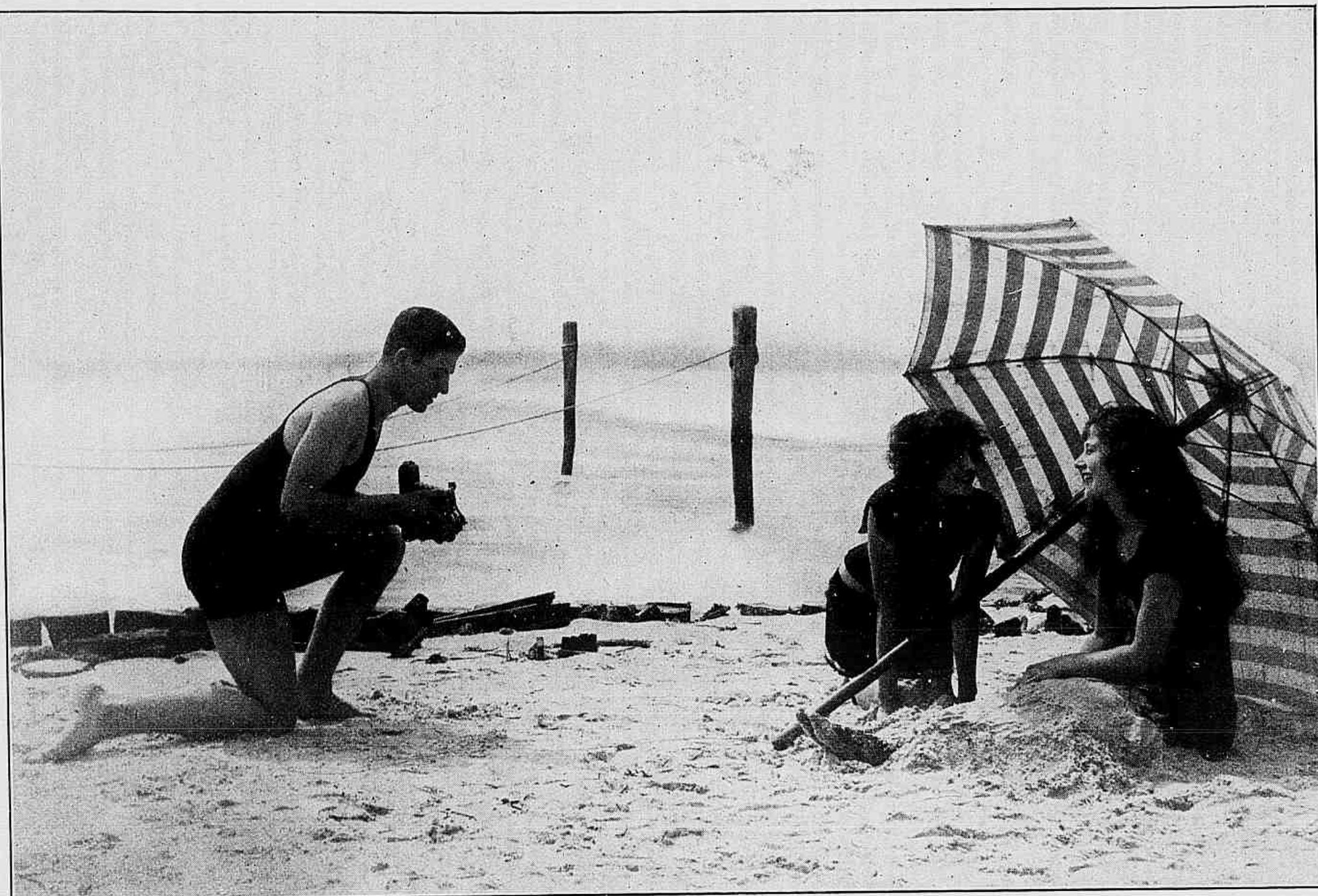
Um Motor-Metro Boyce á frente do seu auto protegel-o-á constantemente. A columna vermelha de liquido lhe indicará a temperatura do seu motor instantaneamente e a toda hora.
O Motor-Metro Boyce lhe advertirá do perigo de dez a quinze minutos antes que possa occorrer qualquer damno. Um motor frio tem quasi tão maos resultados como um motor demasiadamente quente, porque desperdiça combustivel.
Saiba como anda o seu motor. E' uma medida de protecção.
Os Motores-Metros Boyces estão, pelo seu preço, ao alcance de todo mundo, e se fabricam em tamanhos e typos que se adaptam a qualquer carruagem.
São exactos e de attrahente apparencia. Completam o perfil elegante do radiador e emprestam-lhe aspecto luxuoso. Pódem installar-se quasi instantaneamente e sem necessidade da ferramentas especiaes nem de conhecimentos de mecanica.

Compre um

BOYCE
MOTO METER

O seu automovel merece um

THE MOTO-METER COMPANY, INC.
Long Island City, N. Y., E. U. A.

Agentes: P. W. Peabody – Caixa 2624 – Rio de Janeiro

KODAK

Na praia, no campo e no lar domestico se offerecem a cada instante scenas dignas de serem photographadas.

A Kodak, simples e facil de manejar, permitte tirar excellentes photographias que vale a pena conservar.

Todas as Kodaks são Autographicas

Kodak Brasileira, Ltd., Rua Camerino 95, Rio de Janeiro

Depositarios exclusivos para vendas por atacado

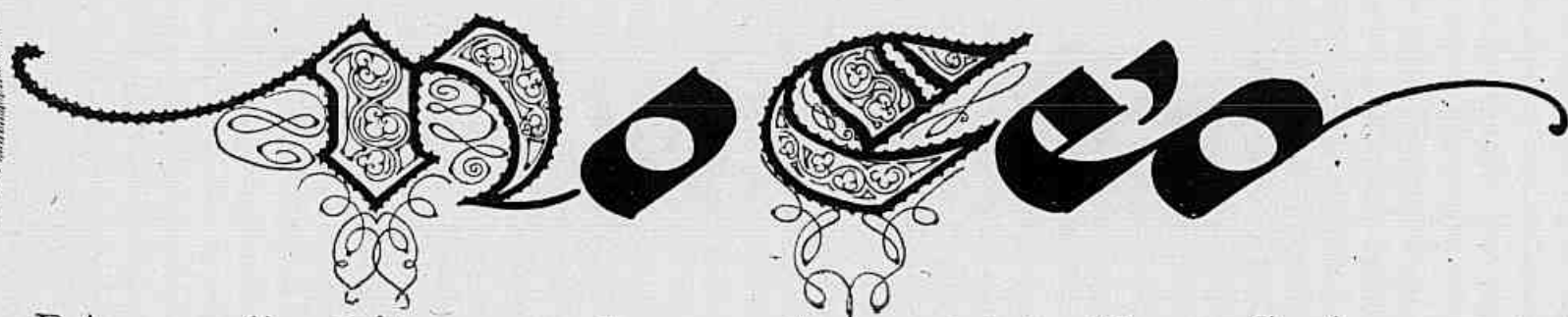
"Casa Hamburgo"

Ewel & Cohen Ltda.

Telephone — Norte 1986

Rio de Janeiro
Rua dos Andradas, 44

S. Paulo
Rua Santa Thereza, 23

ANNO V — NUMERO 52 RIO DE JANEIRO, DEZEMBRO, 1924

ORA, aquella noite, como Jesus estivesse triste, Nossa Senhora, que o olhava, foi ter com elle e perguntou-lhe:

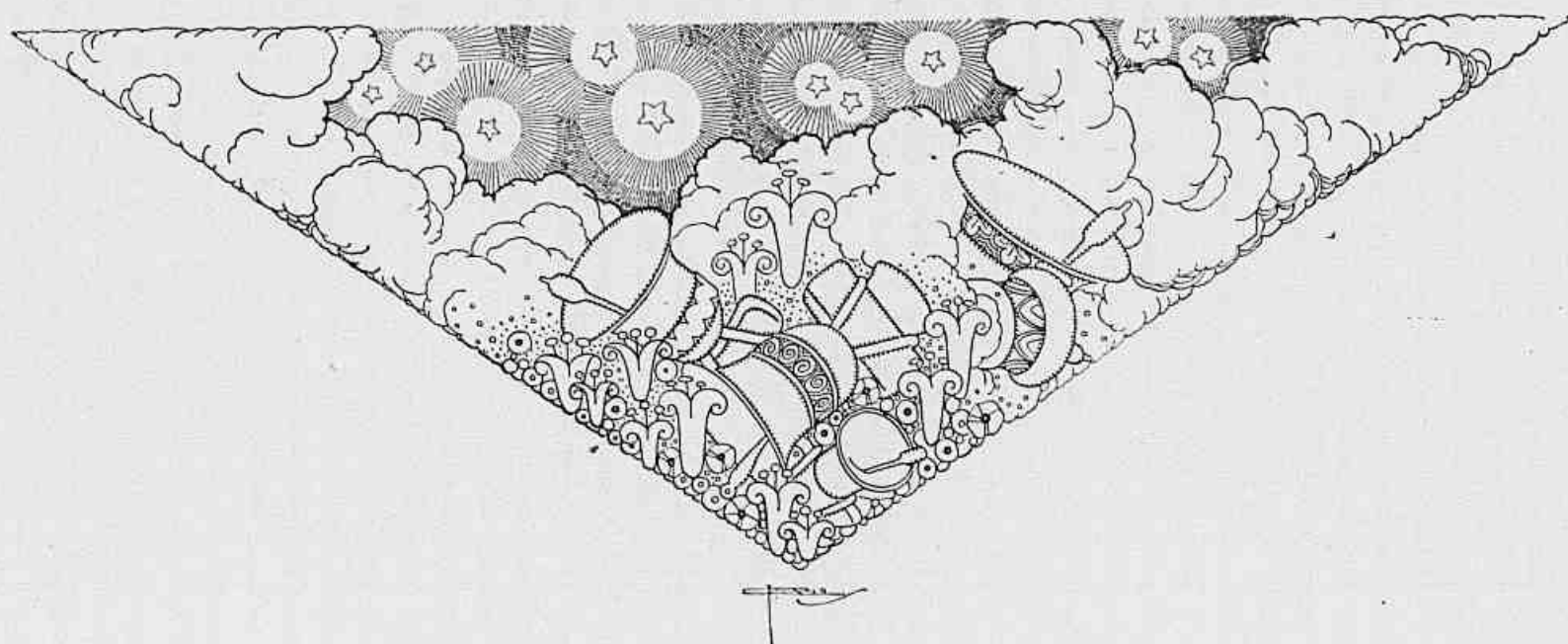
— Por que estás triste, meu filho?

De repente, o céo inteiro se illuminou. Uma harmonia maravilhosa, feita de vozes sem fim, envolveu as velhas paragens azues. Anjos e santos, bemaventurados e eleitos, todos os habitantes do reino eterno cantavam... Os jardins do paraiso encheram-se de flores. Perfumes subiam dos canteiros, visiveis, ao geito de nuvens... Era a festa do Natal que começava... Da terra, pequenina, lá em baixo, vinham resonancias de sinos bimbalhando...

— Por que estás triste, meu filho? — de novo o coração de Maria quiz saber.

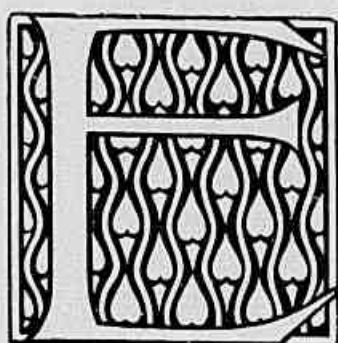
E Jesus disse:

— A esta hora, no mundo, sou uma creança que nasceu...

ALVARO MOREYRA

Dr. Dionisio Ramos Montero

Enviado Extraordinario e Ministro Plenipotenciario da Republica do Uruguay junto ao nosso governo.

A educação e os seus rythmos

por Oswaldo Orico

NSINA Guyau que o estado da criança, no momento de entrar no mundo, isto é, no instante de interrogar as cousas que a cercam, e de agitar-se deante dos elementos, é mais ou menos o de um hypnotizado. Caracterisa-a a mesma ausencia de idéas ou *aideismo*, o mesmo dominio de uma só idéa ou *monodeismo* passivo. Espiritos leves como as folhas que se agitam nas arvores, as crianças são, por isso mesmo, facilmente suggestionaveis. As virtudes que adquirem, os vicios que contrahem, as qualidades que assimilam e que as tornam bellas ou desagradaveis, tudo tem um principio na formação da personalidade. Essas virtudes ou defeitos nada mais parecem ser que o effeito da suggestão inicial; geralmente esse principio motiva uma tendencia que póde, por vezes, propagar-se durante toda a vida, orientando para o bem ou para o mal.

Ao mestre da sciencia de educar parece que a suggestão é a introducção, em nós, de uma crença pratica que se realiza por si mesma, e que essa arte moral póde ser definida como a arte de modificar o individuo, persuadindo-o de que é ou póde ser differente do que é. Para elle toda educação deve obedecer a uma clara allegoria do Bello e do Bom; todo objectivo, convencer a criança de que ella é capaz de ser bôa e incapaz de praticar o mal, afim de que, pelos ensinamentos de uma dialectica affectiva, se venha a fortalecer no espirito da infancia uma crença maravilhosa no poder da propria vontade para o Bem. A experiencia indica fixamente, com precisão que não admitte duvida, as vantagens desse poder de insinuação, que torna igualmente apreciaveis os personagens que o praticam. Faz-se crer aos pequenos que possuem bôas qualidades, e o contacto dessa crença é um incentivo para o esforço em justificar o conceito. Eis porque julgal-os com máos sentimentos, reprehendel-os injusta e severamente é produzir resultado contrario, o que já levou alguem a affirmar que a arte de conduzir gente nova consiste, antes de mais nada, em suppor os meninos tão bons como desejariamos que fossem. E não ha que fugir de theorias tão expontaneas. A vida está cheia de clarissimos exemplos, e os mesmos principios que dirigem a sciencia de orientar almas jovens são parallelos aos principios applicados á arte de governar os homens. Os factos observados nas prisões demonstram que tratar por grandes criminosos os caloiros no crime é impellil-os para o grande crime. Exaltar um homem na estima publica e na sua propria estima é o melhor meio de o exaltar realmente. Se um preso vir um de seus companheiros se gaié correr com ares aggressivos para o director do presidio, e segural-o em um movimento instinctivo, que denuncie a pureza que não desappareceu tocada por um instante de macula, esse acto bastará para salvaguardal-o a si mesmo e desvial-o dos precedentes deante dos quaes o reflexo de uma nobre acção é mais que uma poeira tenue...

E' evidente que a estima testemunhada é uma das fórmas mais poderosas da suggestão. Pelo contrario, affirma um educador, crêr na maldade de qualquer, é tornal-o geralmente mais máo do que é. Na educação é necessario conformar-se a gente com este affavel dilemma: — Presuppor a bondade e a benevolencia. As vozes que se levantam para exaltar ou diminuir uma criança assumem, desde logo, uma invisivel força de suggestão: "Este menino é máo... E' preguiçoso... Não é capaz de uma acção meritoria... E' refractario ao estudo... Não aprende cousa alguma..." "Tudo isso entra a alma da criança como um destino cruel; anniquilla-a, amesquinha-a para o mundo, e só raramente, guiado por forças que dormitavam e que despertam á influencia de outras suggestões mais poderosas, é que o espirito humilhado consegue desprender-se da carcerula e do anathema em que se educou, para escrever uma pagina de impeto restaurador, para reagir contra a insinuação muitas vezes perfida e trabalhada. Quantos vicios desenvolvemos assim exclama o sabio, não por fatalidade hereditaria, mas por educação defeituosa! Pensa um homem douto que quando uma criança commette qualquer acção reprehensivel, deve existir o cuidado de, na correcção dessa culpa, não interpretar a acção no peor sentido, naquelle que possa acarretar um acto desagradavel de humilhação. A criança é muito inconsciente, em geral, para ter intuitos perversos: suppondo-lhe a intenção e deliberação preconcebida, não sómente se enganam mas criam-lhe esses defeitos. "Suppor o vicio é, muitas vezes produzil-o". Por isso mesmo é que a pedagogia moderna é bôa e saudavel. Os processos em que ella repousa são prudentemente suggestivos e joviaes. Polidos como columnas em que a mão do artista não deixa ficar uma aresta, um relevo desgracioso, uma saliencia perfida, elles são todo um capitulo de doçura, menos uma theoria illustre do que um acto de fé. Deve-se pois ensinar a infancia a condemnar os máos actos com uma lição que delles a separe.

Deve dizer-se á criança, ensinam os Mestres: "Bem sei que não quizeste fazer isso, mas estás vendo quaes são os resultados do teu acto; se não te conhecessem, haveriam de interpretal-o mal". Ahi está uma encyclopedia de suavidade e energia, energia temperada pela suavidade, e suavidade que vem da energia. Essa phrase é mais consistente em sua belleza do que as paginas insolitas em que se escrevesse um libello de accusações contra os máos actos.

Fouillée denuncia na criança a existencia de terriveis fatalidades. Pinta-a desassombradamente, com traços largos e heroicos, um pequenino monstro, de apparencias risonhas e candidas perspectivas, um pelago que, aos primeiros momentos, é um purissimo lago. Dentro della existe a multidão dos instinctos adormecidos, que esperam a ordem de abrir os olhos e gritar. Dahi a doce lembrança de outro Mestre, supplicando que se não dê á criança a formula de seus instinctos, pois do contrario, engrandecemol-os e impellimol-os a persistir nos seus defeitos, quando não criamos novos. "E' tão util tornar conscientes de si mesma as bôas tendencias, como é perigoso tornar conscientes as más, quando ainda se não affirmaram".

O principio de suggestão, o fio da nobre sciencia de Coué (1) é, além do mais, uma formula encantadora, a mais facil de todas as formulas que os homens descobriram para revelar os instantes da vida, na arte, na sciencia, na propria natureza. A missão de educar é a de persuadir tambem. O homem é feito de tal fórma, disse-o Pascal, que á força de lhe dizerem que é tolo, acredita; e á força de o dizer a si mesmo faz com que o creiam. Ha uma religião que deve ser, naturalmente, a primeira das religiões para a infancia; é a da fé em si mesma. Por mais egoista que seja esta theoria, é um principio da verdade contra o fetichismo illusorio. Nos momentos de exame, nos instantes de duvida, crianças e adolescentes abdicam, por habito contrahido, a fé na sua propria personalidade, a esperança na sua propria intelligencia, para, ingenuamente, distrahir e apagar com promessas calculadas o pavor que os domina.

Ora, esse pavor significa, antes de tudo, uma ausencia de fé em si mesmos. Aquelle que se acostumou a acreditar na sua superioridade para o dominio, prescinde naturalmente do medo. E, todavia, é tão commum em vesperas de exame estudantes elevando ás imagens que trazem nas paginas dos livros, orações varias, em que a convicção dá logar á supplica, em que o valor se abate deante do transporte mystico!... Tudo isso, está-se a ver, resulta de uma falta de iniciação na coragem e na serenidade, porque a criança é timida, e facilmente se deixa absorver pelas circumstancias da hora que passa. Por outro lado é um máo precedente, pois muita vez, deixando-se levar pelas influencias de uma crença exterior, confia ingenuamente em que a promessa ha de supprir a falta de estudo necessario. As religiões supplicam e ordenam, em geral: "Tenham fé". Mas é preciso, é essencial, diz-nos um pensador, para a moralidade, ter a fé em si, no seu proprio poder, e este, independentemente de todo o recurso exterior; é bom esperar que a fonte fecundante rebente do coração á primeira evocação, sem empregar a vara magica de que Moysés se serviu em um dia de duvida; a menor das tibiezas póde esterilizar-nos e reduzir-nos, impedir mesmo que jorre a fonte da vontade viva...

Os moralistas modernos são unanimes em firmar doutrina que se distancia da seguida asteriormente. Hoje, em moral, como em religião, a idéa da *salvação* é a idéa por excellencia, e para subsistir, lembra Guyau, não necessita de ser considerada como simples corollario da idéa do peccado. A doutrina de Jesus, quando insiste em ponto diverso deste, é condemnada pelos mais eminentes pensadores latinos, que chegam a preferir ás moraes religiosas que derivam do christianismo, a moral laica de Confucio, pelo seu caracter de originalidade piedosa e pela sua affirmação cem vezes repetida da bondade da natureza do homem normal. Abrindo as paginas do livro "Educação e Hereditariedade", lê-se este fragmento:

"Contestavel physiologicamente, a doutrina é util para a suggestão educativa. Digo que a natureza é bôa, escreveu Meng Tseu... não ha homem que não seja bom, como não ha agua corrente que não siga o seu pendor natural...

Já terão observado que nos annos de abundancia, o povo pratica muitas e bôas acções, que, nos de esterilidade, pratica muitas más".

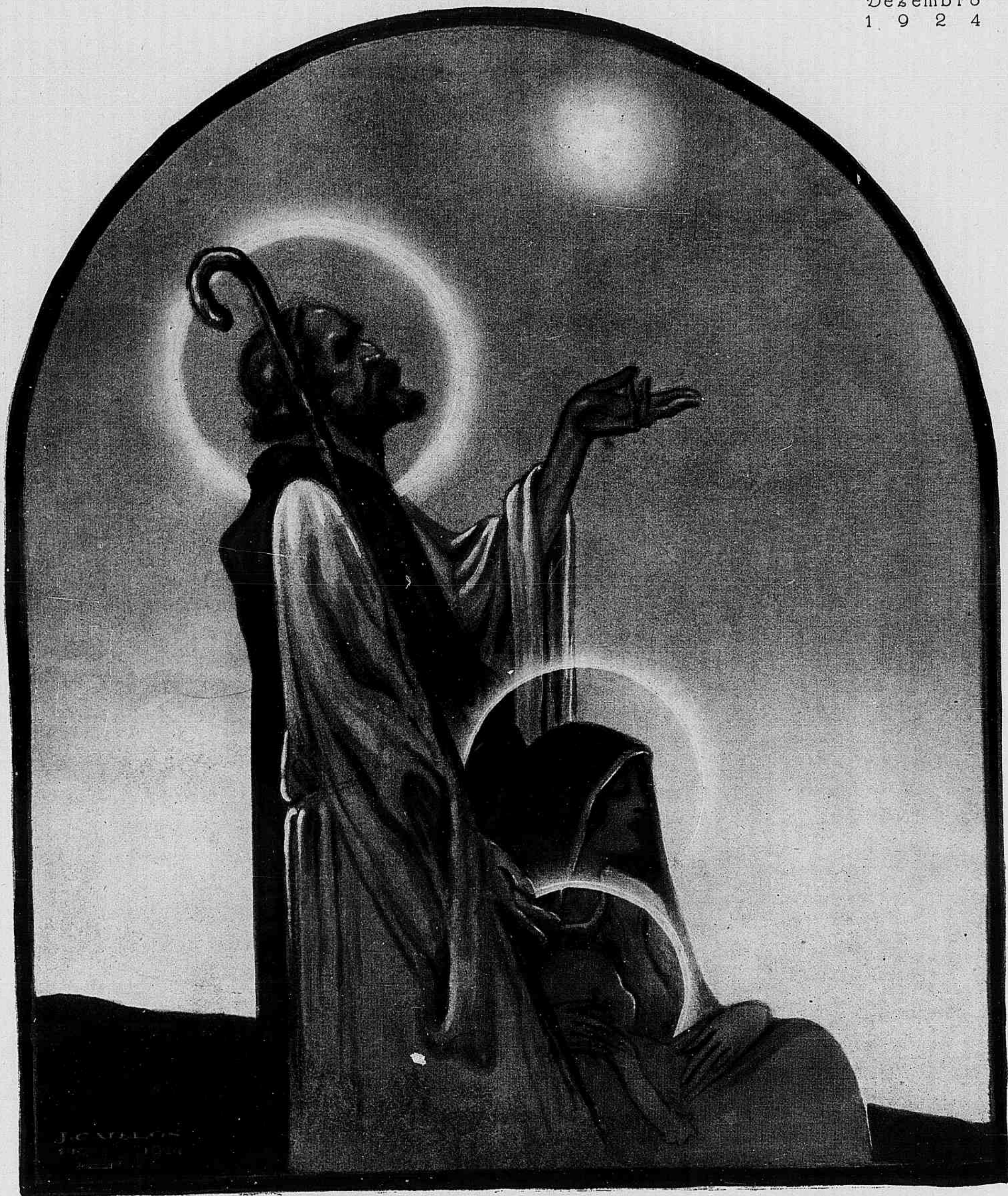
Assiste muita razão a esse religioso do Oriente longinquo; e aquelle que o cita e commenta, muito acerto põe em seu escrever, quando diz: "todas as causas da discordia entre os homens representam sempre uma transformação mais ou menos complexa do boccado de pão primitivo; o verdadeiro peccado do homem é a fome sob todos os aspectos". Esse peccado, porém, obedece, algumas vezes, a outras fatalidades, e ha heróes que rugem e clamam, pelo instincto, como na galeria de Balzac o melancolico Grandet, o impossivel Goriot e o pittoresco Robourdin.

O fim principal, o fim basico da educação é, pois, suggerir á criança uma luminosa fé nos seus recursos e dar-lhe a certeza de que vem ao mundo para vencer; vencer a propria fatalidade, sobrepondo-se ao destino, que póde ser uma cousa vã. A multidão dos instinctos adormecidos terá uma bella transformação com os suggestivos capitulos que embalam a alma da juventude.

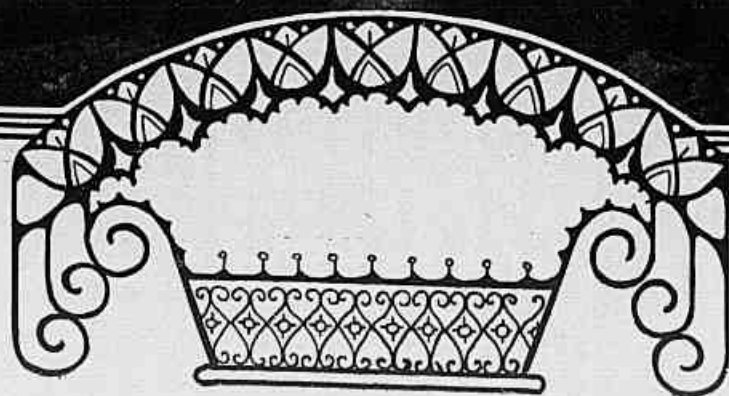
A arte de educar tem um fim verdadeiramente util, que não é o de formar precocidades mas o de preparar individuos normaes, que esses individuos é que fazem as collectividades necessarias. Está pois, nessa arte, o segredo que deve ser revelado á criança atravez de um grande affecto e de um grande amor. No livro de um dos claros pensadores que amam descobrir as subtilezas das pequeninas almas, ha um exemplo capital. Um pequeno de tres a quatro annos, que commetteu uma pequena falta pela qual ouviu ralho, quiz, por mais de uma vez, beijar a mãe; esta oppoz-se a isso, e o pequeno ficou tão sentido e rancoroso, que dahi por deante refilava á menor reprimenda. Eis porque hoje a crença geral é a de que ninguem póde fazer-se obedecer de uma criança senão amando-a, e, por outro lado, não se fará amar, senão fazendo obedecer com imagens reflectidas e leves.

As crianças educadas com amor são as crianças mais felizes. E no mundo dos pequeninos sêres, como no mundo dos grandes, a razão mais alta do que todas as razões tem no amor a sua razão de ser.

---

(1) "La suggestione é un argumento del tutto movo ed ensieme vecchio quanto il mondo" — "I. dominio di Se Stessi" — Pg. 21.

Gloria in Excelsis Deo

(Desenho de J. CARLOS)

Sociedade
Carioca

Senhora Dr. Edgard
Costa
com sua filhinha Raphaela

Nariz e Narizes

Alberto Faria

(Palestra na Academia Brasileira)

O thema escolhido para minha conversa, fiada só em vossa benevolencia, é dos mais vastos, e o tempo de que disponho, ainda que bem aproveitado fosse, não me permittiria synthetisar, ao menos, os trabalhos relativos a essa diminuta parte do corpo humano, com tão larga praça na literatura de diversos povos, especialmente na humoristica.

Autores houve que muito escreveram a respeito della, convindo salientar os italianos, dentre os quaes um, pretendendo dar a medida completa dos deleites que nos proporciona o béque, compôz o livro - - OS PRAZERES DO NARIZ, e outro, compenetrado de "che il naso é quel che nel uomo più s'estima", dedicou-lhe todo um desopilante poemeto glorificador — O NARIZ. O ultimo, releva notar, incumbiu-se da biographia (**sic**) do proprio nariz, que era de primeira grandeza, não olvidando até a predicção do medico que o viu nascer:

"Si o nariz cresce ao misero filhinho,
Dos annos ao crescer em proporção,
Qual zimborio será de S. João!"

Um leão

Inglezes e francezes tambem se interessaram assás pelo nariz. Cooper quiz resolver este problema transcendentalissimo: "Pertencem os oculos aos olhos, ou ao nariz?" E Dumas Filho propôz est'outro á sagacidade dos psychologos, alquando conquistadores: "Que deve fazer um homem, em cuja ponta do nariz apparece odiosa espinha, exactamente no dia de uma primeira entrevista?"

O general Kléber

Cumpre-me ainda lembrar que o zurichense João Lavater, ministro protestante do 18º centenario, nos ENSAIOS PHYSIONOMICOS, e Sophus Schack, major do exercito dinamarquez, n'A PHYSIONOMIA DO HOMEM E DOS ANIMAES, obra de 1887, estudando as expressões do rosto e o que traduzem, emotiva e sentimentalmente, referiram ao nariz um grande papel, sem, todavia, o converterem em **nariz de papelão**.

Caprichos do talento, puerilidades do genio, quiçá? O certo é que nem um exgottou a materia, manejando a penna-galhofeira, ou conspicuamente. E, assim, deveis comprehender que mal posso esboçar um fugitivo capitulo na immensa historia do nariz, capitulo de erudição facil e leve, daqui tirando um dado exacto, uma simples anecdota, ali colhendo para serzil-os em manta de retalhos, que não vos pese como estofo entretessido dos fios grossos e poentos de uma sapiencia tão aborrida quão falsa...

Ao nariz tem-se ligado importancia esthetica desde remotos. Os antigos e os medievos, si desejavam amesquinhar um individuo, arrancavam-lh'o, ou cortavam-lh'o. Era esse o castigo das adulteras no Egypto, donde se teria communicado a Grecia e Roma. Ao proposito, conta Martial, nas epigraphes 83º do l. I e 85º do II, dois casos de amantes desnarigadas por maridos ciumentos de prerogativas exclusivistas, observando judiciosamente que a amputação do orgam farejador não bastava a prevenir reincidencias criminosas... Esse foi, durante annos, o supplicio dos blasphemos em França. E nos STAT. DE AVENION, 1243, encontra-se: "Si alguem der falso testimunho, cortem-se-lhe o nariz e os beiços até os dentes." Creio que isto, de algum modo, concorreu para o brocardo: **Qui coupe son nez dégarnit son visage.** E explica nosso popular **Ir ás ventas de Fulano**, ou Beltrano (sem embargo do plebeismo da acção, assim designada plébeamente, os annaes da vida academica em S. Paulo registam o caso de Theophilo Dias ter mordido a ponta do nariz a Silva Jardim)

Francamente, não se podia conceber maior damno á formosura, mais grave insulto á plastica. E debalde fôra tentar illudil-o, consoante a Filinto Elysio, no conto:

"Olho, ou nariz, que faz, ou não na cara?
(Dizia, ciciando, Florisbella);
O corpo é nada. O amor prende só na alma.
Eis que, da guerra chega o ausente amante
Parche o nariz lhe cobre. O nariz? Négo,
Cobre o sitio em que esteve. — Eis se arremessa
A seus braços o amante. — Ella recúa.
"Como é possivel (diz) que, tanto, a uma alma
Desfeie um nariz menos!"

Uma hyena

Mulher, ou homem sem nariz, possua embora labios de mel e olhos de fogo, não é homem, não é mulher: é caveira, e caveira das peores, caveira com resto de vida, caveira ambulante, caveira phantastica... **Abrenuntio!**

Rodrigues Dória escreveu algures: "por não terem nariz as **almas do outro-mundo,** nossas avós quando nos contavam historias dessas apparições, sempre articulavam em voz tétricamente fanhosa palavras attribuidas aos espiritos que voltavam á terra." O lungente **Você me conhece?** de varios mascarados, cujo espirito, ao contrario, foge da terra, é fanhoso tambem, pois falam então pelo nariz, **nari loqui,** consoante a Persio.

Vem de molde, em se tratando de mutilações negregosas, recordar que as monjas de S. Cyro, por occasião dos arabes invadirem Marselha, berço tradicional de patranhas e heroicidades, se privaram de lindos promontorios olfactivos para não sentir o almiscar dos bódes orientaes. Elles chegaram ao mosteiro, viram as imitadoras do persa Zópyro, gravemente citado na estancia 41, do c. III dos LUSIADAS, e, alçando os alfanges, deitaram a rolar pelo solo cabeças de fieis esposas do Senhor... Malvados! conclamareis vós, corações transbordantes de piedade posthuma. Esthetas! protesto eu, que só metaphoricamente lhes revolvo as cinzas — ás freiras e aos filhos de Allah.

O sentimento do bello, eterno e immutavel, existe nos seres humanos ainda os mais rudes. Vou relatar-vos um facto de observação pessoal. Quando menino, visitei o Bom Jesus do Monte, em Braga, percorrendo-lhe as capellinhas da ingreme ladeira em zigzags, cheias de poesia christã, sob as ramadas de verde-negras carvalheiras, em que serrazinos e tentilhões chilreavam alacres ao sol faiscante de uma domingueira manhã de primavera. Numa das capellinhas, deparou-se-me enorme judeu de granito, com o nariz quebrado. Acudiu o guia a satisfazer minha natural curiosidade, declarando aquillo **partida** (a **peça** dos brasileiros corresponde á **partida** dos portuguezes) de um campônio muito religioso e muitissimo dextro em brandir o cajado.

Hoje, ao rememorar a **judiaria**, penso que S. Pedro, desorelhando a Malchos (equivalente actual-mouco, surdo) no Jardim das Oliveiras, junto á murmura corrente do Cedron, erraria a gebada; desnarigar o algoz do Mestre era, provavelmente, seu objectivo... Mas, porque não foi primeiro exercitar-se com os pastores minhotos, da patriarchal Brácara Augusta, no jogo do pau? Não nôl-o quiz informar S. João, EVANGELHOS, capitulo XVI. Reserva de sabio da Escriptura...

Robespierre

A falta de nariz, repito, causa horrivel impressão. A's vezes, porém, dá logar a scenas verdadeiramente cômicas. Senão, ouçam. O bardo inglez William Davenant, filho de Shakespeare, ao que se suppõe, perdera o delle, em consequencia de terrivel enfermidade. Certa feita, passeando em Londres, viu-se abordado por impertinente mendiga: "Deus o abençôe e conserve-lhe a vista." O transeunte passa ás mãos da pobre uma pequena moeda. "Deus o abençôe e conserve-lhe a vista", eis torna ella. "Porque insistis em deprecar a conservação de minha vista; acaso, estarei em risco de perdel-a breve?" inquiriu sir William. "Não, meu senhor, respondeu solicita a velha trapenta; é que, si V. S. viesse a soffrer dos olhos, não teria onde pousar os oculos..."

Uma raposa

Talleyrand

Os romanos prezavam sobremodo os narizes, tanto que, attendendo á fórma, ou ao tamanho, dos de personagens illustres, quer nas armas, quer nas letras, cognominaram por elles os respectivos portadores. A Publio Cornelio Scipião, declarado por um decreto senatorial o mais honesto cidadão da Republica, chamaram **Nasica**, porque tinha o nariz

fino e pontudo; a Publio Ovidio, o vate amoroso por excellencia, **Naso,** porque o tinha avolumado. A minima particularidade, notada nesse orgam, propiciava uma designação caracteristica. O appellido **Cicero,** pelo qual se conhece Marco Tullio, o maior orador do tempo, resultou-lhe de ter uma verruga adjacente ao nariz, parecida com o grão de bico, **cicer.** E em tanto não havia grão debique, acreditem. **Cicero meus** ficou sendo locução affectiva, que os paes applicavam aos filhos reveladores de altas disposições, e dahi a origem de **cicerone,** na Italia explicador de antiguidades locaes.

Que o nariz, em seus movimentos, já traia para elles, como trai para nós, estados de alma, attestam-no diversas phrases de escriptores famosos, bastando-me ao fim apontar quatro de facil achada. De Quintiliano: **Corrugare nare,** franzir o nariz; de Persio: **Ira cadat naso,** cesse a ira de entumecer-te o nariz; de Horacio: **Suspendere omnia naso,** torcer o nariz a tudo; de Tertuliano: **Narem contrahere,** zombar. E pelo appendice facil distinguiam o homem de qualidade, ou a qualidade do estilo. Martial disse: **Habere nasum,** ter gosto, e disse Plinio: **Condere stili nasum,** inventar o estilo satirico. Dess'arte, o nariz era o estilo e o estilo era o homem. Ao que se afigura, dando-lhes na peugada, batendo-lhes o rasto, Buffon... bifou-lhes seu rustido aphorismo. Todos os citados, mais Phedro e Sêneca e outros empregaram **nasutus,** narigudo, possuidor de narigão, como synônymo de — avisado, esperto, fino, gracioso, zombeteiro, etc.

Tiberio, tributando os narizes, teve o cuidado de consignar no edicto um paragrapho que isentava de impostos os narizes egrégios. E Domiciano ordenou que nenhuma curul do senado fosse occupada por quem não houvesse nariz longo e recurvo, examinando-se préviamente o physico dos candidatos, para se lhes **dar com a porta no nariz** em hypothese contraria. Imagine-se, pois, como os bem aquinhoados da sorte não se exhibiriam no Fórum, **senhores de seus narizes.**

Na mulher, pela lei dos contrastes, que é a das attracções em amor, queriam-se narizes reduzidos, como deixa transparecer Catullo, o "douto" segundo Ovidio e Tibullo; no epigramma 41.° perguntou si estaria com juizo perfeito a amante do fallecido Mamurra, pedindo-lhe 10.000 sestercios, ella, dona de nariz disforme, **turpiculo naso.** E, no 43°, despeitado em razão de compararem-na a sua Lesbia, fez sentir a negatividade daquella belleza, por não ter um nariz, homoepathico. Martial, que tambem acatava a opinião do Catullo, esse, exigia, no epigramma 42°, do l. IV, que o nariz de quem devesse proporcionar-lhe caricias fosse ligeiramente aquilino, **modus breviter sit naribus uncis.**

Sob o imperio de Nero, as donas não só usavam bandós, para diminuir a fronte, cousa muito apreciada, mas ainda véos, que desciam até o nariz, ou barba... entenda-se: reporto-me ao queixo, quando digo barba; as nerinas apenas tinham pellos nas narinas, vale — **cabellinhos nas ventas,** como algumas patricias nossas, do extremo sul, ou do extremo norte, mas nenhuma presente agora. Contra o ultimo desses usos debalde se insurgiu Petronio, o arbitro das elegancias, perdendo os versos no epigramma 20°, ou, por outra, **perdendo seu latim.** Todavia, a parure (relevae-me o gallicismo de loja de modas), que dava á mulher uma tal qual similhança com a cigarra, tinha que ser substituida pela mantilha, transmudando-a em tanajura... formigas com asas.

Manifestou-se depois a santimonia christã, aggravada pelo contacto dos asiaticos, cujos habitos de reclusão feminina transferiram ao Occidente. No regimen catholico-feudal, as cousas tomaram nova figura, peiorando, relativamente á mulher, sujeita á gelosia, fórma architectural argüidora do ciume na arte, — aliás impotente para cegar os olhos da imaginação, unicos com que vêm os poetas, como o que cantava:

> "Nem te vejo por entre a gelosia;
> Nunca no teu olhar o meu repousa;
> Nunca te posso ver, e, todavia,
> Eu não vejo outra cousa!"

Póde-se affirmar, sem receio de erro, que a educação dos conventos, recalcando tendencias naturaes, com o amortecimento da contemplação do nú, do senso esthetico da anatomia viva, deu ensanchas á hypocrisia, ergueu á altura de um principio a malicia.

A Renascença, que tarde se fez sentir em Portugal, morosamente produziu seus effeitos, no reino e colonias, onde vigorou por muito tempo o biôco, esse complemento da gelosia, destinado a occultar as linhas graceis, os suaves contornos de um lindo palminho de cara. Disse um mineiro que no respectivo Estado houve uma cidade corroida pelo jesuitismo, na qual "difficilmente se veria um homem sem oculos pretos, uma mulher sem mantilha, ou um predio sem rótulas." E accrescentou: "tal devera ser, no seculo XVIII, o aspecto geral das localidades brasileiras". Essas casas e essas mulheres suscitaram commentos pinturescos aos poetas de Parny e Bocage, nas visitas ao Rio de Janeiro, onde aportaram em 1773 um e 1786 outro.

Voltaire

Que assim era em S. Paulo, tambem, asseguram-no alguns dos DOCUMENTOS INTERESSANTES, que colligiu a louvavel paciencia do extincto Antonio Piza. A 23 de Setembro de 1775, o famigerado Martim Lopes Lobo de Saldanha, governador da capitania, mandou publicar um **bando** prohibindo, sob penas de multa e prisão, o uso que faziam as mulheres paulistas de mantilhas de baetas, de geito a eclypsarem-lhe todo o rosto. E um aviso régio de 30 de Agosto de 1810 approvava o acto de seu successor, Antonio José da Franca Horta, que insistia na prohibição, determinando fosse applicado o producto da multa, já estabelecida, em beneficio do Asylo de lázaros, talvez por se acolherem alli tantos desditosos a quem a morphéa, o **mal feio** do povo, abatera os narizes.

Um carneiro

Carlos II, de Hespanha

Não julgueis, comtudo, que a firmeza de violentos capitães-generaes, benemeritos propugnadores do desvendamento nasal em plagas de Santa Cruz, acabou em absoluto com o systema; não. Em minha adoptiva e querida Campinas, ha uns trinta annos, existia, casinha terrea, de janellitas de grades, habitada por duas anciãs que traziam os narizes debaixo de mantilhas de merinó preto. Morreram ambas, a curto intervallo, fieis á tradição devota, antes que o local se transformasse para receber a estatua do musicista, cujo nariz de bronze accusa aos posteros a energia selvagem do autor do GUARANY.

Sem querer, a divagar um tantinho, ia eu penetrando seara alheia, a dos chronistas d'antanho; mas já lhes deixo o campo livre, mesmo porque não mais existem casas daquelle feitio, nem mulheres daquella edade. E as jovens d'agora, capacitadas de quanto o nariz compõe o semblante, morando em predios novos, de amplas janellas, altivamente o exhibem: **nez en l'air!**

Um cão d'agua

Como traço physionomico, é o nariz não só o mais saliente, porém ainda o mais original: sob os olhos e acima da bocca, no centro do rosto, predomina com apparencia de orgam impar, comquanto seja duplo pelo numero das fossas, o que levou Antonio Guadagnoli a dizer:

> "Si um pé nos falta, inda outro pé nós temos;
> Cortada uma das mãos, outra nos resta;
> Si um dos olhos se foi, por outro vemos;
> Mas, si o nariz se vai... finda-se a festa!
> Ah, porque Deus, que em duplicata quiz
> Dar tudo ao mundo, fez um só nariz?"

Um mestre-escola da Jutlandia

Accresce que as pupillas pódem ser disfarçadas por oculos, ou **pence-nez,** e os labios pódem modificar-se sem ajuda extranha, num sorriso, ou num muxoxo... O nariz, não, não mente; a descoberto, perfilado, desafia a colher de pau da critica, fungando imperterrita e zombeteiramente: **Ego sum qui sum!** Todavia, o homem, o bicho manhoso, cerrando as palpebras e aproveitando-se de sua habilidade fungadora, torna-o cumplice involuntario de um unico fingimento, aliás innocente: resonar fazendo que dorme, **Vigilanti stertere naso,** de accôrdo com o verso de Juvenal. Mas tanto elle nos denuncia, que o ante-face ou mascara, que afivelamos, no triduo de Momo, esconde-o, inteiramente, não escondendo de todo, a egual passo, os olhos e a bocca. Pandegos ha que, no Carnaval, se servem apenas de narizes postiços, para não ser conhecidos. E conseguem-n'o.

Um lebreu

Um espião

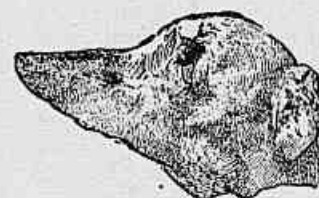
Didacticamente, os narizes enquadram-se numa tripartida classificação geral, a de Boncour e outros anthropologistas:

1° — Leptorhinos, das raças brancas.
2° — Platyrhinos, da raça negra.
3° — Mesorhinos, das raças amarella e vermelha.

Podemos distinguir-lhes os typos, considerando feitio e tamanho.

São classicos:

Recto, com base horizontal (grego).
Convexo, com base deprimida (romano).
Concavo, com base reflectida (arrebitado).
Sinuoso (corcovado).
Arqueado (de cavallete) etc.

No **folk-lore** mencionam-se variantes intermedias, ou combinadas.

O esborrachado do caipira brasileiro, que vale o **camus** do parisiense, figura na quadra:

> Vancê diz que eu sou feio,
> De nariz esborrachado;
> Que fará si vancê visse
> O nariz de meu cunhado.

Esse corresponde ao **simus** dos romanos. Lucrecio chamou a uma rapariga **Simula**, como si dissesse — a esborrachadinha.

E é sabidissimo o apôdo:

> Chico, chicote,
> Nariz de bodoque,
> Vendeu sua mãe
> Por um sacco de pelote.,

ou um caco de pote, por alteração phonética.

Um bull-dog

Algumas denominações antigas e modernas, como a de nariz aquilino, literaria, e a de nariz de papagaio, popular, pro cedem evidentemente da comparação zoologica.

Occorre notar, a proposito, que entre os seres racionaes e irracionaes existem realmente analogias physionomicas, não raro argüindo affinidade de caracteres. Ha pessoas cujos rostos lembram caras de bichos, para tanto contribuindo a similhança dos narizes de umas com os focinhos de outros. Cinco indicações precisas: Kleber, o generoso e bravo general, parecia-se com o leão; Robespierre, politico feroz e sanguinario, com a hyena; Talleyrand, diplomata argúto e matreiro, com a raposa; Voltaire, irriquieto e escarninho escriptor, com o macaco; Carlos II de Hespanha, rei fraco e indeciso, com o carneiro. Na obra illustrada de Sophus Schack, instructora de nasologos ou ninologos occasionaes, como o que ora vos fala, deparam-se desenhos comparativos. Ahi se aproximam ainda: um mestre-escola da Jutlandia dinamarqueza de um cão d'agua; um espião policial de um lebreu; uma vendedora de peixe de Copenhague de um **bull-dog;** um alto funccionario publico da Dinamarca de um boi; um frade benedictino da Italia de um porco; um barbeiro romano de um papagaio; uma dansarina de uma gata; um velho desertor de um urso, etc. E por ahi se vê mais que muita gente se parece, physica e moralmente, com o burro, o coelho, o rato, o corvo e a coruja, por condições naturaes, ou por habitos de vida.

Uma vendedora de peixe de Copenhague

Os criminalistas, servindo-se de processos psychologicos, em seus estudos da delinquencia, chegaram á conclusão de que, via de regra, os narizes mononamente longos, são os de loucos, lypomaniacos, monomaniacos e epilepticos, quasi sempre; os curtos dos luxuriosos e cretinos; os médios, dos ladrões em geral; os grossos dos valentões; os largos, dos salteadores e assassinos. Mas, o que podemos ter por menos fallivel é que na maioria dos casos, os narizes razoavelmente longos, de boa elevação e soffrivel grossura são os dos individuos equilibrados, honestos.

Consideremos os narizes normaes, no ponto de vista esthetico-psychologico, dando o primeiro logar aos do bello-sexo, como pede a cortezia.

Os mais prezados foram e continuam a ser os pequenos, não obstante a duvida creada por Bernardo Guimarães, com a estrophe d'**O nariz perante os poetas:**

Um boi

> "Si bem me lembra, a BIBLIA, em qualquer parte,
> Certo nariz ao Libano compara;
> Si tal era o nariz,
> De que tamanho não seria a cara?!"

O humorista das alterosas montanhas não quiz entender o versiculo 4º do cap. VII do CANTICO DOS CANTICOS: "Teu nariz é como a torre do Libano que olha para Damasco."

Alto funccinoario publico da Dinamarca

Salomão pretendia significar que o nariz de Sulamita se adelgaçava na ponta, como a torre do monte; não que fosse como o Libano, quanto á dimensão. Aliás, quando nós dizemos que uma mulher se assimilha a uma palmeira, qual da amada o disse elle no versiculo 7º do referido cap., o objecto da comparação é só a fórma. José de Alencar, descrevendo analyticamente Iracema, affirmou que a **morena virgem do sertão,** a **filha da terra dos verdes mares bravios, onde canta a jandaia, na fronde da carnaúba,** "**tinha o talhe da palmeira**". E, numa linguagem doce como o cicio das palmas, agitadas por brisas refrigerantes do Ceará adusto, deu-nos idéa cabal da esbelteza feminil da heroina selvagem.

O luso João de Deus interpretou, com felicidade, o madrigal, cujo espirito de synthese, peculiar ao estilo biblico, levou a equivoco aquelle nosso patricio, vertendo-o da maneira infra:

> "Vês a torre que apparece
> Lá no Libanio, e que diz
> Para Damasco? Parece
> Mais airoso o teu nariz!"

Nem se comprehende que os hebreus, que vedavam o sacerdocio a homens de nariz disforme, no versiculo 18º do cap. XI do Levitico, pelo receio de hilaridade que isso provocaria, admittissem a monstruosa imagem no idyllio.

Fique assente, até novo e mais seguro juizo, pois não presumo de exegeta, que o nariz da formosa entre as formosas do milheiro salomonico era **afilado.**

O vate mineiro commetteu maior injustiça no seguinte passo:

> "Não sei que fado misero e mesquinho
> E' este do nariz,
> Que poeta nenhum, em prosa, ou verso,
> Cantal-o jámais quiz.'

Como em despique á sátira, cantaram-no tres de nossos lyricos, cheios de ternura e graça.

Fagundes Varella, cujo cincoentenario vamos celebrar aqui, a 18 do mez entrante, incluiu em seu **Ideal** de belleza:

> "Um nariz pequenino e torcido."

Junto de uma virgem morta, o Sr. Alberto de Oliveira fez dizer a **Lucilia Coesar:**

> "Ai! amava-te, Helena! e a razão porque amava
> Não sei... Força, attracção, algo transcendental...
> Que alma roçou jámais o ether, como eu roçava,
> Num zumbido de amôr, teu narizinho ideal?"

E. na **Missa da Resurreição,** disse Raymundo Corrêa:

> "Que frio atroz! E a capa te envolvia
> Toda (e lembra-me bem) de modo tal
> Que desse rosto ingenuo, unicamente,
> Dois olhos de azeviche, enamorados,
> E a ponta de um nariz mimoso eu via;
> Assim, ó Emma, entre os frouxeis dos ninhos,
> Occultos e de frio inteiriçados,
> Os passaritos deixam ver sómente
> A ponta côr de rosa dos biquinhos."

Antes delles, porém, o haviam celebrado outros, de alheios climas e varias edades, emprestando-lhe até alguma cousa das flôres, côr, ou fórma, quando não compararam a mulher inteiramente á rainha das flôres, como Gil Vicente, que chamou á Virgem Maria "humana e divina rosa", ou Luiz de Camões, que ás irmãs communs de Eva chamou apenas "humanas rosas".

Imitando, sem o saber talvez, o falso Anacreonte, da ode XXVIII, que vos inculco na traducção paraphrastica de Castilho (Antonio):

> "A' face, ao nariz conserva
> O encarnado e o fresco alvor;
> Não ha tinta tão mimosa:
> Mistura o lirio co'a rosa,
> E tens-lhe acertado a côr.",

o segundo quinhentista luso exprimiu-se na canção V:

> "O bem proporcionado
> Nariz, lindo, afilado,
> Que cada parte tem da fresca rosa."

E um inglez moderno, Tennyson, por esta guisa descreveu donzella cujos encantos o fascinaram:

> "Joven nobre co'a flôr de Maio á alvinitente
> Fronte, e ás faces da flôr da romeira o rubor;
> Qual de um falcão possuindo o olhar vivaz, ingente;
> Minusculo o nariz, de ponta levemente
> Arrebitada, e egual a pétala de flôr."

Tanto bastava para sagrar o nariz pequenino e revolto, frequente nas mulheres, mas raro nos homens (em cerca de quinhentos retratos de va-

rões celebres, constantes do livro-galeria de Paulo Freher, nem um se depara desse tamanho e feitio).

Os physionomistas de hoje são accordes no preferir, em se tratando de mulheres, os narizes concavos, ou mesmo direitos, mas de base reflectida, como os da Du Barry e da Pompadour, talvez similhantes ao da formosa Egypcia, cuja importancia historico-politica revê a phrase de Pascal, que todos conhecem.

O Sr. Medeiros e Albuquerque plausivelmente explicou alhures o motivo dessa preferencia:

"O nariz arrebitado é, em geral, o das creanças, que só ao partir dos seis annos, mais, ou menos, o vão modificando. Ora, em regra, os homens preferem nas mulheres o que nellas lembra a graça infantil."

E, accrescento eu, com que zelo carinhoso as mães procuram soerguer os narizitos aos filhos, de peito ainda, apertando-lh'os com os dedos humidos de saliva, ao alvorecer de cada dia, para que adquiram aprumo gracioso, quedando-se embevecidas ao descobrirem-lhe ligeiros traços azues, que as veias nos mesmos são prognosticos de felicidade!

Não se devem entristecer, comtudo, minhas ouvintes de narizes rectos de base horizontal, porquanto estes denotam constancia e meiguice, ao passo que os concavos de base reflectida accusam vo'ubilidade e capricho...

O MANUAL DO PHYSIONOMISTA DAS DAMAS, da collecção Roret, ministra proveitosa informação aos que buscam noivas:

"Nenhuma mulher cujo nariz se inclina muito para a bocca é boa, de genio alegre; ao contrario, é retrahida, propensa ao mal."

De facto, não se recommendam os narizes muito aduncos, francamente indiciativos de dominação e crueldade, quaes os de Catharina de Medicis, de Elisabeth de Inglaterra, — narizes de **sogra**... ao sentir de genros atormentados por progenitoras das c a r a - m e t a d e s que os contam de tal feição.

Um porco

Um frade benedictino

A senhora de Nemours possuia nariz tão encurvado e labios tão rubros, que Vendôme, si me não trai a memoria, della disse: Parece um **papagaio comendo uma ginja.**

Certo de que os candidatos a matrimonio, para quem o nariz talvez sirva de bussola, guardaram os rapidos ensinamentos expendidos, vou referir outros não menos salutares, que interessam ás candidatas ao mesmo genero de enlace.

Gentilissimas senhoras, chegou a vez dos distinctos cavalheiros; confiantes na indefectivel justiça do palestrador, já devieis ter proferido o — **hodie mihi cras tibi!**

O nariz não foi dado ao homem unicamente para aspirar o **odor femina,** que o Dr. Galopin, segundo um chronista jocoso, qualificou assim: "As mulheres de cabellos louros cheiram a ambar; as de cabellos castanhos a violeta; as de cabellos pretos e cutis alvissima a ebano." Esqueceu-lhe apenas acceder que as de cabellos encarapinhados e pelle negra cheiram... cheiram... a gazolina, donde lhes terem chamado aqui no Rio, quando appareceram os automoveis — **Fon-fons.**

Esse orgam accusa no homem, talvez mais que na mulher, o caracter, sendo o avantajado delle o melhor indicio.

Aristippus, Isócrates, Cratippus,
Aristóteles, Crátor et Xenócrates,
Sólon, Crates, Demostenes, Xantippus,
Xenophon, Epitettus et Arpócrates,

aggrupados, metrica e rimadamente, por Oretino, tiveram narizes de admirarem-se ao lonje e gosaram da fama de sabios:

Nasum porro mirandum habuere,
Et praetium sapientiae retulere.

Um desses vultos notaveis, o terceiro na ordem supra, Cratippus, preconisava como magnanimos os homens de narizes aquilinos.

E' possivel que nem todos sejam dotados de coração bondoso, mas quasi sempre o são de espirito energico.

A historia offerece-nos uma extensa lista, da qual destaco vinte-e-sete: Cyro, Cesar, Francisco I, de França, Napoleão, o grande, Molière, Cornaille, Richelieu, Mirabeau, Gambeta, Cervantes, Savanarola, Santo Ignacio de Loyola, Camões, Schiller, Goethe, Beethoven, Wagner, Moltk, Dante, Machiavelo, Garibaldi, Verdi, Gladstone, Mac-Kinley.

E Delestre escreve a respeito:

"O nariz aquilino é o das paixões concentricas. Os homens de tempera forte, os grandes ambiciosos, os que desejam commandar e subjugar, os que seguem a um fim unico, sem desanimar um só dia, os que procuram a solução de problemas, os que, emfim, se tornam centros poderosos — tiveram narizes de tal fórma."

O nariz direito, cuja linha dorsal é um como que prolongamento da fronte, mais commum na mulher que no homem, não revela coragem, mas faculdade artistica.

Foram senhores de narizes assim Petrarca, Milton, Rubens, Mozart...

Este nome desperta, agora, a lembrança da seguinte anecdota.

Uma feita, jantando Mozart e Haydn, o primeiro disse:

— Aposto seis garrafas de **Champagne** em como não executas de improviso o trecho que vou compôr.

— Acceito a aposta, respondeu o segundo.

Mozart apresentou ao amigo algumas cedulas bancarias, juntamente com o papel da musica.

Haydn, a quem esta pareceu facilima, sentou-se ao piano, gracejando:

— Mozart tem por força indigestão de dinheiro; quer pagar o **Champagne**.

— Vamos ver, vamos ver; murmura Mozart, esfregando as mãos, no ante-goso da victoria e do vinho.

De repente, o executante estaca e brada:

— Como hei de tocar disparates? E' impossivel ferir uma nota no centro do teclado, estando as mãos nas respectivas extremidades...

— Pois eu resolvo já o **impossivel,** acudiu o compositor, tomando-lhe o logar.

Effectivamente, chegado o momento de ferir a nota questionada, abaixou a cabeça e deu com a ponta do nariz sobre a tecla.

Todos os circumstantes applaudiram, entre risos.

Mozart tinha o nariz direito e longo, ao contrario do de Haydn, que era curto e chato.

Não tem salvo conducto, para transitar além das fronteiras da belleza, o nariz pequenino e estreito, como o de Felippe III de França, cognominado **Nasino**. A este chamou Dante **Nasetto,** fazendo-lhe desairosa referencia no **Purgatorio,** c. VII, traslado do Barão de Villa da Barra:

"O de breve nariz, que tão instante
Parece ouvir o de benigno aspecto,
Morreu fugindo e deshonrou os lizes."

Uma gata

Uma dansarina

Ha ainda uma especie curiosa: o médio, de narinas delicadas, levemente arfantes, como azas de passarinho prestes a vôar, cantando uma ária linda, ligeira. E' o nariz dos que aspiram com delicia o perfume de umas tranças côr de ouro, ou de azeviche, sem se deixarem prender em suas roscas macias; é o nariz dos que brincam com o amor, tomando-o por thema de canções, cujo endereço pessôa alguma póde jurar qual seja ao certo, mas que muita creatura adoravel cuida ser o seu. Isto não é **dos livros,** embora encerre tambem uma parcella de verdade, envolta na gaze da phantasia... E nenhum dos mancebos presentes, si poeta, lobrigue qualquer allusão á propria volubilidade...

Volto atrás, porém.

O nariz desenvolvido, da conformação do de Cyrano de Bergerac, — que Edmond Rostant exagerou theatralmente, a julgarmos pela véra effigie do autor da VIAGEM A' LUA, — impõe-se como uma taboleta, que annuncia amôr, ou talento, quando não annuncia as duas cousas juntas. Pouco importa que a dita taboleta, infiel ás vezes, constitua méro chamariz; que na loja não exista, de facto, o sortimento annunciado. Venus, que se casou com Vulcano por causa do nariz deste, enamorou-se depois de Marte, é corrente; mas, fóra da mythologia, vive-se tambem de apparencias, e creio até que a illusão é o melhor da vida...

De excelsos narizes, dignos ainda de registo, citarei apenas um, symbolico — o de D. Quixote. As amaveis senhoras e os cavalheiros amaveis, de cuja paciencia abuso, não conhecem bem, supponho, o nariz do heroe manchego, porquanto as gravuras representativas, variando de edição para edição, estabelecem duvida. Eu confesso ingenuamente que não tive o prazer de privar com o amo de Sancho Pança, nem pude obter uma photographia delle, pertencente a alguem da familia, ou da amizade, que a authenticasse. Mas... parece-me que estou vendo deante de mim, caricioso e ameaçador, a esbravejar e a sorrir, enxugando a lagrima de um mendigo, ou a de um condemnado, e desafiando a prepotencia dos ricos, ou a dos governos, esse homem que era um nariz, esse nariz que dava combate ao Proteo do mal e combatia até moinhos de vento! O nariz de D. Quixote, sabei, vós que me ouvis, terminava em ponta de lança, lança enristada entre dois olhos pesquizadores e anciosos de liberdade e de justiça!

Na eleição de narizes, por motivo de nupcias, cumpre evitar-se, especialmente, a alliança dos anormaes, como o da cruel e dominadora Maria Carolina e o do vil e indolente Fernando IV, alliança de que resultaram calamidades sem conta, pesantes na memoria dos napolitanos **ad æternum**.

Guiando pelo nariz ao marido, "il rê nasone", a irmã de Maria Antonieta, que tinha o seu á feição do de Catharina de Medicis, já descripto, perpetrou as maiores infamias de que reza a historia, avultando entre ellas a celebre repressão da revolta de Napoles, em que lhe foram collaboradores Lady Hamilton e o almirante Nelson.

Poupo-vos a narração do episodio negro, maculador da gloria deste, cuja paixão pela aventureira Emma Lione, erguida a embaixatriz da Grã-Bretanha, fêl-o baixar a instrumento do despotismo em maré de perfidias...

Um urso

Os narizes demasiado grandes, qual o do fantoche coroado a duplo aspecto, só têm sido alvo de troças no correr dos seculos.

Na anthologia grega encontram-se muitos epigrammas a respeito; enumerarei alguns apenas.

De Trajano, imperador (traduzido em verso por Eugenio de Castro):

> "Si acaso o teu carão ruivo o sol defronta
> E a tua bocca enorme abres, no mesmo instante,
> Aos que vão a passar do teu nariz a ponta
> Indica a hora, — como um optimo quadrante."

Um velho desertor

Este, ao menos, era util, ao commum das gentes servindo de relogio-de-sol.

De um anonymo. — A Proclo é impossivel assoar-se com os dedos, porque tem o nariz mais longo que o braço. E o nariz tanto lhe dista da orelha, que, não ouvindo o proprio espirro, jámais pronuncia o classico: **Jupiter seja-me propicio!**

De Theodoro. — Hermócrates é uma parte de seu nariz; si dissermos que o nariz de Hermócrates é uma parte deste, nós tomaremos a parte pelo todo, empregando a figura synédoche.

De Luciano. — Nicon aventa perfeitamente o vinho. Custa-lhe, entretanto, dizer de que lavra chega o aroma. Para isto não bastam tres dias de estío; pois seu nariz mede duzentos covados.

De Nicarco. — Vejo o nariz de Menippo. O dono não tardará, esperemos; calcúlo que esteja a cinco estadios de distancia. Reparae como avança... Si nos achassemos sobre elevada collina, já perceberiamos Menippo em pessoa.

De Leonidas. — Sositópolis não compra peixe. Pesca-o sem vara, nem linha, adaptando um anzol á ponta do nariz.

Do mesmo. — A casa de Zenógeno está em chammas; para descer pela janella, elle consome-se em vãos esforços: amarra varas longas, mas não attinge o solo. Emfim, avista o nariz de Antímaco, que lhe serve de escada, e assim se salva.

Nosso **Bocca do Inferno**, Gregorio de Mattos, maledicente organico, foi desterrado para o reconcavo da Bahia, porque chasqueara o governador Camara Coutinho, rival de Antimaco:

> "Nariz de embono
> Com tal sacada,
> Que entra na escada
> Duas horas primeiro que o dono."

E Bocage, aliás narigudo insigne, deixou-nos o retrato de outro arcade:

> "Nariz, nariz e nariz;
> Nariz que nunca se acaba,
> Nariz que, si elle desaba,
> Faria o mundo infeliz...
> Nariz que Newton não quiz
> Descrever-lhe a diagonal;
> Nariz de massa infernal,
> Que, si o calculo não erra,
> Posto entre o céo e a terra
> Faria eclypse total!"

Um papagaio

O portador dessa tromba, si ousasse ir a Asia, seria assassinado provavelmente, porque os mongóes, cuja esthetica diverge da nossa, nem siquer toleram de bom rosto um nariz dos que consideramos regulares. Acostumados, desde o tempo de Atila, a esmagarem os seus com tiras de panno, ou de pelle, para conservar o typo chato da raça, afiguram-se-lhes detestaveis os de elevação razoavel. Era um mongol que perguntava a certo europeu: "Mas, afinal, essa cousa plantada ahi, entre os olhos, deve estorvar-lhe muito a vista; não?"

Além dos narizes disformes, contam-se os vermelhos, ou roxos, dos devotos de Baccho e Venus.

Um barbeiro de Roma

Shakespeare poz na bocca de Falstaff as palavras endereçadas a Bardolph:

"Tu és nosso capitania, porque tu alças um fanal encarnado, a que só têm direito os capitanias: tu alças teu nariz. Tu és o cavalleiro da lampada que arde!"

Esta facécia era tradicional. Num livro de 1603, intitulado O ANNO MARAVILHOSO, fala-se de um hollandez de nariz rubro, que ganhava de ficar a prôa dos navio-chefes, como lanterna. E outra obra, de 1564, informa-nos de um frade benedictino, que não precisava de lanterna, mesmo em noites das mais escuras, tanto lhe esplendia o nariz. E tal facécia explica o nome **lanterna** referido ao nariz inflammado pelos compatriotas do tragico britannico, nome que passou á Italia, generalizando-se nos paizes latinos.

Os portuguezes tambem glosaram o mote do nariz-vermelhão.

Ante o ataúde de Falstaff exclama o autor da MORTE DE D. JOÃO:

> "Ahi tudo, tudo eu leio
> Perfeitamente bem
> Nesse nariz prodigio,
> Nariz que tem
> A côr e a fórma de um barrete phrygio!"

E falando do orgam olfactivo do amante de Impéria, já corroido pela syphilis rebelde ao mercurio, disse Guerra Junqueiro:

"Possuia um nariz vermelho, incendiado."

Cumpre accentuar, todavia, que os proprios narizes disformes, ou rubicundos logram horas de triumpho.

Os modernos têm festejado os narizes extraordinarios, pelo systema de exposições e concursos, conferindo medalhas a expositores e concorrentes do genero, como aos que cultivam aboboras, ou pimentões.

Na Austria, ha annos, realizou-se um de taes certames, cujo grande premio caberia ao dono da protuberancia nasal mais singular pela fórma, pela dimensão e pela côr. Apresentaram-se oitenta narigudos; o jury começou por separar tres que sobrelevavam aos demais nas pencas, acabando por adjudicar o premio a um desses, portador de nariz de tamanho e comprimento excepcionaes, e de um tom azul-violeta: nariz vienense-israelita.

Em Milão, mais tarde, effectuou-se outro torneio de identica natureza, apparecendo uma multidão de candidatos. Os juizes eleminaram os narizes aleijados, reduzindo primeiro a quarenta e dois e por ultimo á metade o numero dos em condições **lisonjeiras.** Ainda assim, os restantes despertavam riso.

Tanto os narizes imperfeitos, motivo de commiseração, como os monstruosos, objecto de hilaridade, chegam a impossibilitar o exercicio profissional, pelos decorrentes estados de alma dos que taes possuem. E lei nossa já prevê a hypothese, vedando o magisterio aos deformados physicos, pois estariam expostos a ridiculo perenne.

Assim, não é apenas uma vaidade, aliás comprehensivel pelo zelo esthetico de si mesmo, que obriga victimas de accidentes, senão infelicitados por natureza, ao recurso autoplastico, hoje efficaz graças aos progressos cirurgicos.

Vejamos o que se tem praticado, desde remotos, para corrigir defeitos dos narizes humanos.

Na India, onde a amputação do nariz era um castigo frequente, ja se conhecia o meio de preencher esta falta, com umas partes da face, ou com pelle da testa; na Italia medieval, ensaiou-se a mesma operação, mas transplantando a pelle do braço.

O **methodo italiano,** simples variante do **methodo indiatico,** celebrizou Gaspero Tagliacozze, cuja estatua se vê no amphitheatro de Bolonha, com um nariz suspenso á dextra.

Esse processo de rhinoplastica, que cahira em olvido, resurgiu ha annos, com aperfeiçoamentos notaveis; só os grandes mutilados da especie, a quem falte, além do nariz o maxilar, ficam na dependencia de narizes artificiaes — de borracha, de celluloide, ou de platina.

Ha narizes em fórma de sellim, que apresentam uma linha concava, da raiz até a ponta. Este concavo preenche-se com parafina injectada, ou com um pedaço de osso do tibia do proprio operando. Num e noutro caso, a materia preenchente introduz-se pelas ventas, debaixo da pelle do nariz, de maneira a evitar qualquer vestigio exterior. A operação faz-se com anesthesia local. O emprego de parafina, liquida, ou solida, que offerece a vantagem de um tratamento rapido, de poucos dias, mereceria preferencia, si quando as partes tratadas não manifestassem, tempos transcorridos, excrescencia e

(Termina no fim da revista)

Cantico dos labios

POR GILBERTO JULIO

Os teus labios são para mim como uma corolla perfumada.

Os teus labios são para mim como uma rosa estranha, mistura de perfumes e de mysterios.

Nelles pousando meus labios resequidos, encontro a unica compensação da minha vida, e bebo a doçura exquisita da tua alma.

Na tua bocca, eu encontro o gosto supremo da ambrosia dos deuses mythologicos, e comprehendo segredos, brumas... ansias, de outras eras...

Quando eu pouso os meus labios, feitos de tristeza e de abandono, na fulgurante belleza da tua bocca, minh'alma viaja por paizes longinquos, desconhecidos, onde eu nunca pensára aportar.

E vejo coisas distantes... e conheço terras estranhas que não pensára nunca que existissem.

Os teus labios são para mim como um balsamo, uma trégua na tristeza da minha vida, como um oasis no deserto da minha Dôr.

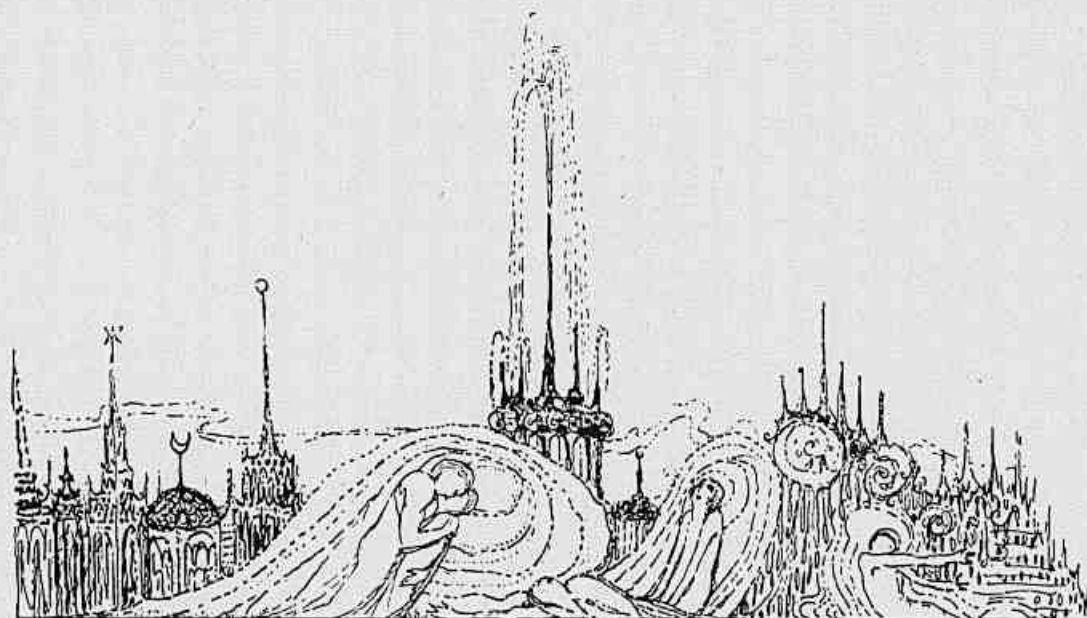
Os teus labios são para mim uma eterna fonte de alegria e de felicidade.

Da tua bocca maravilhosa me vêm as maiores delicias que já provei.

A's vezes desejo mordel-a até despetal-a, outras vezes só desejo beijal-a de leve, como um sopro, como uma borboleta que mal roçasse na perfumosa corolla de uma flôr.

Os teus labios são para mim como favo de mel, como um ramo de jasmins...

Como acharia doce a Morte, si os teus labios perfumados se cerrassem sobre os meus, em extase, no ultimo instante, embalsamando a minha bocca para o ultimo somno.

Os teus labios são para mim como uma rosa estranha...

"RIO TIETÉ"

J. BAPTISTA DA COSTA

Salão de 1924

SENTE-SE HOJE NECESSIDADE DA ARTE PLASTICA?

POR

VERA ZGOURIDI

Césanne terminou uma época de pintura "européa", fundada no começo do seculo XVII e que durou trezentos annos. Tal época, que brilhou na Hespanha, em Niederlandia e na Italia, foi para a Europa a época mais caracteristica.

Esta observação explica uma curiosa verdade historica.

O seculo XVII foi o primeiro seculo da formação européa: tudo o que constitue a "Europa", no sentido mais amplo da palavra, não apenas a sua pintura, mas tambem a sua musica, a sua philosophia, os seus costumes, os seus Estados e o seu theatro, — tudo nasceu no XVII seculo e deu resultados definitivos no seculo XIX.

Quanto diz respeito á Renascença está tambem em relação com o periodo hellenico, que na historia subsistiu durante muito mais tempo do que se julga. A Italia (trecento e quatrocento), a França gothica, a Allemanha medieva, assim como Byzancio e a velha Russia, não são ainda a Europa: são o "perto da Europa", si assim se póde dizer.

Pouco a pouco, o "perto da Europa", ou o "quasi-Europa", evolveu e tornou-se tal como fôra previsto por esses genios, contemporaneos pela sua estructura psychologica, Leonardo da Vinci e Miguel Angelo, que advinharam na Renascença o sopro de Barocco. Ambos já soffriam as complicações de novos seculos.

A arte experimentou tambem transformações.

Na pintura, vêm-se a natureza morta e a paisagem nascerem e se espalharem num campo ainda inculto. Poder-se-ia, d'antes, imaginar uma paizagem ou uma natureza morta assignada por Raphael?

A silhueta humana, pouco a pouco, deixa de ser o centro e a finalidade dos quadros.

Não é mais em si mesmo que se procuram as leis das relações humanas, da belleza e da moral, mas sim no mundo ambiente. Esse movimento rompeu com o ultimo sopro de anthropomorphismo hellenico e nos offereceu a natureza morta, esse genero de arte que nos preparou para o futurismo. A natureza morta é o sentido da *cousa* e da *realidade*. Chegou-se mesmo, mais tarde, ao exaggero dos processos de certos pintores que applicavam sobre seus quadros etiquetas verdadeiras, caixinhas de phosphoros e pedaços de jornal, de verdade, convencidos de que a naturalidade vulgar desses objectos não matava a verdadeira realização artistica.

A comprehensão da Arte é hoje differente da de outr'ora. A psychologia do pintor e a sua obra se transformam num trabalho scientifico e quasi de laboratorio.

Os impressionistas francezes, com suas exigencias logicas, chegaram, accommodando as tonalidades da luz e annullando o claro e escuro, á mesma altura da época em que viviam, quando se descobriu a analyse espectral.

Foi então que o homem deixou de ser artista. Desde ahi, começou-se a procurar a arte nova, a arte de hoje.

Como se poderiam estabelecer, na Renascença, por exemplo, os limites divisorios da arte e do officio, quando as portas de ferro fundido, as baixellas cinzeladas e os bancos de madeira lavrada eram tão bellos quanto os frescos e os quadros?

Naquelle tempo, creava-se, porque se sentia a necessidade de creação; a arte e a vida caminhavam de mãos dadas.

Seria necessario reler alguns documentos historicos daquella época, para ver com que aguda attenção, com que vivo interesse, toda a Italia velou pela creação duma escola nova, pois se tratava duma época em que a tendencia para a arte era profundamente instinctiva e necessaria.

Uma época na historia foi essa que surgiu pela força conjuncta dos pintores, dos musicistas e dos poetas. Cada operario, na pratica de seu officio, egualava a arte dum pintor que trabalhasse, no seu atelier-laboratorio, com o auxilio da chimica e dos calculos mathematicos da proporção.

Falemos, agora, um pouco, dos pintores e da pintura de hoje.

O pintor dos nossos dias não é mais, além de um artista, um artifice.

Não está mais nas condições de antigamente, em que, tendo assegurada sua existencia material na côrte de um rei ou pela amizade de um duque, podia aperfeiçoar-se na sua arte. Não é mais um amador, que, ao lado de sua arte, tem uma outra occupação qualquer. Hoje, é apenas um profissional, tal como o advogado, o medico, o engenheiro. Sabe pintar, eis tudo, e póde apresentar um bello quadro a quem o pedir. Mas, quem lh'o pedirá? Quem precisará dos seus quadros? Acaso sente a sociedade moderna a mesma falta da pintura que do direito e da medicina?

Antes de respondermos a essa pergunta, vejamos as circumstancias curiosas e surprehendentes que se acham á vista de todo o mundo e, no entretanto, muitas vezes esquecidas. Ha cincoenta ou sessenta annos que, na Europa e na America, se constróem edificios, talvez com o auxilio do architecto, mas sempre sem a presença da architectura. A architectura é hoje uma saudade, uma vaga recordação. Como arte, a architectura não mais existe. Isto é espantoso, sem deixar de ser natural. Ninguem sente falta da architectura.

Entretanto, sob o ponto de vista historico, o mesmo não acontece. Conheceis, acaso, alguma outra época na historia que não tenha tido seu estylo architectonico, salvos estes ultimos cincoenta annos?

Poderão oppor-nos a "architectura nova", a arte do ferro, do vidro, do cimento armado, das "gares", dos arranha-céos, da Torre Eiffel e dos trapiches de aço. Mas que tem de commum com a Arte essa perfeição de trabalhos de engenheiro?

No que respeita a architectura, póde-se precisar a data de sua morte desde a segunda metade do seculo XIX, mau grado todos os esforços de alguns architectos, merecedores de todo o respeito, para resuscital-a. E ninguem sente que se extingue assim, uma das mais solidas tradições da civilização européa.

Ora, si morreu a architectura, porque não morrerá tambem a pintura, uma vez que não se vêem mais os grandes paineis decorativos, senão dentro dos bellos palacios ou das grandes cathedraes?!

A maior parte das pessoas, hoje, vive sem o menor contacto com a arte e a quasi totalidade dellas passa perfeitamente sem a pintura.

O que obrigaria o cliente de um medico, o de um advogado, o de um engenheiro, a tornar-se tambem cliente de um pintor?

As casas actuaes, particulares ou alugadas, não são de nenhum modo construidas senão para o conforto de viver entre mobilias tão distinctas e commodas como absolutamente inestheticas. Num interior como esses, onde ides collocar um quadro? E si esse quadro pertence ainda á escola européa, como se harmonizaria seu rythmo organico, lento e contemplativo, com a vida hodierna de velocidade vertiginosa?

O pintor poderá conseguir encontrar o amador ou o colleccionador. O amador, sem duvida um typo excentrico como elle, ha de ser tambem a mesma excepção ás regras da vida actual. Trata-se de colleccionar. Por ahi fóra colleciona-se tudo. Ha colleccionadores de sellos, de autographos, e talvez exista tambem o colleccionador de quadros.

Temos ainda o mercado artistico, o commercio e os leilões.

O quadro não perdeu seu valor, mas não se deve ter illusões. Um sello raro frequentemente póde custar mais que uma tela bem pintada.

Resta emfim a Exposição para lembrar ao publico que a Pintura existe!

Mas é uma homenagem ao passado e não um mercado de objectos de primeira necessidade, onde todos se apressam de ir para chegar primeiro.

A Exposição só existe para o critico da imprensa.

Um jornalista que faz um breve reparo sobre a pintura, — eis o tenue laço entre a pintura e a sociedade moderna.

Vem depois o museu, o maximo a que póde aspirar um pintor para sua obra. Mas chegando a collocar-se no museu, entra directamente no passado e, vivo ainda e contemporaneo, não se distingue mais dos pintores que viveram e trabalharam outr'ora.

Dá-se acaso cousa semelhante em alguma outra profissão?!

Os pintores contemporaneos trabalham cada vez menos para as habitações e para pessoas determinadas; mais o fazem para as paredes de museu e essas collecções indefinidas que nellas apparecem apenas as procura quem quer saber alguma cousa do passado. Não a vão contemplar aquelles que sómente se preoccupam com os dias de hoje.

Na vida actual a arte toma um logar modesto na instrucção e na educação. Na escola lê-se um pouco de Dante e de Shakespeare, mas não se diz uma palavra acerca de Rembrandt ou de Corot. Póde-se viver sem architectura, sem pintura; passa-se perfeitamente sem a Arte. A Arte não é mais necessaria.

Os enormes paizes como os Estados Unidos, o Canadá, a Australia, a Argentina, o Chile, crescem e se desenvolvem sem a menor influencia da Arte em sua civilisação. Já a grande maioria dos homens morre sem ter visto jámais uma obra prima de pintura ou de architectura.

O desejo da America de crear a Arte, construindo museus, é apenas vontade de ler historia da Arte e não de crear.

Um pedreiro italiano, talhando um tumulo em Florença, está mais perto da Arte do que um professor especialista na Universidade da California ou da Australia.

Entretanto, não se póde dizer que a Arte morreu. Pelo contrario, não tem faltado actividade e tentativas reiteradas, na procura de uma tradição actual.

Uns buscam seus materiaes no exotismo: na India, na China, no Japão. Outros voltam ao passado: os primitivos, Bysancio, Gothico, a pintura de superficie, colorida sem matiz e sem luz. Emfim, foram os ultimos os cubistas, os futuristas, os neo-impressionistas e talvez sejam estes os mais interessantes. Sonharam uma pintura sem objecto e sem sujeito, que exprimiria todo o dynamismo da vida contemporanea, toda a actividade nervosa dos nossos dias.

Mas não calcularam suas forças. E a pintura, a arte delicada de recolhimento e de contemplação, morreu "carregada de todas as suas velocidades".

Sim, artisticamente, a pintura morreu, porém não psychologicamente.

Como pintor o futurista errou, escolhendo recursos insufficientes, mas como psychologo elle tem razão.

Quando um poeta futurista nos fala da "belleza" das ruas de Nova York, com os seus trilhos de estrada de ferro aerea, ou da "belleza" da grande porta commercial, com suas pontes e seus elevadores, serve-se inconscientemente de um termo dos velhos vocabularios.

Ha, nesta vida actual, uma *emoção* que elles chamam o sentido do bello, mas para a qual inda não existe um nome verdadeiro. Mas o que é exquisito é que elles não fazem a Arte nova; substituem-na, e á creação, por uma especie de trabalho e de actividade a que chamaremos "pseudo-creação".

Senhora Marcello Alvear

Esposa do Senhor Presidente da Republica Argentina

(Desenho de Joseph Hein)

o o o

Como os diversos recursos e os modos estranhos, dão-nos emoções semelhantes ás que nos proporcionam a Arte européa, pois elles terminaram o periodo da Europa, começando o periodo actual, o periodo "post-Europa".

Na Arte a creação é organica e natural, emquanto que o pseudo-creador é, no fundo, automato e mecanisado.

E tudo isso é natural, pois existe um rythmo da vida moderna que une todas as mudanças de luzes, de ruidos e movimentos nas grandes cidades.

Parece-nos, tambem, que essa paixão pela dança, tão popularizada ultimamente na classe média, é creada pela necessidade de um movimento rythmico no habitante preparado para seu papel de transeunte e passageiro de auto-omnibus e metropolitanos.

Ainda temos o esporto, que tomou um logar estavel e solido na vida actual de "post Europa". Elle nada tem com a Arte, frequentemente até é contra ella.

Mas é necessario á maior parte dos habitantes.

Lembra-me um corcunda numa rua de Genova, que eu vi inteiramente mergulhado numa folha côr de rosa da "Gazetta dello Sport". Havia nelle a mesma adoração e o mesmo respeito, ante a victoria dos boxistas e cyclistas que, alguns seculos antes, seu antepassado experimentára contemplando os frescos e illuminuras de uma capella.

Mas o esporto actual nada tem de commum com os jogos olympicos da Hellade, nem com os torneios da edade média. O record de sportman actual é impossivel sem o auxilio dos instrumentos exactos (o segundometro e a balança).

Está submettido ao seu contrôle como elles obedecem a não importa que mecanismo.

No esporto antigo, combatia o homem com o seu egual. Agora concorre com rivaes abstractos; *a força e o tempo*. Tal como uma machina! O record é resumido pelos algarismos exactos e absolutos dos minutos, das toneladas ou de forças de cavallo, os caracteristicos de uma machina, a alma mesmo da machina!

Assim a perfeição do sportman é puramente mecanica.

Um "post-Europa" substitue a velha Europa. E guardem-se, embora, preciosamente os velhos bairros de Roma: — fóra desses muros, fóra da Porta Pia e do Vaticano, fóra da villa Borgesi, a vida é uma vida actual e os habitantes dos velhos muros vivem della, e não da de outros tempos. Isso lembra um povo vencedor que deixa com vida os prisioneiros, encobrindo por quanto tempo elle concederá essa graça.

A vida nos pede de organizar e systematizar os elementos e as emoções que nos apresenta, para substituir por um systema novo a Arte antiga, que dorme um somno lethargico, nos salões e museus. Mas não sabemos ainda como será a imagem desse systema. E para o momento, despojados de mytho e de crença, impotentes no instincto creador, descobrindo mecanismo na propria natureza, fixaremos muito tempo a cara imagem da bella Arte antiga, pois que, nós o sabemos, ella não reviverá mais. Quem sabe?...

NOCTURNO

Si eu gosto de MOZART?!... Que pergunta indiscréta!
— Tú não sentes como eu o espirito de um poeta?!
O SOM casado á RIMA, em igual harmonia,
É tudo o que ha de bello e sentimental!
O perfume e a mulher, a musica e a poesia,
Espancam-me a tristeza, exhortam-me á alegria!
MOZART faz-me lembrar os versos de MUSSET,
Onde a belleza passa e onde o amôr se vê.
O NOCTURNO é de certo a queixa musical,
A reviver em sonho o tempo medieval.
Vejo-te menestrél, vejo-te nobre dama,
Dona de um paço, que, de luz e luar recama...
E vestida de arminho e de renda vestida,
Tú éras o idéal maior da minha vida!
Trovador de bandurra, ao teu lado eu cantava,
A historia de um amôr que tanto apaixonava!

VEJO O PIANO. O SILENCIO E UMA FLÔR NO TECLADO,
Entre nós a dizer os dias do passado!...
Lembras-te?!... — Quando a lua no alto céo surgia,
Começavas então, a dôce melodia...
As rosas num deliquio as coróllas abriam,
Para as festas pagãs que ellas proprias faziam.
O teu jardim, era o DELÚBRO DA CHIMÉRA,
E foi lá que ficaste, ansiosa, á minha espera!
Imagina um minuto, um segundo siquér,
Quanto póde a belleza em corpo de mulher!
No delirio do amôr eu buscava o teu beijo,
Abrazado de febre e ardendo de desejo.
O mundo todo em Ti, eu sentia perfeito,
Sem o tóque siquér do minimo defeito.
Um tepido rumôr de ninhos no teu seio,
Invadio-me a lembrança e aos sentidos me veio...
Doce effluvio de um corpo em franca plenitude,
rescendendo de aroma e ostentando saúde;
Era o teu, o teu corpo embalsamado a lyrio,
Cantico de belleza e templo de martyrio!
Que ventura fatal e angustiosa delicia
Repetir neste verso a noite de caricia
Em que tú, com as mãos nervosamente frias,
Sobre a minha cabeça as rosas sacudias!
Romanêsco que fui!... Que loucura divina
Fazer-me o teu heróe, fazer-te uma heroina
Dessa estranha aventura, em que tú como louca
Num desmaio de amôr entregaste-me a bôcca!

....
....

Á noite, inda voltei á alcôva a te encontrar,
E foi quando tocáste um trecho de MOZART!

A RONDA DOS PERFUMES

(EVOCAÇÃO)

Tentadores perfumes venenosos
de profundos desejos voluptuosos!

Sois para mim o mal que tem origem
na precipitação de uma vertigem!

Ó perfumes! Perfumes preferidos
pela volupia idéal dos meus sentidos!

Magnéticos filtros perfumosos,
leves, subtis, voluveis, vaporosos!

Ha perfumes de todos os matizes
e ha perfumes felizes e infelizes!

Perfumes de florestas seculares
que andam bailando ethereos pelos ares!

O sol rebenta em luz e a luz proclama
o perfume que vai de rama em rama!

E o sol parece a eterna pyra acêsa
ao culto do perfume e da belleza!

Ha perfumes que evocam grandes maguas
na correnteza rapida das aguas!

Tristissimos perfumes de alvos lirios
que recordam paixões, lembram martyrios!

Ha perfumes de vélas enfunadas
na partida das bellas alvoradas!

Perfumes que no mar verde e distante
lembram barcos na curva do horizonte!

Seguem no adeus de um lenço pelos ares
espalhando alegrias e scismares!

....
....

Jardins floridos onde vagam lentos
perfumes de coróllas e rebentos!

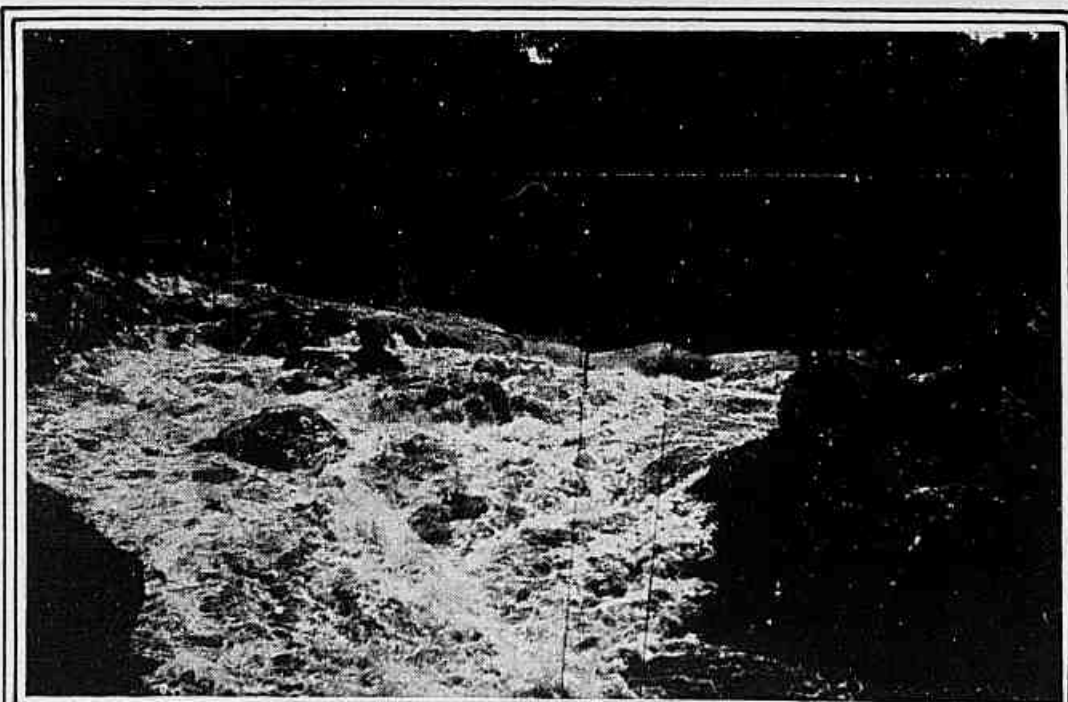
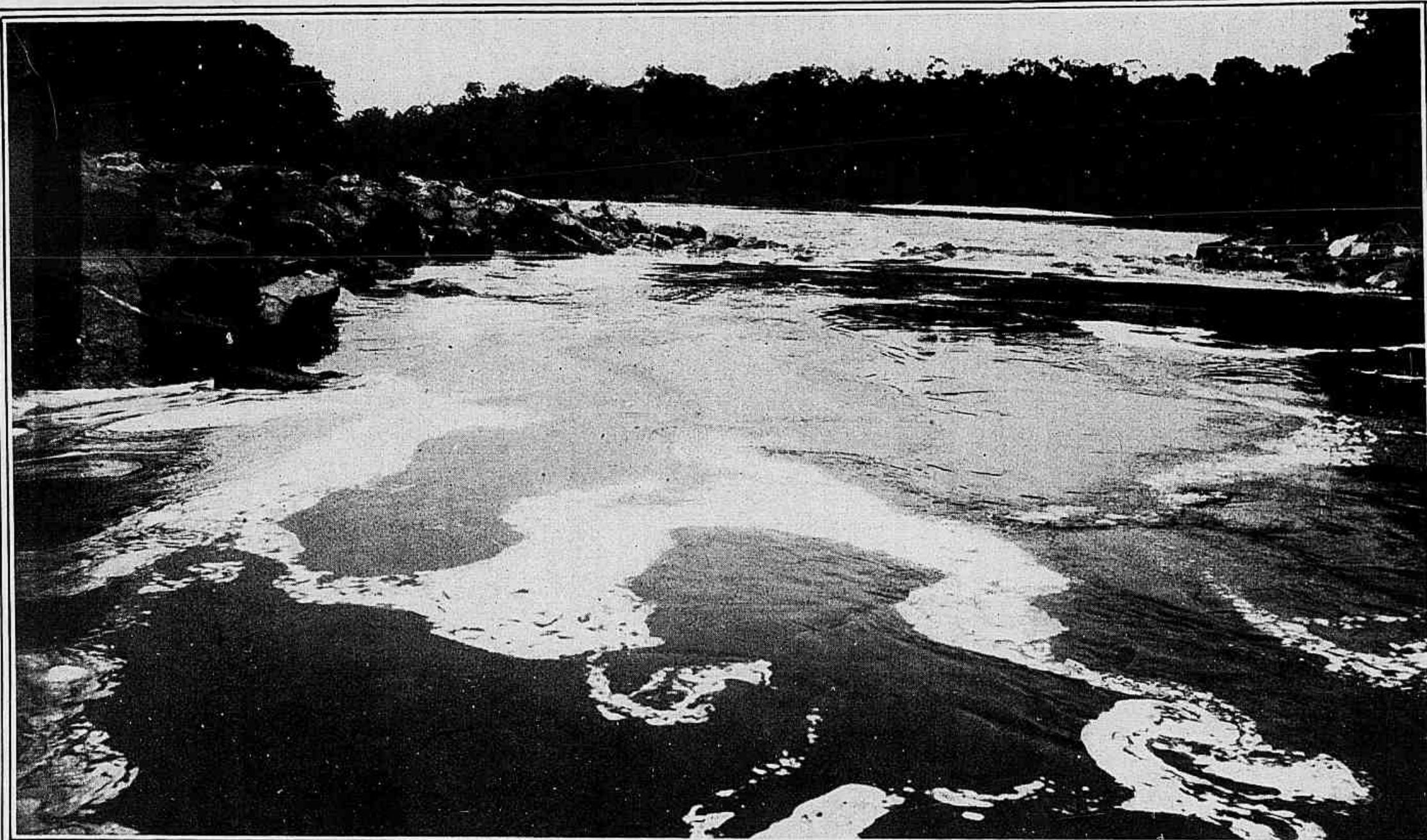
Florescentes perfumes de craveiros
que se evolam esparços dos canteiros!

Velludineas roseiras perfumadas
que lembram fórmas nuas, delicadas!

Flôr e mulher parecem confundidas
entre rosas, papoulas, margaridas!

Passam por vós, perfumes tentadores,
Alegrias, venturas, sonhos, dôres!...

Entre a Colombia e o Brasil

As Cachoeiras de Jacamin e Cujubin

Grande garganta — Remanso e entrada do lado de baixo da Cachoeira do Cujubin, a 2ª do rio Trahyra

Entrada da cachoeira, lado de cima — Tapirys de indios Macús, já mansos, nos limites entre a Colombia e o Brasil

O VÓTO FEMININO

ALBA DE MELLO AMADEL SOARES

VOTO feminino ha absorvido mais de uma attenção na marcha das noticias que os jornaes, *pall mall*, registram dia a dia. Aberta uma enquête entre o pequeno nucleo das nossas mulheres sábias, a curiosidade do leitor é immensa e avidamente devoram-se as opiniões publicadas. A maioria das mesmas é "pró voto". E quem attenta com cuidado para as razões da corrente em harmonia com o projecto, cujas palavras reflectem um devaneio febricitante de motivos, recorda, talvez, com fundamentada melancolia a phrase de Jouy:

"La femme fait tout avec sentiment et avec plus d'enthousiasme que de reflexion".

Se a mulher, em geral, labora num erro ao abraçar as lides da politica; a que vertigem atordoadora e porque não dizel-o, caricata, obedece a brasileira para em tão má hora pleitear para si o direito do voto? Fugindo ao terreno emprestado á questão por uma das entrevistadas "se até o nosso rude camponio tem o direito do voto", no que, aliás, teriamos muito a discorrer, facil é lembrar que a educação da mulher brasileira não a prepara para as pugnas eleitoraes, não pelo seu saber, porque a maior porcentagem das votantes occupa o terreno dos illetrados, mas pelo erro manifesto em procurar immiscuir-se em mistéres que não se adaptam nem aos mais rudimentares principios da acção physica, intellectual e moral da mulher na sociedade. Dirão os feministas inveterados que a mulher já se emprega em labores outros que não os caseiros, ganhando o pão de cada dia em repartições publicas, escriptorios, etc. Mas dahi o acotovelar-se em torno das urnas!

Houve quem falasse na asção benefica do voto apontando como má e perniciosa a convivencia das casas de chá, dancings, e o mais... Entretanto, esqueceu tão extremada moralista que a pratica das nossas eleições faz-se no meio de gente geralmente disposta a toda a especie de violencias e num ambiente positivamente inaccessivel á frequencia feminina. Salvo se, em ganho de causa, houver, num excesso de galanteria, a preoccupação de organizar districtos eleitoraes no... Alvear e casas congeneres o que constituirá uma verdadeira parada de elegancia e bom gosto. E não é só! Approvando o projecto e como a ambição não encontra limites na alma humana e maximé na das mulheres, mal esboçado o plano das carteiras para as eleitoras, cogitar-se-á, de prompto, em suffragar tambem uma candidata ao Congresso Nacional, ou, á... Presidencia da Republica. O problema já de si tão conspicuo, attingirá então proporções excessivamente delicadas.

Se o numero de tribunos illustres não é tamanho e mesmo, a maioria limita-se a votar a ordem do dia ou dar breves apartes deixando o talento oratorio para as palestras da sala do café, qual será a attitude da mulher, orgulhosa e vaidosa por excellencia se se não dedica a estudos sérios de gabinete e possue os mais superficiaes conhecimentos politicos, o sufficiente, porém, para tornal-a ainda mais interessante nas discussões de salão? E se, como sóe acontecer sempre, ao ascender á tribuna, na ausencia de taes conhecimentos mal encobrir a emoção que o *coup de baton* não impediu de transparecer nos labios descorados e tremulos? E' caso muito feminino e, com sinceridade, expôr-se a fracassos taes e, futuramente, tantos!... Isso, estudando ligeiramente a questão na nossa adiantadissima metropole!

Não me cabe, porém, desconhecer ou desprestigiar o grão de adiantamento da mulher brasileira. Não! Escriptoras de merecimento, poetisas de valor incontestavel, artistas, pullulam por este vasto Brasil que as endeosa num preito merecido ás suas excelsas qualidades já confirmadas no extrangeiro ás que tão brilhantemente representaram associações femininas. A mulher que se emprega necessitada vive e, portanto, nobilissima é. Mas, nem por isso, acoitou-se á bandeira do suffragismo inveterado nem abdicou da sua condição delicada e nobre de mulher com a qual se impoz ao culto do homem. Pobre culto! em que despenhadeiro resvala e a cuja angustia se assiste recordando com saudade o tempo em que, se o homem julgava a mulher um ser inferior, prestava-lhe, entretanto, homenagens sem conta, glorificando-a como uma deusa.

Impõe-se um paradeiro a esta insaciedade de triumphos politicos, evidentemente extemporaneos, cabendo citar um pensamento de Madame de Stael:

"L'influence des femmes est plus salutaire aux guerriers qu'aux citoyens: le régne de la loi se passe mieux d'elles que celui de l'honneur".

Em conclusão, se ao envez de pensar em conquistas politicas, tratasse a mulher de crear o Congresso da Moda?

ELEGIA para A que NÃO VOLTARA...

Chopin chorava, gemia, agonizava...

Chopin morria...

As mãos de Barbara bebiam as lagrimas de Chopin...

As mãos de Barbara choravam, acariciando Chopin, numa extrema-uncção...

As mãos de Barbara...!

A tarde cahia, envolta em gazes de melancolia.

Uma caricia dôce no ar... Uma cigarra monotona... um sussurro longinquo... uma estrella que luzia, na gaze leve do poente...

No silencio do parque, a flauta antiga do repuxo distillava harmonias prateadas...

Na penumbra da antecamara, Lazaro pintava, vivia...

Lazaro musicava Barbara, e as notas sahiam-lhe dos pincéis febris, aureolando Barbara de symphonias luarentas.

No fundo longinquo, um orgão gemia... "De Profundis"?!... As mãos de Barbara eram os tubos do orgão... Barbara!!

o o o

Um derradeiro accorde...

Um sino longe tangeu... dolorosamente... o fim...

Chopin morreu.

o o o

Barbara levantou-se: estava velha, e colhia, em novêlos, os flócos brancos que lhe cahiam dos cabellos, todos de algodão.

Accendeu a luz sob a pantalha, e olhou a Lazaro. Sorriu. Ajoelhou-se aos seus pés, e, alizando-lhe os cabellos, tomou-lhe das mãos os pinceis esquecidos como saudades dolentes, e deixou-se ficar assim, um olhar perdido para a Eternidade...

Lazaro chorava, sorrindo, e balbuciava, molhando os sons num esquecimento: "... la main dans la main, nous nous éloignames de la montagne bleue, ou la flute de jade était endormie..."

o o o

No piano aberto, o teclado branco ria, escancaradamente...

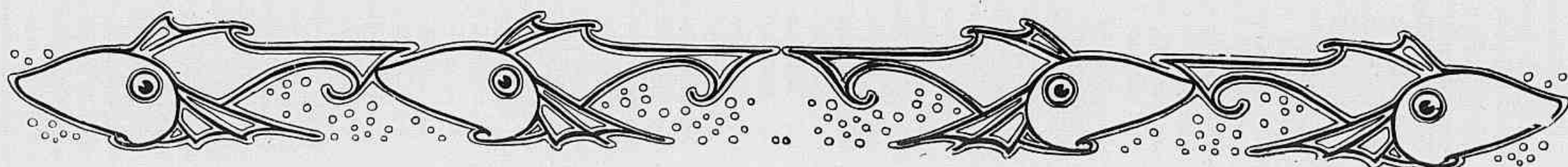
Desenho e texto de Mauricio Wéllisch

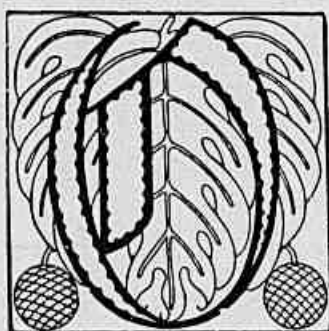
MUNDO MUSICAL BRASILEIRO

INTERPRETES DA NOVA GERAÇÃO

SENHORA DILA
TAVARES JOSETTI
pianista

SENHORINHA
BIDÚ SAYÃO
Cantora

SENHORINHA HELOISA
DE FIGUEIREDO
pianista

A nova moral

M. Paulo Filho

O MUNDO civilisado atravessa uma hora sombria de graves transformações. As suas attribulações deve o pobre planeta ás consequencias da guerra medonha que quasi o arrazou e ás ambições dos homens, cada vez mais desmedidas. As chancellarias e os quarteis continuam trabalhando, as primeiras, apezar do absurdo da verdade, mais bellicosas do que os segundos. E' que, habitualmente, quem marcha para o campo a se metter dentro das trincheiras, para ser trucidado ao varrer das metralhas, não são os diplomatas; são os soldados...

Divagando, com uma certa subtileza, sobre a grande crise da moral contemporanea, Albert Bayet acaba de fazer um estudo curioso. As theses mais audaciosas dos moralistas nos ferem, sempre, por um tal ou qual ar de amoralidade que têm. A verdade é sempre paradoxal, e essa é a lei que colhemos das sabias palavras dos mais eminentes philosophos de todos os tempos.

Velhos papeis consignam um direito singular, expresso nas mais exquisitas leis da Borgonha — o direito de roubar. A these parece extranhamente perigosa, aos olhos da rigida moral do seculo presente. Não ha duvida que venerandos theologos, e dos mais illustres, a defenderam na sua opportunidade. Sirva de exemplo a palavra do Doutor Universal, que soube exaltar, em conceitos profundos, esse estatuto mais do que subversivo.

Para novamente discutil-a, Bayet retoma o principio propugnado por S. Thomaz de Aquino.

Encarando as fórmas de ser da sociedade contemporanea, elle se pergunta em *Le Progrés Civique*:

— Teremos o direito de roubar?

E logo explana a these com finura. A questão ahi esboçada, diz Bayet, não é uma dessas perguntas subtis, que sómente fazem a alegria dos philosophos, sem que, jámais, interessem ao grande publico. E' uma pergunta simples e forte, que se dirige a todos.

Escutemos, agora, as respostas.

Ha, sem duvida, uma que sôa, antes de qualquer outra: *o roubo é um crime.*

Ahi está. E é bem claro e nitido. Mas as respostas de uma ordem assim geral, são sómente fórmulas, abrangendo todos os casos. São, por assim dizer, a fachada da moral. Mas convém que passemos á alma da moral, á justiça.

— Um commerciante compra um objecto por vinte e cinco francos. Oito dias depois, sem o ter tocado, sem que o cambio haja subido ou descido, vende-o por trezentos e cincoenta francos. Não é um roubo?

Ah! a pergunta dessa vez faz um certo calefrio...

Depois, haverá vozes que tentem defender a transacção:

— São os habitos...

— Mas, por Deus! Não se trata disso. Temos é o homem que fez uma transacção de natureza tão grave. Roubou ou não roubou?

Silencio. Depois, outras vozes que tentam outras defesas:

— E' difficil fixar o valor real das cousas... Entretanto, quando um commerciante pede por uma cousa mais do que essa cousa vale, elle rouba, e sabe que rouba.

Outra opinião:

— Como elle será um gatuno, se o seu acto não está previsto na lei? Só ha crime quando a lei o classifica...

E, emfim:

— Deixemos de phrases. A verdade é que o homem foi mal intencionado. Mas cada um de nós desejava poder ser mal intencionado como elle.

Eis ahi. São phrases que temos ouvido vinte vezes. Exprimem um desaccôrdo claro, tão claro quanto poderiamos desejar que elle fosse. Mas, que importa, se os moralistas depôem, com uma palavra, para resolver o problema?

Os seus livros estão aqui sob os meus olhos.

Allegam os profanos, que não são os mais corajosos: Berttand, Paul Janet, Malafert, Ragot, Rey, J. Thomas, Worms, etc.

Replicam os catholicos, accrescentando cheios de perseverança: padres Bernard, Delmont, Dunan, Durant, F. Sonio, Regnault, etc.

Abro, successivamente, esses livros. Leio, releio. Aprendo, aqui, que o roubo é um acto contra a justiça; ali, que elle é prohibido por Deus...

— Mas o meu commerciante é um ladrão?

Ninguem responde...

Ninguem pensou nelle. As obras, que eu tenho debaixo dos olhos, não são, note-se bem, manuaes para principiantes. Algumas, como as de Malafert e Rey, são obras notaveis, justamente celebres. A maior parte dellas entretanto é feita para estudantes de philosophia, isto é, rapazes de dezesete annos, que, sem duvida, vão entrar nos negocios. Algumas indicações sobre lucros licitos e ganhos illicitos, lhes poderiam ser bem uteis.

Nada.

— Meu commerciante será um ladrão ou um homem honrado?

Não são os moralistas que vão resolver a questão.

— Simples esquecimento, talvez... direis vós. Seja. Tomemos outro caso.

— Um contribuinte, que tem 300.000 francos de renda, declara, apenas, 80.000. E' um roubo?

Não insisto sobre as opiniões, que pódem ter os profanos. Os pontos de vista, aqui, variam muito. Uns declaram, cortantemente: aquelle que commette fraude é um ladrão; outros, preferem a encruzilhada commoda dos sophismas, e dizem, levantando os hombros: roubar o Estado não é roubar.

No debate assim aberto, que dizem os moralistas?

A opinião dos profanos não é duvidosa: elles são contrarios aos fraudatarios. Desgraçadamente, quantos, entre elles, os condemnam com precisão? Quantos denunciam a indulgencia culposa de uma parte de sua opinião? Dois ou tres, entre vinte, talvez... A maior parte se contenta com uma palavra breve e vaga: "O imposto é devido" ou então: "paguemos o imposto que devemos".

Indulgencia secreta? Não. Em muitos é precisamente o contrario. Quando Malaport, falando da obrigação stricta de pagar, accrescenta: "E' inutil insistir", elle quer dizer que, por si mesmo, a cousa é evidente, e que não vale a pena discutil-a.

Do ponto de vista philosophico, elle terá razão.

Mas o peor é que os seus leitores não são philosophos.

Em torno a elle, apadrinhados com a sua palavra, elles tratam de achar desculpas para as fraudes.

Pensemos, agora, nos moralistas da Egreja.

A' primeira vista, elles estão de accôrdo pleno com os seus collegas profanos. Como estes ultimos, contentam-se, muitas vezes, com uma palavra breve e vaga. Mas essa palavra ao menos declara que é *uma obrigação pagar o imposto*. Alguns auctores fazem, mesmo, referencia á fraude e a condemnam. *Não se deve fraudar o fisco*, escreve o padre Dumont, *como muitas vezes ha quem o faça, sem escrupulo algum*. E o reverendo Lahr explica, muito bem, que *é uma deslealdade fraudar a lei ou procurar por todos os meios esquivar-se a ella*. Aliás, Christo mandava que se désse a Cezar o que era de Cezar.

Meditae bem todos os textos, todas as phrases citadas. Creio que chegareis ás mesmas conclusões a que eu chego.

Não se trata de phrases vasias, de fórmulas geraes? A moral é una, solida, immutavel: prohibe que se roube — *roubar é um crime*.

Mas tratar-se-á de um roubo concreto, determinado?

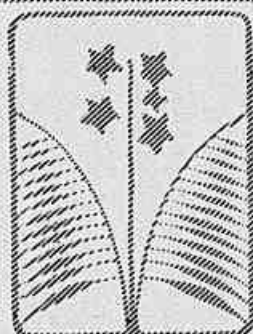
Os doutores se calam... ou então se contradizem... Um, faz daquelle que frauda um ladrão, tratando do assumpto sem manifestar grande interesse por elle; o outro diz em voz alta: *Pague os impostos!* e, baixinho: *não é a consciencia quem vos força a pagal-o!*

Em resumo — duas doutrinas se defrontam. Uma mais ardente, mais audaciosa; outra mais discreta, mais timida. Uma feita de generalidades; a outra de minucias. Qual das duas será agora a mais poderosa? Os philosophos do estofo de Xenófrates, que não se commoviam, nem tremiam de espanto, que mettam mãos á obra e respondam com segurança. Elles é que educam o espirito do legislador...

o o o

DEBULHANDO MILHO NO NORTE DO ESTADO DE S. PAULO

Quadro de Rosalbino Santoro

FAMILIA REAL DE ITALIA

A Princeza Mafalda-Maria-Elisabetta-Anna-Romana

OUTRA VEZ...

(A Alvaro Moreyra)

*VOLTOU a chuva, a melancolia
dos fios longos como lagrimas nas vidros.*

Ruas desertas, arrepiadas...

*De longe em longe, sem ruido,
um auto risca a rua recta,
espadanando as enxurradas.*

As vidraças fechadas lembram palpebras descidas.

*Como é doce, cariciosa,
uma nota vaga de piano,
uma nota surda e unica,
cariciosamente unica,
que venceu os vidros, venceu a chuva,
para chegar aos nossos ouvidos...*

Doce, cariciosa, como a chuva...

*E um silencio de agua que cae, de gotteiras pingando,
de almas vasias que procuram cousas para recordar,
do desejo de chorar sem motivo nem gosto,
chorar como a chuva chove...*

*Chorar pensando
que é a chuva que dansa nos nossos olhos como lagrimas...*

JOÃO ALPHONSUS

Letras catholicas brasileiras

SOARES D'AZEVEDO

ARA se fazer um inquerito consciencioso á vida religiosa do paiz, necessario se tornaria começar por onde muitos acabam: um estendal do que ha feito, e só depois uma regressão lenta nos tempos, um estudo comparativo dos paizes tanto ou mais adiantados que o nosso, e o fecho secco, synthetico, c o n c i s o, como conclusão de premissas. Mas quem foi que disse que isso se possa fazer sem o risco das complacencias e das meias tintas? Somos um pôvo em formação e, muito embora a critica, para ser respeitada, não deva ater-se a considerações que excluam as objectivas, é de levar em conta tudo quanto nos mereça cuidados pela vulgarização da idéa patriotica.

Assim, será o seu tanto arriscado, diante da susceptibilidade de tantos, avançar que as letras catholicas brasileiras vivem ainda a phase do cháos. Ha sempre espiritos zelosos da bondade de uma obra em que acaso tenham sido collaboradores. Os catholicos são de uma pertinacia invencivel. As perseguições romanas fortaleceram-lhes as fibras moraes.

"O sangue de martyres é a semente de christãos". Esse aferrado instincto de defesa generalizou-se á propria obra humana e, portanto, fallivel. Diante das garras dos leões dos circos, ainda segredavam para a sua alma serena: **Credo!** A Reforma encontrou-os firmes como a rocha, e a Encyclopedia e a Revolução, se não os deixou ganharem terreno, não lhes abalou as convicções. A isso chama a ignorancia sectaria: "intransigencia, intolerancia". A isso chamo eu: "fé". Ah! se tivessemos assim, todos os brasileiros, no destrinçamento dos nossos novellos, tão arraigadas as convicções!

Mas venha o exame calmo e frio... As grandes livrarias editoras ampliaram o espaço das vitrinas. O verso brasileiro pompeia as suas grandes máguas tropicaes.

A literatura de ficção agita-se, ganha corpo, toma uma certa personalidade. Fazem-se graves estudos de direito. Pois não é verdade que a Academia prepara o seu **Diccionario da Lingua Portugueza no Brasil?** A literatura didactica pede mais estantes. De modo que uma inspecção, mesmo que ligeira, ás vitrinas das livrarias nacionaes deixa ver o esforço de Monteiro Lobato, a abundancia de compendios da Alves, uma alluvião de livros de capas exoticas, onde se gravam desenhos egypcios, allegorias phantasticas, titulos berrantes, e plasma o guião da intellectualidade nova.

A gente pergunta-se, ao fim:

— O Brasil é um paiz catholico. Onde está a literatura catholica nacional?

E' ao que venho...

A Igreja, no Brasil, não nos illudamos, ainda se acha na phase da catechese. Isto não é meu, é de um dos mais scintillantes espiritos da moderna geração catholica, Jonathas Serrana, mestre em portuguez, em direito, em historia e... em poesia. Assim é que as **Pastas Pastoraes,** que em outros paizes são tambem modelos literarios, tomam aqui feição de agiographias, de catecismo e apologetica. Tenho-as lido pobres e arreceadas, embora lhes sôbre aquelle espirito apostolico, tão de molde a quem, carregando a mitra, não se desdoura de no Brasil fazer de parocho. Alevantadas, porém, são as excepções. O fallecido D. Silverio Gomes Pimenta, da Academia, o arcebispo de S. Paulo, D. Duarte Leopoldo e Silva, o arcebispo de Diamantina, D. Joaquim Silverio de Souza, o arcebispo-coadjuctor do Rio de Janeiro, D. Sebastião Leme, e poucos mais, têm cartas modelares vasadas em estylo têrso, em brioso hombrear com os nossos mais elegantes escriptores, respeitadas as distancias; idéas erectas como palmeiras imperiaes, e essa fidalguia no dizer que pede meças ás pastoraes francezas e italianas.

A literatura ecclesiastica, no resto, é o seu tanto falha: a clerezia vadeia os rios e transpõe os montes, á cata de almas. Porque está muita coisa por fazer: a escola, a imprensa, a assistencia ao operario... Com 30 milhões de almas, temos tantos padres como os 8 milhões de belgas. Ao sacerdote brasileiro impende, por conseguinte, um esforço maior, são multiplas as suas attribuições, e mal lhe sobra o tempo para o sobrio artigo de jornal. Pudesse, obraria maravilhas. O padre brasileiro é intelligente, dispõe de uma bôa bagagem de conhecimentos, tem imaginação e é operoso. Mas, falta-lhe o tempo, e disso se resentem os devocionarios e livros de reza, mal traduzidos, mal adaptados ou mal escriptos. Como anda por ahi estropiada a **Imitação de Christo**...

Ainda assim, o padre Gastão Liberal Pinto deunos um primoroso trabalho sobre literatura; o padre Antonio Thomaz, cearense, faz sonetos de primeira agua; o padre Heliodoro Pires, pernambucano, escreve livros que trahem o seu aprofundado gosto pela cultura franceza; o arcebispo de S. Paulo apresenta conferencias magistraes; monsenhor Rangel de Mello é capaz de levar de vencida todos os jornalistas cariocas; monsenhor José Laudin verseja; o padre J. Perna traduz; o padre Humberto Roliden escreve sobre sciencia; o padre João Baptista de Siqueira é terrivel polemista; e quantos, quantos mais poderia eu ainda citar pela rama...

A imprensa catholica é fraca, porque feita quasi todas nas horas vagas, para auxiliar immediato do vigario ou do bispo, que a levam até onde elles não pódem estar mais a meúde. São 250 os jornaes catholicos brasileiros, e nelles se percebe um grande esforço e uma grande alma de apostolado. Mas, se a sua feição material dá pena, a redacção vacilla, treme, por vezes fraqueja em espasmos e deliquios, soluções de continuidade. Grande jornal diario não existe. E'-lhes vedado o passeio pelos mesmos campos franqueados á imprensa neutra, que de tudo discute com surprehendente desembaraço. O jornal catholico, por emquanto, tem de ser o catecismo em pillulas, porque convém formar primeiramente o catholico, educal-o, instruil-o, disciplinal-o, preparal-o, emfim, para os grandes prelios de amanhã.

Timido, passo incerto, penetra todas as semanas na fazenda calma, vai constantemente ao lar christão, mas ainda não cobrou forças para atravessar as avenidas e passear impante nos bondes, nos trens, nos automoveis, com a popularidade d'**A Noite** ou a audacia temida do **Correio da Manhã**. E' interessante observar que os jornaes catholicos de maior tiragem são justamente os dirigidos pelas congregações religiosas: Missionarios do Coração de Maria, em São Paulo; Franciscanos, na Bahia; Padres do Verbo Divino, em Juiz de Fóra; Redemptoristas, em Apparecida do Norte; Jesuitas, em Porto Alegre; etc. De resto, jornaes timidos fóra do meio, jornaes valentes, sentinellas audazes e fieis no elemento em que agem.

O laicato catholico, dispondo de mais tempo, dispõe de mais obras. Falta-lhe, por emquanto, a disciplina, a unidade de vistas. Duas escolas se apresentam, com os seus caracteristicos bem accentuados: a franceza e a allemã... Porque até nisto, louvado seja **Deus!**, surgem as predilecções e se estadeia a subordinação ao que é de fóra.

Religiosos allemães, antes e durante a guerra, actuaram directa e fortemente nas letras catholicas. Pode-se dizer que todo o grande movimento dos ultimos quinze annos partiu de uma cella branca do convento franciscano de Petropolis. O revmo. frei Pedro Sinzig

lançou jornaes e revistas, fez romances, publicou numerosos artigos e conferencias, discorreu sobre caricatura, fez musica sacra, regeu no Theatro Municipal a orchestra da Sociedade de Concertos Symphonicos, traduziu romances, dedicou-se á critica de arte, orientou não sei quantos periodicos... Foi um alvoroto. O laicato empunhou a penna e desdobrou as tiras, mas a verdade é que, com a guerra, se delinearam mais as duas escolas. Não cabe aqui o exame dellas.

E' verdade que a Allemanha de hoje, com 25 milhões de catholicos, produz muito mais que a França. As questões sociaes são ventiladas para as tendencias modernas. Contra o racionalismo surgem em Brisgan compendios formidaveis. Apparecem de novo as emocionantes lendas do Rheno. Os jesuitas, na apologetica, na sciencia e na philosophia, dão quináu aos seus collegas de aquem-Rheno. E' uma santa competição a de hoje, porque, afinal, os esforços dos dois lados tendem sempre á maior gloria de Deus. Das officinas catholicas de Paris e de Tournai, porém, juntamente com a apologetica, sahiu nos ultimos tempos a politica de odios á Allemanha. E' uma confusão perniciosa, que arrastou a Igreja a campos difficeis, de emmaranhados. O francez mais encarniçado contra a Allemanha é o padre. Tornouse, pois, suspeita a literatura catholica franceza dos ultimos annos, porque se envolveu, nos assumptos mais delicados, com as paixões oriundas da guerra. Tenho sobre a mesa, por exemplo, um tratado de esthetica literaria, de um jesuita. O prefacio é um tremendo libello contra... a Allemanha. Ora, os catholicos brasileiros ignoram a lingua de Goethe e de Kant. Como o grande publico com as modas, os theatros e outras diversões, tambem os catholicos se abeberaram na cultura franceza. Escrevemos livros com 50 °|° do texto dedicado a citações, transcripções, allusões a autores, acontecimentos, cultura franceza... porque entendemos o francez. Qual seria o nosso rumo literario e intellectual se nos fosse tambem familiar a lingua allemã? O director da Instrucção Publica de Minas Geraes, e tambem professor da Escola de Minas de Ouro Preto, Dr. Lucio José dos Santos, que se póde considerar um dos mais solidos elementos da intellectualidade catholica nacional, conhece o allemão, e isso lhe é bastante para dilatar a esphera dos seus trabalhos, frequentemente marcados com citações de autores germanicos tanto mais notaveis quanto menos conhecidos são aqui.

De modo que os campos estão definidos e ha dois caminhos para Roma: o de Berlim e o de Pariz.

Nos ultimos tempos surgiu aqui no Rio o **Centro Dom Vital,** que está editando dois volumes por mez.

Os seus directores, filiados á escola franceza — citarei de passagem Jackson de Figueiredo e Perillo Gomes — dão novos nomes á literatura catholica brasileira, alentando-se no pensamento francez para a grande obra da restauração nacional. Se a imprensa é falha, deficiente, anemica, o livro tem ambições, é bem impresso, dá espaço para o decollar de avião que ha de singrar os ares do pensamento catholico. Na poesia, dois nomes se impõem: Jonathas Serrano e Durval de Moraes, o primeiro com o **Evangelario** e **Coração;** o segundo com a **Lyra Franciscana** e a **Cheia de Graça**. E difficil encontrar um quarto nome no sexo forte, depois do de Mario de Lima, mas o fraco dá-nos Amelia Rodrigues, excelsa poetiza bahiana, que não lhes fica a dever coisa nenhuma. O seu recente **Flores da Biblia** honra a literatura dos dois paizes onde se fala e se escreve a lingua portugueza.

Jackson de Figueiredo, recentemente sagrado cavalleiro das hostes de Christo, vai conquistando mais estima á medida que vai perdendo a violencia e a crueza caracteristicas dos arraiaes por onde andára antes tresmalhado.

O Jesuita Leonel Franca, puritano com doutoramento em Roma, envereda afoitamente pelos bosques da sã philosophia, mãe de toda a sciencia, fonte de onde derivam todos os regatos do alto pensamento christão. Affonso Celso não nos dá mais livros, Carlos de Laet aposentou-se depois de algumas dezenas de annos de jornalismo activo: crystallizou... Em compensação, vão surgindo os novos: em Porto Alegre acaba de ser fundada uma Escola de Escriptores Catholicos, e os bispos do Norte e do Nordeste preparam diarios estaduaes e montam officinas para os grandes livros de vulgarização e de fé.

O romance catholico, entre nós, ainda é pesado, arrasta-se lentamente, e, quando muito, é catecismo fantasiado em amores puros, com episodiozinhos de lares simples, onde a criança não puxa pela cauda do gato e a cozinheira é reprehendida por maltratar as bôas irmãsinhas flores. No geral, impera a traducção, traducção do allemão, traducção do francez, porque, nem aos escriptores sobra tempo para trabalhos mais alentados, nem aos editores coragem, nem a uns e outros leitores que aleitem duas edições de vulto. O livro de combate, porém, continúa preferido: Perillo Gomes tomou a peito a Theosophia, do padre Heredia foi traduzido um sobre Espiritismo, eu dei ha dois annos uma pobre resenha do Protestantismo aqui e alhures, com todo o seu cadastro, fichas e proezas. De S. Paulo para baixo, publica-se pouca coisa, excepção feita aos jesuitas de Porto Alegre, que nos brindam com uma collecção de traducções para a mocidade estudiosa.

A literatura didactica impõe-se, sobretudo a destinada aos annos primario e secundario. Os Irmãos Maristas de S. Paulo dão-nos a Collecção **F. T. D.**, os salesianos da mesma cidade a Collecção **P. P. S. S.** e os Franciscanos de Petropolis imprimem milhares de compendios para as escolas infantis gratuitas. E' curioso assignalar que essas collecções catholicas — Portuguez, Francez, Arithmetica, Geographia, Physica, Geometria, Civilidade, Atlas, etc. — não vivem encerradas nas estantes dos collegios religiosos, mas chegam mesmo a ser solicitadas pelos gymnasios officiaes e por um grande numero de estabelecimentos particulares, que as adoptam. Ouvi dizer que os Maristas de S. Paulo fazem muito dinheiro, annualmente com a sua **F. T. D.**

A Igreja no Brasil, por emquanto, catechiza, constróe templos, abre escolas, préga missões, corrige os civilizados, educa os barbaros, traz os selvagens á luz do grande dia. E' incalculavel o esforço dispendido com os indios, pelas ordens e congregações religiosas.

Está-se arrumando a casa, por emquanto. Depois, virão as rendas e os enfeites, as flôres e a gaiola do canario belga. Tanto assim que, havendo para perto de 250 jornaes catholicos, talvez não haja 20 jornalistas catholicos remunerados, e, destes, pobres coitados, se deve dizer que procuram milho em outros campos, porque o artigo lhes é pobremente pago.

A trincheira, deste lado, está desguarnecida. Concentram-se as forças em outras posições estrategicas, onde ronca mais forte a artilharia inimiga. A esta só tem chegado os piparotes da imprensa diaria, que ás vezes se mette a discutir o que não conhece...

Mas a massa é bôa e vai dar do melhor pão. Dentro de dez, de vinte annos, a intellectualidade catholica brasileira será das mais finas do mundo, porque para o apostolado vão surgindo os apostolos, numa dedicação edificante e com pleno conhecimento das necessidades do tempo presente. A guerra trouxe uma redobrada furia contra as tradições christãs. Da America do Norte, a quererem imitar o antigo cylindro russo, baixaram as hostes protestanticas, servidas de munições de primeira ordem, com as quaes vão abrindo claros nas fileiras das grandes cidades do litoral e do interior.

Foi o bastante para a arregimentação da intellectualidade catholica, que se poz a conjugar, como a cavallaria com a infantaria, a fé com o patriotismo.

Por isso é que se está assistindo á apresentação de todos os valores moraes e sociaes, numa especie de parada de forças que não é esse nacionalismo xenophobo e cruel dos Turcos contra os Armenios, mas a actividade consolidadora da nacionalidade,

com o cimento da fé esclarecida e o esforço da ineffavel abnegação christã.

Ahi têm. A intellectualidade catholica brasileira, a quem vê com olhos de vêr, dá a impressão de um exercito em preparativos de manobras. E' a desordem, que conhece a ordem, mas num apice se movimenta, se perfila, e avança ao primeiro signal. Não se tenha a menor duvida de que ella hade cumprir o seu dever civico e patriotico, quando e aonde quer que seja chamada.

O nosso povo ainda lê muito pouco. Talvez surprehenda dizer que **Le Matin** tem uma tiragem diaria de 1.800.000 exemplares, e o **Daily Mail,** de Londres, uma tiragem diaria superior a dois milhões. Será ousado affirmar que o jornal brasileiro mais lido alcance 70.000 exemplares diarios. Na média, a tiragem dos nossos jornaes catholicos não excede de 3.000 exemplares, para cada um, excepção feita a um quinzenario da Bahia, com 50.000 exemplares e a um hebdomadario de S. Paulo, com 30.000 exemplares. As segundas edições de livros rareiam. O povo ainda desconhece a força formidavel da palavra impressa. Dá muito para as obras de culto, attende ao bispo e ao vigario, mas desinteressa-se, no geral, pela sua imprensa. Em poucas semanas viu-se como se ajuntaram 1.500:000$ para a subscripção pelo monumento a Christo Redemptor no Corcovado.

Mais daria elle se mais lhe fosse pedido... Em materia de imprensa, porém, distrahidas as attenções dos mandantes para obras que reputam mais urgentes, vivem os mandados com as preoccupações dos grupinhos, dos pontos de vista exclusivistas, das escolas ferrenhas e aggressivas.

O paiz é grande, as dioceses são muito afastadas, tornam-se difficeis as communicações, e tambem isto empecilha o progresso rapido das letras por faltar aos trabalhadores deste campo uma orientação segura e uma geral voz, rapida e a tempo de commando.

Tudo que ha vem, quasi sempre, de esforços isolados, de iniciativas particulares, de abnegações edificantes. Conheço um padre-escriptor, e dos mais acatados, que para fazer um livro tem que abrir entre os amigos subscripção de favor para as despezas da typographia... Mesmo assim, não arrefece o zêlo, mas desdobram-se os esforços. Do cháos sahiu a terra. Deste novo cháos está sahindo a mais bella floração intellectual americana. Esclarecido o patriotismo, abafadas as palpitações egoistas, arrazados os grupelhos, posto á luz do dia o espirito de caridade christã, comprehendido, emfim, o valor e a união da imprensa moderna — o livro e o jornal — está tudo feito, porque a massa é bôa e os operarios bastantes e afoitos — r e p e t i m o s .

o o o

RIO DE JANEIRO

Avenida Rio Branco

Edificio do
Jockey Club

SENHOR FELIX PACHECO

MINISTRO DO EXTERIOR

UM HOMEM

MARTINS DE ALMEIDA

É POUCO acreditavel, mas o facto é que Antonio José da Silva Filho nasceu... Quem que não duvida intimamente que um Silva qualquer tenha vindo do seio do nada para o mundo dos vivos? Entretanto, a realidade apresentou-nos aquelle, mettido em fórmas humanas. Somos obrigados a crel-o. Mas, não chegamos ao ponto de julgar que o genio da especie viesse tramando, seculos e seculos, subterraneamente, o nascimento do Silva Filho. Isto, tambem, não. Elle veio certamente á luz por descuido das divindades que nos rodeiam. Então as potencias mysteriosas da vida não pódem cochilar um pouquinho, humanamente, como um bom burguez? Podemos mesmo acredital-o. A vida é obra de uma vontade entrecortada de distracções. O dia em que o nosso heroe nasceu era um domingo provinciano, calmo e morno. A atmosphera estava parada. O sol não dera um dos seus frequentes escandalos luminosos. O céo velou o seu cynico azul com uma gaze pallida. Tintas neutras cobriam toda a face da natureza. As cousas e os deuses amadornavam... Eis como o Silva Filho burlou toda a vigilancia divina, apparecendo ousadamente á face do mundo. Ora! o Silva surgiu para a vida real! Elle, o mais simples dos sêres, mettido dentro de medonhas complicações physiologicas e psychologicas! Que absurdo! Mas, que veio fazer neste mundo? Ignoramos inteiramente. Apenas sabemos que elle passeou pela crosta terrestre o seu bocadinho de vida. Sim! um bocadinho de vida, porque Silva Filho comia um bocadinho, respirava um bocadinho, sentia um bocadinho, amava um bocadinho. O nosso heroe identificou-se tão bem com o domingo em que veio ao mundo, que o repetira pela vida afóra. Na substancia do seu ser nunca houve logar para quaesquer excessos. Um grande acontecimento diminuia consideravelmente quando o tocava.

A maior das guerras, concebida pelo seu cerebro, não passava de uma escaramuça entre meia duzia de homens armados de algumas bombas e canhões. Um vulcão em actividade não passava de uma grande caldeira de agua a ferver. Assim, Silva Filho, filho de paes remediados, levou uma infancia socegada de menino bem comportado. E durante toda a vida, elle se comportou bem comsigo mesmo, com os homens e com as cousas. Sem rixas e travessuras atravessou em segredo a infancia. Aos 8 annos, começou a estudar num grupo escolar. Decorava sempre os livros. Essa faculdade de decorar era tão desenvolvida nelle, que decorou toda a existencia. Viveu sem saber o que viveu. Fez os preparatorios, e matriculou-se na Escola de Direito. Continuou quasi imperceptivel. Parecia esgueirar-se cautelosamente por uma fresta do mundo. Andava sempre longe dos tumultos e das algazarras. Silva Filho era apagadamente impessoal. Não havia no seu modo de trajar, na sua attitude, na sua physionomia, no seu espirito, um só traço que o caracterizasse. Distinguia-se, talvez, pela absoluta negatividade de sua pessoa.

Pensamos que nem mesmo nisso. Apagava-se na massa anonyma dos seres vulgares. Como poderia o pobre Silva Filho apparecer neste mundo, hoje em dia, atravancadissimo? Ha gente em excesso. Para que se saiba, apenas, que existimos, é necessario esticarmos o pescoço por cima dos hombros alheios, gritarmos, termos attitudes, gravatas e idéas originaes e, emfim, affirmarmo-nos a nós mesmos de uma maneira violenta. Silva Filho não podia applicar nenhum desses processos de existir para o mundo. Afundava-se cada vez mais numa pasmosa inexistencia.

Ficava na sala de espera da vida, olhando com um certo espanto os que entravam e os que sahiam. Mas, era feliz! desprezivelmente feliz, o Silva!

Sem intelligencia nem imaginação, a vida, com seus aspectos variadissimos, o satisfazia até demais. Nunca lhe passou pela mente que todos os acontecimentos que constituem a existencia podessem ser insufficientes para certos individuos. A realidade toda inteira não cabia no seu espirito pequenino. Silva Filho se affez naturalmente a uma ordem particular de factos.

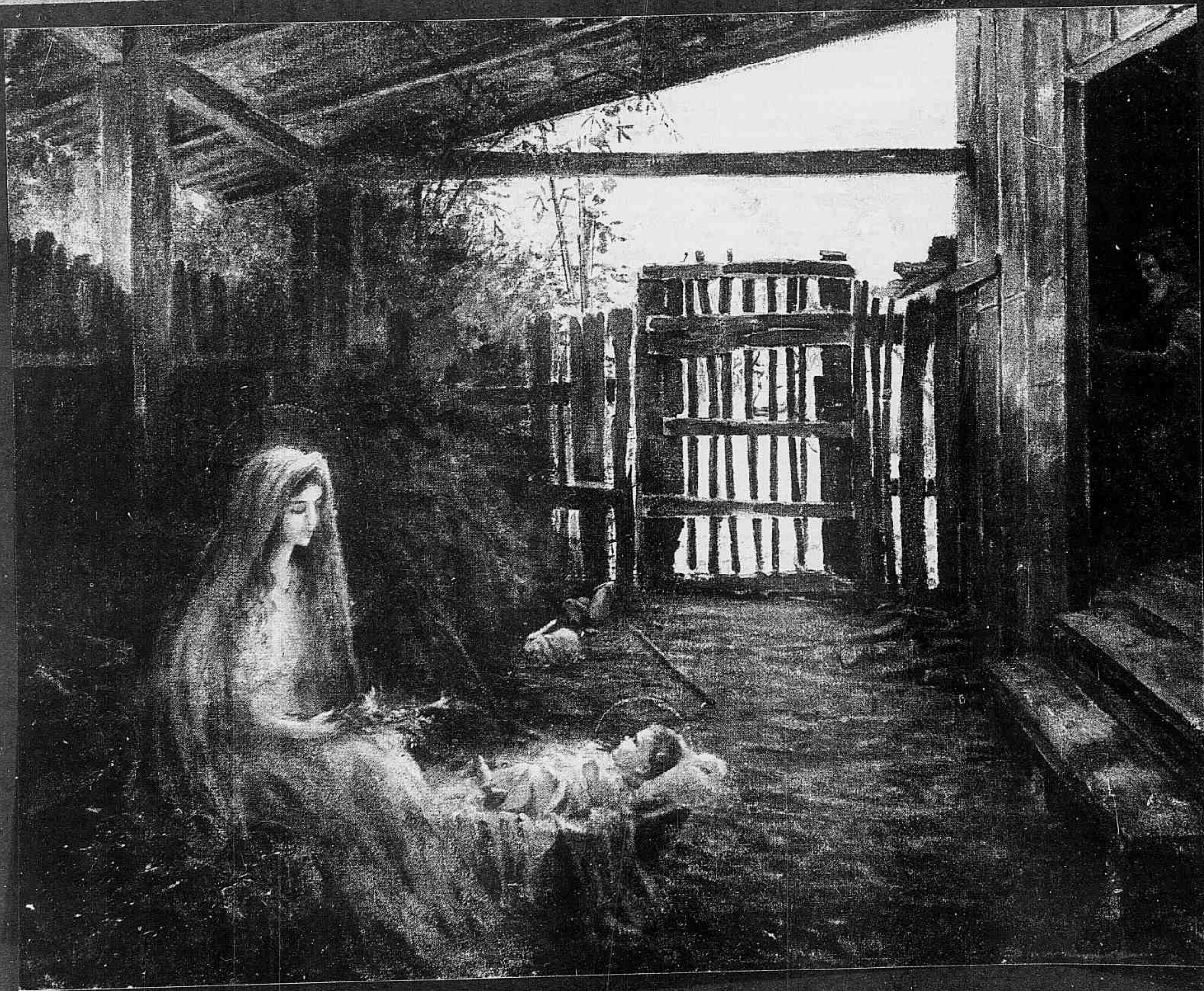
Possuia uma concepção muito simples do universo. Para elle, o mundo não passava de um immenso edificio, de linhas sobrias, sem rendilhados nem arabescos. O nosso heroe tinha uma noção muito fixa e absorvente da ordem.

As suas idéas, os seus sentimentos, as suas roupas eram arranjadas de uma maneira irreprehensivel. Os seus menores actos se pautavam por uma regularidade impeccavel. Era tão methodico que parecia machinal. Por um egocentrismo natural, elle julgava que o mundo devia obedecer a seus regulamentos pessoaes. Incapaz de preoccupações metaphysicas, possuia o vago presentimento de que Deus era um Silva Filho ampliado e invisivel. Mas a ordemsinha que elle concebia como universal era, não raro, violada. Por isso, ousamos affirmar que o nosso heroe soffria um bocadinho. Sim, o Silva Filho deu o seu passinho de valsa com a dor. Um homem coxo, uma arvore de tronco torto causavam-lhe a mesma penosa impressão que lhe produzia um objecto fóra de seu logar. Quasi que sahindo de si mesmo, chegava, ás vezes, incrivelmente, a se interrogar: Como é possivel um homem ter uma perna menor do que a outra, si eu tenho as duas do mesmo tamanho? E um vago terror supersticioso enchia a sua alma. O nosso Silva Filho não podia afastar-se das noções acerca da ordem universal preestabelecidas no seu espirito. Essas inquietações, produzindo fracos movimentos nas suas cellulas cerebraes, causavam-lhe pequeninas dôres. E o Silva Filho quasi que vivia...

Na Faculdade de Direito, o nosso heroe passou sempre desapercebido. Entretanto, era de uma assiduidade e de uma applicação exemplares. Como poderia ser de outro modo? Para elle, o curso de direito era uma cousa sagrada. Silva Filho, com o espirito affeito a tudo o que regula e ordena, tinha a religião da lei. Era um fanatico. O Codigo era a sua Biblia.

Amava a lei pela lei, sem se preoccupar com os seus resultados. A sua religiosidade escapava por esse lado. Silva era um fetichista. Emprestava aos professores de direito, aos juizes, aos dirigentes de estado, um poder sobrenatural. Com que mystico temor e admiração elle se approximava de uma dessas divindades! Quanto a seus collegas, estudantes de direito, envolvia-os, tambem, numa sympathia e numa consideração profunda. De vez em quando, rebentava no interior de seu ser um desprezozinho. Como não? Elle desprezava a todos que não tinham relações intimas com a lei. Como se póde ser medico, engenheiro, commerciante ou artista? interrogava a si proprio. Considerava muito baixas essas classes, julgando que só eram procuradas por individuos inferiores. Ao passar por esses, o nosso heroe envolvia-os num olhar de profunda piedade, como um crente para o peccador, exclamando:

"Coitados, não leram e nem conhecem o Codigo."

(*Termina no fim da revista*)

"NATAL" ○ ○ ○ ○ ○ ○ CARLOS OSWALDO

Barão de Cotegipe

J. F. de Araujo Pinho

(CONFERENCIA LIDA NO INSTITUTO GEOGRAPHICO E HISTORICO DA BAHIA)

(Conclusão)

Não sei se me engano, affirmando que o Sr. Tejedor não me pareceu desgostar da repulsa que eu fazia ao General. S. Ex. ainda que não se tenha apresentado é, a meu ver, o unico candidato sério á futura presidencia da Republica, em opposição a Mitre. Tudo quanto contribuir possa para diminuir o prestigio deste não lhe será desagradavel. Ao despedir-se, disse-me com jovialidade, — já sei que a Mitre não mando. Agradeci a S. Ex. o espirito conciliador, de que nesta occasião dera provas, relutando assim a arguição que alguns lhe faziam de aspero no seu trato official. S. Ex. sorriu e respondeu-me que chamavam aspereza o que era tenacidade em suas opiniões.

Seguindo hoje para Montevidéo, nada mais resta senão reiterar a V. Ex. etc. — B. de Cotegipe."

Referindo-se a estas importantes conferencias, diz Cotegipe, em carta particular de 1º de Março, ao Cons. Corrêa:

"O resultado foi, penso eu, satisfatorio, podendo-se chegar a um accôrdo sem quebra de nossa dignidade, e perda da posição, que assumimos. Para esse fim cumpre que o Governo Imperial não se apresse em ratificar os Tratados, e aguarde a minha presença, assim como que não responda ao protesto do Governo Argentino contra elles. Eu estarei na Côrte até o dia 9 do corrente. Tenho esperança fundada de que os nossos opposicionistas ficarão representando o papel de mais argentinos que os proprios argentinos. A imprensa tinha mudado de **tom** e a **"Nacion"** que me ameaçava com canhonazos pela retaguarda e flanco remetteu-se ao silencio depois da minha chegada. A nuvem que parecia carregada desfaz-se com maior facilidade do que se formou. Tranquilizem-se, pois, se é que tiveram temor."

MONTEVIDE'O

Aportou a esta cidade no dia 29 de Fevereiro. Tendo Battle passado o Governo da Republica a Gomensoro, Presidente do Senado, com este conferenciou no dia 2 de Março, na casa do Governo, tendo sido antes visitado e cumprimentado por parte do Presidente.

A conferencia que solicitou tinha por fim saudar Gomensoro pela sua ascenção ao poder e principalmente communicar-lhe os successos do Paraguay, no intuito de inteirar-se da opinião do Governo Oriental.

O novo Presidente adiantou-se, fazendo os mais significativos protestos de amizade ao Imperio e manifestando vivo desejo de satisfazer-lhe as justas reclamações; particularmente, o pagamento da divida contrahida pela Republica. Mostrou-se adverso a qualquer acto de união com a Republica Argentina, tendo feito romper no primeiro dia da sua administração as negociações de paz em que o Governo Argentino era mediador, quanto á embaraçada situação politica do paiz.

Expoz-lhe Cotegipe os motivos por que tratára separadamente com o Paraguay e offereceu-lhe copia do Tratado de paz, unico que poderia interessar á Republica Oriental, esperando que não haveria difficuldade da parte de S. Ex. em adherir a elle ou celebrar identico com a Republica do Paraguay. Lembrou-lhe a conveniencia de ser ouvido sobre qualquer deliberação do Governo a esse respeito o Dr. Adolpho Rodrigues, como negociador que fôra, e homem de bom conselho.

Prometteu-lhe Gomensoro occupar-se do assumpto logo que ficasse organizado o seu Ministerio; antecipou-se, porém, em declarar que o Imperio estava no seu direito de proceder, como procedia em Assumpção.

Communicando, em data de 2 de Março, ao General José Auto (Barão de Jaguarão), Commandante das nossas forças no Paraguay, as occurrencias de Buenos Ayres, manifesta-lhe Cotegipe a esperança de que tudo terminará em paz. Recommenda-lhe, porém, muita vigilancia para que alguma revolução promovida ou protegida por Argentinos, ali residentes, não nos venha collocar em difficuldades.

Indica-lhe providencias.

"Em todo caso, diz Cotegipe, é melhor que nos accusem de ter protegido o Governo, do que termos de combater depois uma revolução triumphante, que se declare contra os Ajustes que fizemos e se ligue aos argentinos. Nada de facilitar."

Ao mesmo tempo dirigiu-se ao almirante, chefe da Estação Naval em Assumpção, communicando-lhe que os espiritos em Buenos Ayres iam-se tranquilizando e, segundo o que ouvira, não era de receiar perturbação das nossas relações com a Republica.

"Todavia algumas medidas de precaução, tomadas de um modo reservado, que excluam a ideia de provocação ou de temor, não parecem excusadas." E indicou diversas.

* * *

Era intenso o jubilo dos brasileiros residentes nas tres Republicas pela resolução decisiva e patriotica de Cotegipe, celebrando com o Paraguay os Tratados em separado, e assim cortando de golpe e nó gordio da emmaranhada diplomacia do Rio da Prata. Festejavam-n'o manifestações de apreço e applausos de toda a colonia, exultante, desopressa de velhas humilhações pela fulminante reivindicação dos brios de seu paiz, havia tanto tempo melindrados,. Cotegipe tocára a fibra nacional.

Essas nobres e francas expansões dos seus compatriotas eram, no theatro dos acontecimentos, a mais formal approvação do seu procedimento e o confortavam salutarmente das lutas porfiadas, que teve de sustentar e nas quaes a energia civica tantas vezes emulou com a habilidade diplomatica.

Antes de partir apra o Rio, sentiu-se na necessidade de leval-as ao conhecimento do Governo:

Montevidéo, 4 de Março de 1872. — Illmo. e Exmo. Sr. — Não será por certo indifferente ao Governo Imperial o saber de todos os brasileiros residentes no Rio da Prata têm recebido com applausos a noticia de haver o Brasil terminado por si só as questões pendentes com o Paraguay. Os proprios commerciantes, cujos interesses seriam grandemente prejudicados por qualquer conflicto com a Republica Argentina, são os primeiros a demonstrar sua satisfação encarando com animo tranquillo, e dispostos a sacrificios, qualquer eventualidade futura. Eu tenho tido agora occasião de reconhecer que o patriotismo mais se avigora e augmenta longe da Patria.

Na Provincia do Rio Grande igual sentimento se manifesta sem distincção de côres politicas. E' de esperar que o mesmo succeda em todas as Provincias do Imperio, assim mesquinhos interesses partidarios, de que se prevalece o estrangeiro para aggredir-nos, não abafem o verdadeiro sentimento nacional.

Prevaleço-me, etc. — **Barão de Cotegipe."**

A S. Ex. o Sr. Cons. Manoel Francisco Corrêa."

* * *

Muitas e incessantes provas de admiração e respeito foram tributadas ao prestigioso diplomata, até que partiu para o Rio, onde, chegando a 9, foi acolhido com geraes applausos, expressivas manifestações e as honras devidas.

FIM DA MISSÃO

Ouvido o Conselho de Estado, o Governo ratificou e promulgou por Decreto de 27 de Março os Tratados celebrados pelo Barão de Cotegipe; considerou relevante o serviço por elle prestado ao paiz, terminando satisfatoriamente as importantes negociações confiada ás suas luzes e reconhecido zelo (4).

(4) O Dr. Carvalho de Moraes, ex-secretario da Missão, communicou a Cotegipe em carta de 2 de Maio que tivera uma longa conversação com o Imperador, o qual se mostrava curioso de informações minuciosas sobre os homens e as coisas do Paraguay e da Argentina. S. M. que já tinha lido os tratados e protocollos, manifestou sua plena approvação nestas palavras: "O que fez o Cotegipe foi bem feito, não havia coisa melhor que fazer."

Os tratados foram objecto de larga discussão na imprensa e no parlamento, inspirando-se a opposição em conveniencias de partido.

DESPEZAS COM O PLENIPOTENCIARIO

"Rio de Janeiro, Ministro dos Negocios Estrangeiros, 7 de Abril de 1872. — Illmo. e Exmo. Sr. — Em additamento ao meu despacho n. 1, de 5 deste mez, tenho a honra de participar a V. Ex. que o Governo Imperial lhe concedeu o vencimento annual de trinta contos de réis, ao cambio de 27 dinheiros esterlinos por mil réis e mais a quantia de quinze contos, equivalentes a dois quarteis de seus vencimentos, a titulo de ajuda de custo para despezas de viagem e primeiro estabelecimento.

Renovo á V. Ex. etc. — **Manoel Francisco Corrêa.**

Ao Exmo. Sr. Barão de Cotegipe, Enviado Extraordinario e Ministro Plenipotenciario em Missão Especial no Rio da Prata."

* * *

Antes de partir, no dia 24, para a Bahia, onde instavam por sua presença sérios interesses particulares, pediu Cotegipe ao Governo que o embolsasse das despezas feitas com caracter reservado, durante a sua Missão. A importancia dellas consta do seguinte officio:

"Rio de Janeiro, Ministerio dos Negocios Estrangeiros: 23 de Março de 1872. — Illmo. e Exmo. Sr. — **Reservado.** — Recebi hontem o officio reservado que V. Ex. fez-me a honra de dirigir em data de 12 do corrente e em resposta participo a V. Ex. que já solicitei do Ministerio da Fazenda que mande entregar ao Dr. Director Geral desta Secretaria de Estado a quantia de dois contos e quinhentos e sessenta mil réis (2:560$) que ficará á disposição de V. Ex. para embolso de algumas despezas com caracter reservado que V. Ex. fez no decurso de sua Missão Especial nas Republicas Argentina, Oriental do Uruguay e Paraguay.

Renovo a V. Ex., etc. — **Manoel Francisco Corrêa.**

Ao Exmo. Sr. Conselheiro Barão de Cotegipe."

E' grato reconhecer-se que no Imperio se fazia diplomacia com proveito real para a Nação e insignificante dispendio para os cofres publicos.

AINDA O ALLIADO

A nota de 15 de Fevereiro, a que perfunctoriamente alludiu Tejedor na conferencia de 28 em Buenos Aires era, entretanto, concebida numa linguagem arrogante e intimatoria que perturbou as bôas disposições do Governo Imperial. Continha trechos assim:

"A Alliança de 1º de Maio de 1865 foi um acto de necessidade, mas um acto providencial, que podia servir para estreitar a amizade de duas nações que haviam combatido entre si em uma epocha não mui remota.

Tres annos de convivencia nos campos de batalha e seis cobertos pelo amplo manto do Tratado de 1º de Maio haviam começado a destruir as mutuas preoccupações, consolidando a communhão de interesses do Imperio com as Republicas do Prata.

... Na grande desgraça do Paraguay, os Estados republicanos do norte e do sul da America comprehenderiam talvez o protectorado de outra Republica: comprehenderiam mesmo a garantia commum do Imperio e seus Alliados que tiraria do facto todos os seus attributos perigosos; mas não comprehenderiam nunca a garantia separada e a occupação militar, ainda depois da guerra, somente pelo Imperio, que por suas condições naturaes não póde garantir bem a existencia de uma Republica, ajudando-a a sahir do abysmo em que cahiu. O protectorado, em tal caso, seria em outros termos a absorpção e deste modo a Republica Argentina appareceria ante as nações como fazendo a alliança e a guerra para engrandecimento do Imperio.

O Presidente da Republica, em cujo nome tenho a honra de dirigir as precedentes considerações, espera que pesarão bastante no animo do Governo Imperial para impedir que se levem a effeito os Tratados celebrados em Assumpção pelo

Sr. Barão de Cotegipe com quebra da Alliança; ou para achar o meio conciliatorio que a conserve até que tenha produzido os beneficios resultados que se tiveram em vista, assegurando por sua parte, se fosse necessario, a disposição mais franca e energica de continuar a manter todas as obrigações da Alliança.'

Responde-lhe o Governo Imperial, em 12 de Março, com uma longa nota, bem deduzida e na qual sobresahem esses trechos altivos:

"Não datam de 1° de Maio de 1865 as relações de perfeita amizade entre o Brasil e as Republicas do Prata. Estas relações existem desde a alliança de 1852 que libertou o Estado Oriental e a Republica Argentina de oppressão dos dictadores Oribe e Rosas.

A alliança de 1865 bem que devesse exercer benefica influencia entre as tres nações, ligando-as por cinco annos de sacrificios e glorias communs em defesa da sua honra e direitos essenciaes, já encontrou aquella base solida de uma união não menos honrosa e talvez de maior alcance politico para a paz e prosperidade desta parte da America."

Na sua famosa nota de 27 de Abril, investe Tejedor bellicoso e aggressivo:

"A historia de tratados rotos por uma interpretação interessada de suas clausulas, ou por não serem já necessarias a alguma das partes contractantes, não é nova no mundo.

E' certo, Sr. Ministro, que a amizade de dois povos visinhos não tem data fixa, como tambem não a tem a inimizade. A batalha de Ituzaingo não nos separou para sempre, assim como não nos ligou para sempre a cooperação brasileira que libertou á Republica Argentina e a do Uruguay de seus dictadores Oribe e Rosas.

"A realidade e grandeza do Tratado de 1° de Maio estão compromettidas por tal modo que nada poderá já restabelecel-as senão a concurrencia franca e energica dos tres Governos assignatarios para o seu fiel e mais completo cumprimento.

"A Republica Argentina, que necessita desta separação, a espera ainda da sabedoria do Governo brasileiro em retribuição da lealdade com que cumpriu durante sete annos seus compromissos de alliança."

Rebate-o victoriosamente, em linguagem lucida, moderada e digna, o Governo Imperial, em nota de 20 de Junho, que contém esses trechos:

"O Governo Imperial hesitou se devia considerar a referida nota como um empenho de paz e manutenção dos vinculos da honrosa alliança de 1865, ou se antes como proposito de romper com essa alliança e provocar uma decisão extrema e funesta para ambos os povos.

"Não pensa o Governo Imperial que o Tratado de 1° de Maio de 1865 tenha para os tres Estados mais importancia do que a segurança que obtiveram pelas armas e os ajustes concernentes a limites, commercio e navegação fluvial, sobre que deve assentar sua paz futura com o Paraguay; não pensa que as recordações dessa alliança devam ser mais gratas aos tres povos do que a de 1852 que acabou com duas tyrannias e abriu uma nova era de liberdade e do progresso para as Republicas do Prata.

"Que significa o concurso franco e energico que a Republica Argentina espera de seus Alliados? Para que fim o reclama e como entende que deve ser prestado? A nota não o declara, mas isto é que convém conhecer e combinar. Não se illude seguramente o Governo Argentino a respeito da unica difficuldade que se oppõe aos seus ajustes de paz com o Paraguay. A difficuldade está nos limites do Chaco. O Paraguay não lhe contesta seu direito ao territorio de Missões e os demais ajustes estão fóra de toda duvida. Porque, pois, quando seus Alliados não declinam de nenhuma das obrigações que contrahiram pelo Tratado de 1° de Maio e nobremente provaram na epocha dos grandes esforços da guerra, não procura o Governo Argentino entender-se com o Governo Paraguayo para reconhecer se é ou não possivel um amigavel accôrdo com este?"

* * *

Tendo conhecimento da arrogante nota de 27 de Abril, entendeu Cotegipe do seu dever rectificar alguns erros de factos constituidos por Tejedor, de referencia a actos, por elle praticados como Plenipotenciario nas Republicas do Prata, e o fez numa longa carta que teve grande repercussão no paiz e fóra delle, dirigida em 25 de Junho, da Bahia, onde se achava, ao Cons. Corrêa, Ministro dos Negocios Estrangeiros.

Neste notavel documento leem-se estes trechos energicos e vibrantes de eloquencia e patriotismo:

"A situação, a que nos quer impellir o Governo Argentino, é por demais singular!

Fizemos a paz, não com o inimigo armado, mas com um governo reconhecido amigo por accôrdo commum dos Alliados. Nem levemente offendemos seus interesses; reconhecemos subsistentes os deveres da Alliança e estamos dispostos a prestar a garantia estipulada, logo que o Governo Argentino trate com o Paraguay. Entretanto, levantam contra nós o que os francezes denominam — **querelle d'allemand**; offendem nossos brios, ameaçam nossas instituições e previnem-se para uma aggressão armada!

Com que fim perturba-se a nossa tranquillidade, interrompe-se nosso progresso pacifico e obriga-se-nos a transformarmos em instrumento de guerra o ferro de que necessitamos para lavrar a terra e animar as industrias?

Vencedora ou vencida, teria a Republica de talar ou ver talados campos, incendiadas cidades, expostas á furia da soldadesca creanças e mulheres inoffensivas, o sangue derramado em jorros. Tudo porque e para que? Para satisfação de vaidades offendidas...

O sangue e o suor dos povos merecem tão pouco daquelles que fazem praça de sentimentos humanitarios?

Não serão preferiveis as glorias alcançadas nos campos da intelligencia e do trabalho?

Se, a despeito da nossa longanimidade e moderação, nos virmos constrangidos a repellir pela força offensas á nossa soberania e dignidade, não perderemos da memoria a recordação que ora se nos desperta das glorias de **Itusaingo**, já que o sangue brasileiro derramado em Caseros pela libertação do nosso Alliado e nos campos do Paraguay não basta para lavar a **mancha** de uma batalha perdida ou de exito duvidoso.

"A Republica Argentina procurou sempre e procura, paciente e tenaz, reivindicar os territorios a que se julga com direito. E' assim que o territorio de Missões, pertencente ao Paraguay, reivindicou-o pelo Tratado de Alliança e não só occupou-o por **direito de victoria**, como até toda a margem direita do rio Paraguay, no Grão Chaco, até a Bahia Negra.

"E' assim que ainda não abriu mão de suas pretenções ao dominio de tres Provincias da Bolivia. E' assim que a ilha de Martim Garcia, proxima á margem do Estado Oriental, foi occupada e armada.

"Estes são os factos. As intenções revelou-as um dos mais moderados e notaveis estadistas da Republica, quando, na expansão do seu patriotismo, declarou — que não esperava morrer sem ver reconstituido o Vice-Reinado do Prata.

"**Intenções e factos** recebem uma claridade sinistra das posições estrategicas que a Republica occupa ou procura occupar, mais adaptadas á aggressão do que á defesa. **Martim Garcia** tranca os portos do Uruguay e do Guazu, domina com os seus fogos o Estado Oriental; **Corrito** trancará o Alto Paraná e a foz do Paraguay; **Villa Occidental**, distante 868 milhas de Buenos Ayres, é um quartel de tropas e não uma colonia civil; o estreito de **Magalhães** será um novo **Gibraltar** ou um mais extenso **Dardanellos** para as Republicas do Pacifico...

"Por entre as cerrações do Prata descobrem-se raios de luz, em que têm fitos os olhos seus argonautas politicos.

"Admiro-os; mas, por Deus, peço-lhes que nos não tomem por cegos ou ignorantes...

"A invectiva (de que pela negociação separada o Brasil se constituira o unico credor do Paraguay) não attinge o Brasil que facilitou ao Paraguay a negociação de um emprestimo avultado, cedendo-lhe a credito todo o trem rodante para exploração da sua estrada de ferro, restituiu-lhe toda a prata e joias tomadas nos campos de batalha, abandonou para as necessidades administrativas a parte que lhe tocou pela divisão das presas de guerra, cedeu armas e munições para sua segurança interna, nada exige daquillo que podia ser seu direito de vencedor, garante a paz de que tanto precisa a Republica, respeita as autoridades e trata a todos como irmãos.

"Não; o povo que assim procede não póde ser o prepotente e ambicioso, a que allude o digno Ministro Argentino.

A ingenuidade com que elle procura convencer-nos de que o **Chaco**, deserto, que o Paraguay nunca poderia **colonizar**, é nada em **comparação da immensa divida proveniente da guerra**, traz á lembrança a tactica de certos mercadores, que depreciam o objecto que almejam adquirir. Infelizmente os paraguayos não pensam assim; antes, renitentes, acreditam que o **Chaco** é para elles questão de segurança interna e externa, de independencia, questão de vida e de morte; emfim allegam, a exemplo de Pedro, o Grande, e talvez com mais razão, que o somno das bellas filhas de Assumpção não deve ser perturbado pelo estampido do canhão argentino; que em caso de guerra sua Capital póde ser destruida em poucas horas, que a occupação por forças argentinas da Villa Occidental (que elles não pódem colonizar a 15 milhas de distancia!) é um padrasto a todo o Paraguay, especialmente á séde do Governo; que suas rendas são defraudadas pelo contrabando; que os criminosos e conspiradores alli acham asylo e dalli pódem ameaçar constantemente a segurança do Estado; que de uma divida se pódem libertar, não assim da espada de Damocles sempre coruscante sobre suas cabeças.

Não sei se raciocinam bem; refiro o que ouvi. Territorio, que tão pouco vale para a Republica Argentina e de que faz tamanho cabedal o Paraguay, deverá ser o pomo de discordia entre visinhos e irmãos?"

* * *

Esta ardente polemica diplomatica produziu no espirito publico uma certa agitação bellicosa, que só amainou com a enviatura pelo Governo Argentino do General Mitre ao Rio, em Julho.

Durante tres mezes encontrou elle difficuldades em tratar do objecto essencial da sua missão. Só depois de prestadas completas satisfações sobre a nota de 27 de Abril, conseguiu assignar com o Visconde de S. Vicente, plenipotenciario brasileiro, o Accôrdo de 19 de Novembro, moldado na formula conciliatoria escripta por Cotegipe, na conferencia de 28 de Fevereiro com Tejador; isto é, declarando subsistente a Alliança como antes dos Tratados — Cotegipe, que se mantinham em peno e positivo vigor e obrigando-se o Brasil a cooperar com o seu Alliado nas negociações que ia entabolar no Paraguay.

* * *

Em principios de 1873, manda o Governo Argentino o General Mitre ao Paraguay para negociar. O Brasil se faz representar pelo Barão de Araguaya. Mas não tendo sido Mitre sustentado por seu governo na politica de concessões que propuzera, regressa em Setembro para Buenos Aires, com a sua missão mallograda.

Em 1875 vem o Ministro Tejedor ao Rio... Celebravam-se as conferencias entre elle, o plenipotenciario paraguayo Soisa e o Visconde de Rio Branco, acompanhado do Visconde de Caravellas, quando se soube que Tejedor e Soisa tinham feito um accôrdo (20 de Maio) á revelia dos Ministros brasileiros.

Logo depois (2 de Junho) retirou-se Tejedor do Rio, sem se despedir do Imperador.

O Governo Paraguayo desapprovou sem demora o Tratado e demittiu o seu plenipotenciario, por se ter afastado das suas instrucções, contrariando os intereses da Republica, e cedido direitos seus essenciaes.

O Governo Argentino, por sua parte, dá plena satisfação ao Governo Imperial, quanto ao procedimento de Tejedor, e este, num manifesto que publicou, explicando a sua retirada, declara que absolutamente não tivera em mente offender a Côrte do Brasil; elogia o Imperador e se confessa grato ás considerações com que fôra sempre honrado.

Solução final

Em Junho de 1875, o Visconde do Rio Branco retira-se do Governo. Chamado a substituil-o, o Duque de Caxias exige a cooperação de Cotegipe, a quem dá carta branca para organizar o novo Gabinete (25 de Junho). Cotegipe fica com a pasta dos Negocios Estrangeiros.

O novo Ministro Argentino, Irigoyen, era um espirito cordato.

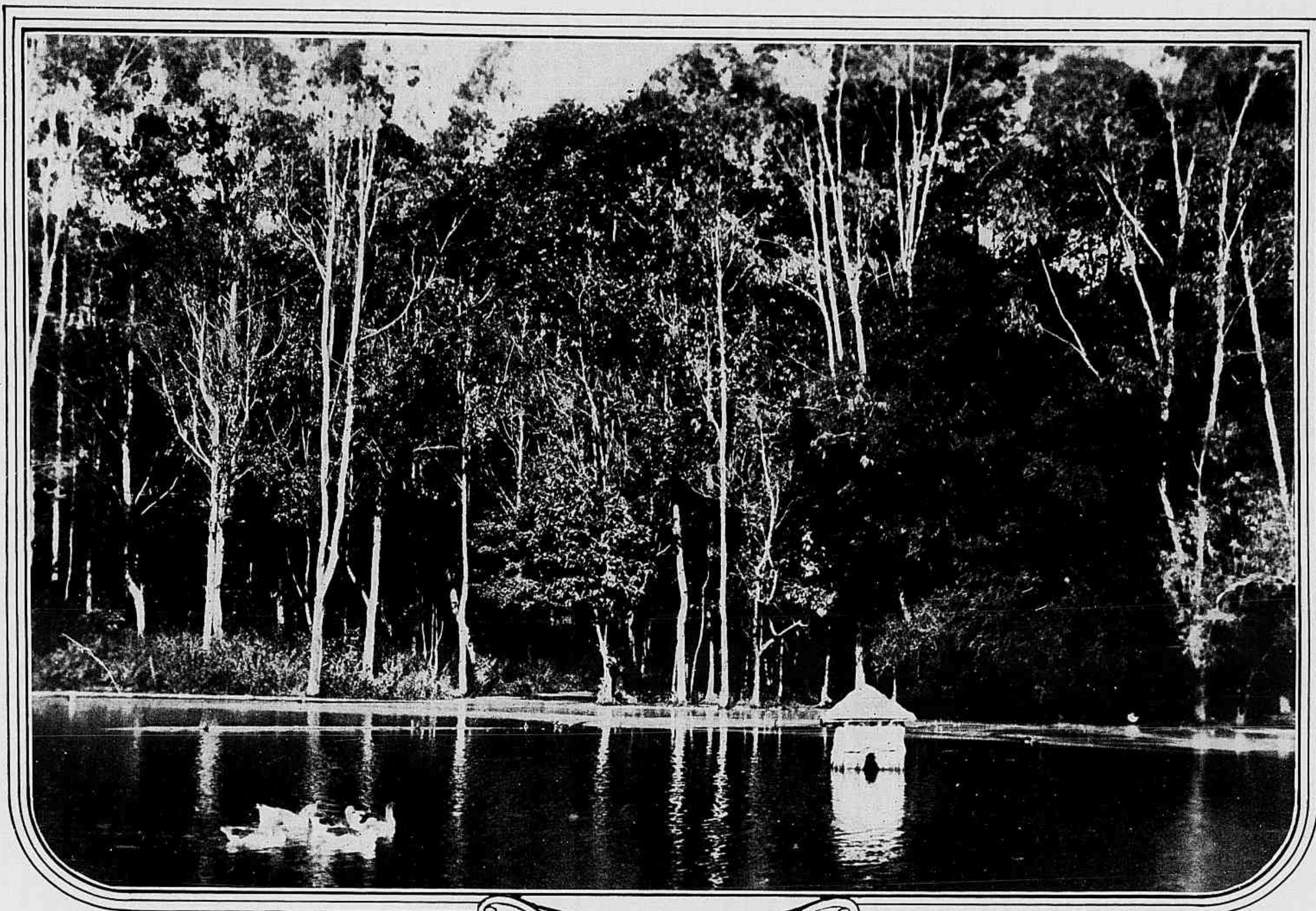
O Governo Imperial convidado em Dezembro, ao mesmo tempo, pelos Governos Argentino e Paraguayo, para tomar parte nas negociações que tinham por fim o ajuste das questões pendentes entre as duas Republicas, fez-se representar.

No dia 3 de Fevereiro de 1876 concluiam-se satisfatoriamente as negociações, firmando-se em Buenos Aires, os tratados definitivos de paz e limites. A's conferencias em que se fizeram estes ajustes assistiu, como Plenipotenciario Brasileiro, com instrucções de Cotegipe, o Barão de Aguiar Andrade, tendo o Brasil prestado sua coadjuvação (5).

Quanto á questão de limites, que era a mais séria, a Argentina desistiu de sua pretenção á

---

(5) Em carta particular escrevia-lhe Cotegipe: 'A nossa tenacidade em procurar acabar com todas as questões de limites com os nossos visinhos é attribuida á ambição de alargar as fronteiras. Ao contrario, nosso anhelo é acabar com esse pomo de discordia e firmar nossas relações as solidas bases da confiança e cordealidade. Se a tentativa que agora faço, confiado nas protestações do Governo Argentino, fôr infructifera, não a renovarei.

... Quanto mais adiada for a solução, tanto mais difficil será ella no futuro. Exponha, pois V. Ex. ao Dr. Irigoyen o que lhe parecer mais conveniente a persuadil-o. Não occulte V. Ex. que será para mim um motivo de satisfação o bom exito da missão de V. Ex. O vencimento das causas ainda justas alegra o litigante.'

Bello Horizonte — Aspecto do Parque

o o o o o

parte do Chaco comprehendida entre a Bahia Negra, e o Pilcomayo; tomou por limite a margem meridional deste rio, a ilha de Cerrito, sujeitando a arbitramento a posse da Villa Occidental, com o seu territorio até o Rio Verde.

Ficaram assim resolvidas as maiores difficuldades de modo conforme á dignidade do Brasil e aos interesses do Paraguay.

O Brasil effectuou a desoccupação militar antes do prazo estipulado (6) e abandonou a ilha de Cerrito.

O laudo de Hayes, presidente dos Estados Unidos, foi favoravel ao Paraguay, a quem reverteu a Villa Occidental.

Cotegipe, tratando separadamente com o Paraguay, em 1872, deu solução honrosa e prompta ás nossas questões peculiares; ultimava agora sua tarefa patriotica, concorrendo para firmar-se de modo definitivo e completo a paz entre as duas Republicas.

Era a solução final de todos os compromissos da Alliança, preenchidos pelo Brasil com a maior abnegação e escrupulosa lealdade.

* * *

O Barão era intransigente em tudo quanto se relacionava com a grandeza e honra da patria; não admittia que outro povo tivesse a velleidade de disputar ao Brasil a primazia no Continente Sul-Americano.

Mas a sua susceptibilidade patriotica não excluia a lealdade com que se empenhava pela cordialidade das relações internacionaes, preconizando sempre as conveniencias da paz. Para assegural-a com a Republica Argentina restava-nos resolver a unica questão que entretinha apprehensões e desconfiança e poderia motivar sérios conflictos — a questão de limites.

Quando a Argentina, em 1882, deu os primeiros passos para invadir o territorio das Palmas ou de Missões, que o Brasil reputava seu, ha mais de um seculo, Cotegipe, attento, deu o primeiro brado na imprensa. Em 12 de Julho, num memoravel discurso, provou á evidencia a nossa linha divisoria e concitou o Ministerio de então a agir e acautelar-se contra eventualidades funestas.

Com essa melindrosa questão muito se occuparam Ministerios e homens eminentes, conforme á exigencia das circumstancias.

Cotegipe, chefe do Gabinete de 20 de Agosto de 1885 e Ministro dos Negocios Estrangeiros, deu cumprimento ao Tratado de 28 de Setembro, que assignou com a Republica Argentina, nomeando uma commissão que, conjunctamente com a do Governo Argentino, devia proceder ao reconhecimento dos rios litigiosos Peperiguassú, S. Antonio, Chapecó e Chopin e do territorio entre elles comprehendido. Esta selecta commissão de abalizados profissionaes, entre os quaes Dionysio de Cerqueira, era presidida pelo eminente Barão de Capanema. Quando Capanema julgou dispensavel a verificação do rio Jangada, em divergencia com a commissão argentina, Cotegipe, sem demora, recommendou ao nosso Ministro, Barão de Alencar, que se entendesse com o Governo Argentino para que a respectiva commissão procedesse á verificação daquelle rio, porque a reputava essencial, e no mesmo sentido ordenou ao chefe da nossa commissão. Se prevalecera a opinião de Capanema o nosso direito de posse ficaria sem base. Essa verificação, entretanto, procedida pela commissão mixta, deixou perfeitamente e de commum accôrdo provado que o rio S. Antonio — Guazu, do explorador hespanhol Oyarvide, não era o Chopin, pretendido pelos Argentinos, mas aquelle mesmo rio Jangada, que corre muito mais a leste, abrangendo a zona então contestada, o territorio da villa das Palmas, occupado sempre pelo Brasil sem nenhuma impugnação.

Ficou, deste modo, firmada a nossa posse e esta foi a base da sentença arbitral que proclamou o nosso direito.

Em cumprimento ás estipulações do Tratado de 4 de Novembro de 1889 (Ministerio Ouro Preto) celebrado com a Republica Argentina, foi o transcendente pleito submettido ao julgamento do Presidente dos Estados Unidos, Cleveland, arbitro escolhido, e o Barão do Rio Branco nomeado para representar-nos.

Com admiravel lucidez e incitado por inspiração patriotica, tinha Cotegipe disposto os elementos decisivos e preparado o processo de que se utilizou com muito tino e habilidade o Barão do Rio Branco na monumental defesa do nosso direito. A simples leitura da sua notavel Exposição e do laudo de Cleveland, baseado no principio do **uti possidetis**, evidenciam o proveito maximo que lhes foi o trabalho escrupuloso feito e executado **in loco** pela digna commissão. E' este o trecho capital do laudo, proferido em 5 de Fevereiro de 1895, em nosso favor:

"A linha divisoria entre a Republica Argentina e o Brasil, na parte que me foi submettida para arbitramento e decisão, é constituida e ficará estabelecida pelos rios Peperi (tambem chamado Peperi-Guassú) e S. Antonio, a saber: os rios que o Brasil designou na Exposição e documentos que me foram submettidos como constituindo o limite acima denominado systema occidental."

Ficou assim definitivamente resolvida a unica questão que poderia perturbar a nossa paz com os visinhos e surgia uma phase francamente auspiciosa, de cordialidade intima, para os povos sul-americanos. Para o feliz desenlace desse pleito memoravel, ao qual se acha ligado o nome do Barão do Rio Branco, contribuiu efficientemente o prestante, solicito, abnegado servidor da patria e grande Estadista do Imperio, Barão de Cotegipe.

---

(6) Em 17 de Maio escreve Juan Gil, Presidente do Paraguay, muito amistosamente a Cotegipe, protestando mais uma vez gratidão e reconhecimento ao Governo Imperial, sub cujos auspicios tinha exercido o seu paiz a plenitude de sua soberania e conseguira favoravelmente o desenlace de todas as suas questões com a Republica Argentina: ao mesmo tempo, lhe remette um exemplar do manifesto que dirigira ao povo no dia 13 por occasião do embarque das Forças brasileiras.

Flôr... secca.

N A quietação monotona daquella vida de aldeia, ella passára toda a existencia. Fôra moça, fôra bonita, mas deixára toda a mocidade, toda a belleza escoarem-se esterilmente. Vegetára ao lado do tio, na sua sombra carinhosa, mas egoista. Tinha tido algum amor? Ninguem o podia saber. Sabia-se que fôra pedida em casamento; mas recusára. Era simples e bôa. Agora, passava pela casa como uma figura silenciosa, deslisando de leve, parecendo mais velhinha do que deviam accusar os seus 49 annos. Mas tão miudinha, tão fragil, tão delicada, gastava-se na actividade de trazer aquella casa sempre em ordem. Tinha a mania do asseio. O soalho, os caixilhos, as portas, os vidros, os fechos de metal — tudo se mostrava de um alinho, de um esmero inexcedivel: brilhava, refulgia, parecia novo. Mesmo o que já não podia esconder a idade, estava talvez mais envelhecido pela exaggerada e constante limpeza do que pelo tempo. Mas por toda a casa não havia um grão de poeira, não se encontrava um panno, uma toalha qualquer que não fosse alvissima, de uma brancura immaculada. Quando ella entrava em qualquer sala, seu olhar inquiridor corria-a toda para ver se nella se lhe deparava a minima infracção aos rigidos preceitos do seu idéal de asseio absoluto. Só havia uma peça que causava, não o seu desespero, porque ella era incapaz de qualquer sensação violenta, mas a sua tristeza: era a bibliotheca do tio.

O velho Anthero tinha sido professor. Tivera mesmo, em uma cidade visinha, um collegio que fôra bastante frequentado. Ahi ensinava o portuguez, a geographia, a historia e o latim — sobretudo o latim. Havia apenas mais um outro lente para o resto do curso. Assim, o trabalho não podia ser muito dividido. Leccionava as outras disciplinas por necessidade economica. Mas o latim era por paixão. O pae tambem tinha sido professor e por ahi começára a sua educação.

O collegio não chegou propriamente a enriquecel-o; mas deu-lhe o bastante para viver pacificamente, sem trabalhar, entregue ao ocio delicioso das suas leituras. Essas leituras eram sempre as mesmas: Horacio, Virgilio, Ovidio... os auctores usados em classes, e além desses pouco mais: Catullo e Juvenal. Nem sequer procurava outros escriptores. Aquelles que tantos annos ensinára ainda o seduziam. Passava todos os dias, horas inteiras, na sua bibliotheca, lendo-os e relendo-os, ora em voz alta, declamando-os emphaticamente, ora numa cadencia convencional, lembrança dos tempos de aula, partindo os trocheus, os dactylos e os espondeus dos versos, afim de ensinar aos alumnos, marcando-os com uma regua, que fazia bater na mesa, para indicar a separação de cada *pé metrico*. No fim de todo verso, enumerava os *pés* que o compunham:

Mœce-
nas atavis
edite re-
gibus.

Espondeu, choriambo, choriambo e jambo. E ia assim, horas a fio, lendo paginas e paginas. Funccionava então como um realejo. Era evidente que não prestava attenção nessas occasiões á minima belleza do que estava percorrendo, porque lia a seguir, com a mesma inflexão de voz, só attendendo á repartição das syllabas e accentuação dos *pés*, cantos inteiros de Virgilio e Ovidio, dezenas de odes e composições de outro genero do velho Horacio.

Pensava, no emtanto, em escrever uma grande obra: *As bellezas dos auctores latinos*. Para isso vivia a tomar notas. O livro devia abrir por um prefacio que elle já escrevera mais de seis vezes e rasgára outras tantas para refazel-o, prefacio em que lamentava a decadencia dos estudos classicos e buscava provar que quem não sabe latim, não sabe nada: mesmo na sua opinião, os labores braçaes da agricultura ganhariam em ser feitos por quem conhecesse a fundo as *Bucolicas* de Virgilio! A essa introducção devia seguir-se a analyse de cada uma das bellezas dos grandes auctores. Mas a verdade é que, aos poucos, elle ia augmentando indefinidamente essa lista de *bellezas*. Cada dia tomava novas notas. Não havia expressão que não viesse a merecer-lhe uma apologia especial, em longas explicações eruditas.

Afinal esses commentarios interminaveis acabavam por lhe encher as gavetas e atopetar a mesa. Alguns estavam mesmo no chão junto ao sofá em que elle se estendia para saborear os seus eternos auctores. Certa occasião, a sobrinha, na sua ausencia, pensou em arrumar devéras tudo aquillo.

O velho Anthero, quando viu o que succedera, quasi ficou louco. Prohibiu, prohibiu em altos gritos — elle, que era a mansidão em pessoa — que a sobrinha tornasse a tocar em qualquer cousa, na sua bibliotheca. Arrumasse o que quizesse menos os seus livros e os seus papeis! Só elle é que entendia daquillo. — Basta que eu saiba, dizia, onde estão as cousas: é só para isso que se procede a uma arrumação qualquer. E a verdade é que, no meio daquella apparente confusão, o professor descobria tudo o que precisava.

Ficou assentado. Leonor jurou aos seus deuses que nunca mais tornaria lá. Não é que se abstivesse apenas de exercer ali a sua furia limpatoria; é que nem queria vêr aquella parte da casa. Fazia-lhe mal pensar na desorganisação, na "poeirada" que ali havia. Aquillo, dizia ella, era um "horror". Se alguma visita vinha á casa, tanto o tio se esforçava para leval-a á bibliotheca, como a sobrinha para arredal-a. Ella ficava envergonhada de que alguem olhasse tal desordem.

A famosa bibliotheca era quasi uma alcova; não passava de uma salinha estreita, onde havia quatro estantesinhas de ferro, uma mesa, um sofá, e duas cadeiras. Das estantes, uma estava cheia de velhos livros de classe, muito estragados, que tinham servido a diversas gerações de alumnos. De vez em quando o velho Anthero, se precisava de uma distracção, decidia-se a tomar um pequeno qualquer para ensinar-lhe latim, ensinar gratuitamente, só por prazer.

Do ultimo discipulo tinha saudades. Era de facto um excellente rapaz. Filho de um medico do logar, ficára orphão muito cedo. A mãe o educava carinhosamente, mas num apego tão grande aos seus cuidados que o rapaz se tornára effeminado. Era delicado, era timido; parecia antes uma menina. Na aldeia chamavam á casa da viuva a casa do "fala baixo", porque diziam que a todos os momentos ouviam-n'a recommendar: "Fala baixo, meu filho!" E era realmente como elle falava.

O medico deixára o bastante para que os seus pudessem viver numa honesta mediania. E eram duas situações, por assim dizer parallelas — a do professor com a sobrinha e a da viuva com o filho, dous casaes ociosos e bons, na calma daquella aldeia — aldeia que ficava longe das estradas de ferro, esquecida do bulicio da civilisação. Quando o rapaz, o Mario, completou 12 annos, o professor começou a ensinar-lhe as primeiras lettras e o latim — o latim, é claro, constituia para o velho *as primeirissimas lettras*: sem isso não havia para elle educação possivel.

O ensino se fez regularmente durante tres annos, com aproveitamento notavel. Mas não foi só o ensino... Succedeu o que devia succeder: o filho da viuva e a sobrinha do velho Anthero, ambos creados numa exclusão quasi completa de outras relações, acabaram por affeiçoar-se mutuamente. Era amizade ou amor? Na geographia dos sentimentos essas duas regiões não têm limites precisos, mórmente na idade dos dous. Viam-se, gostavam-se, mas nunca tinham trocado palavras que outros não pudessem ouvir. O que trahia a affeição era o enleio mutuo em que ficavam, se se achavam sós, frente a frente. Ella estava então nos seus treze annos quando o menino fez quinze.

A mãe delle começou a pensar em leval-o para a cidade, indo tambem em sua companhia, para que se formasse em direito. Queria-o feito "doutor em leis".

— *Para que, D. Angelica? Ha doutores de mais e lavradores de menos* — dizia o velho Anthero. *Elle não precisa ganhar a vida, deixe-o gozal-a.*

Mas D. Angelica não era dessa opinião. Achava que o filho devia ter uma profissão qualquer:

— *Só,* dizia ella, *se de todo elle não quizesse ir, porque eu não o forçarei a nada; mas isso me daria um grande desgosto...*

Mario estava hesitando entre essa idéa de dar um desgosto a sua mãe e o desejo, o desejo immenso de ficar, ficar por causa de Leonor. Foi só então, na imminencia dessa desgraça, que os dous sentiram bem como eram indispensaveis um ao outro.Sentiram, mas não disseram. A timidez daquellas duas pobres creanças estioladas á sombra de um carinho excessivo era extrema. Como vencel-a? Não sabiam; não achavam as palavras precisas; não descobriam uma occasião propicia... Tinham apenas silencios mais longos. A amargura proxima já lhes impedia qualquer brinquedo, qualquer sorriso. A's vezes, ficavam com os olhos vermelhos, as lagrimas quasi a saltarem, mas faltava-lhes a coragem das confissões supremas...

Afinal marcou-se o dia da partida. Mario veiu á casa do professor com D. Angelica, que deu a noticia.

— *Então a senhora insiste? Não se arrependa depois...* disse o velho Anthero.

— *Deus não ha de permittir. Era o desejo do pae, é o meu desejo, Mario não se recusa: porque me hei de arrepender?*

Quando ella disse "Mario não se recusa", Leonor levantou para elle os olhos doridos e queixosos.

Os labios mentem,
Os olhos, não!

Aquelles olhos diziam claramente: *Então, é bem verdade que tu queres partir?* E como elles se iam encher de pranto, ella se levantou e sahiu. Mario comprehendeu a queixa. Mas, como se oppôr á vontade da mãe? O professor estava então dizendo:

— *Afinal, talvez seja a senhora que tenha razão. Os corações maternos são os mais previdentes. A' vontade de uma mãe em beneficio de um filho ninguem deve crear embaraços.*

Mario levantou-se tambem da sala, dirigindo-se para a bibliotheca. Ainda teria no dia seguinte, que seria a vespera da partida, uma ultima lição: repetição geral de tudo o que sabia. "Quero que faça um exame brilhante!" tinha dito o velho Anthero. Não era, porém, em exames, nem em latim algum, que pensava o rapaz naquelle momento...

Entrou e encontrou Leonor, que estava debruçada sobre a mesa, chorando Foi um instante. Ella, assim que o viu, levantou-se, confusa, perturbada. Sentiu que era preciso dizer qualquer cousa. Deu uma desculpa desageitada:

— *Estava aqui arrumando os livros, mas não posso mais de dôr de cabeça... Creio que este livro é seu.* E estendeu-lhe um volume.

Era uma edição de Horacio. Na capa, em grandes lettras havia escripto: *Quinti Horatii Flacci opera.* Mas nem um nem outro pensava nisso. O livro, mal dado, mal recebido, cahiu, aberto. Mario teve então um momento de coragem:

— *Olhe, Leonor, se você quer eu fico...*

Ella empallideceu. Quedou-se sem movimento, sem palavra, gelada de emoção. Vencido o primeiro obstaculo, elle se sentiu capaz de ir além. Abaixou-se para apanhar o livro, sobre o qual ainda no dia seguinte teria de ser arguido. De dentro do volume tinham sahido diversas tiras de papel com significados latinos e uma flôr secca, um amor-perfeito esbranquiçado, com que elle, ás vezes, marcava a folha da lição. Leonor continuava immovel.

— *Olhe, Leonor,* repetiu elle, quasi pelas mesmas palavras, *agora tudo depende de você...*

Nisto ouviram que o professor e D. Angelica se levantavam. Talvez viessem para a bibliotheca. Mario suppoz que Leonor estivesse hesitando. Tomou uma resolução — resolução pueril, processo de creança, mas que afinal serviria tão bem como qualquer outro. Disse-lhe depressa, antes que a mãe e o velho chegassem:

— *Amanhã, eu venho dar a ultima lição. Você pense esta noite e se quizer dizer "sim" para que eu fique, escreva um "S" neste amor-perfeito secco e ponha-o no meu livro.*

Não poude explicar mais nada, porque o velho Anthero e D. Angelica vinham entrando. Teriam percebido o enleio dos dous? Não é provavel. A viuva ainda estava repetindo:

— *Farei a vontade delle; mas acho que devê ir; sempre foi o desejo do pae.*

Decididamente a conversa não sahia disso.

E o Mario foi...

Não achou no outro dia a flôr no logar convencionado. Por que? Porque Leonor, embora o estimasse, tinha talvez pensado que não devia contrariar a resolução de D. Angelica.

Foi; mas foi triste, cheio de amargura, accusando a moça de ingratidão.

Foi; mas não adiantou nada. E' verdade que estudou. E' verdade que fez o seu curso de direito. Mas durante todo esse tempo viveu sempre junto da mãe, que levava o seu desvelo a ponto de acompanhal-o até á Faculdade, todos os dias, como se fosse um menino de collegio. Era cada vez mais concentrado e timido. Aquelle carinho exaggerado tornára-se para elle na vida como a sombra de uma arvore excessivamente frondosa, cobrindo perpetuamente um arbusto para protegel-o. Protegia-o, impedindo-o de crescer, roubando-lhe o ar, a luz, a liberdade! Quando lhe faltavam alguns mezes para se bacharelar, a mãe morreu. Elle formou-se e voltou immediatamente para a aldeia natal. Vivia ahi, retirado, entregue aos seus livros. Mesmo ao velho Anthero visitava raramente, duas ou tres vezes por anno. Mais frequente era que o professor o procurasse. Nunca elle perdoára de todo a Leonor a ingratidão. Não que lhe tivesse odio. Ao contrario! Guardava-lhe a mesma sympathia. Mas achava que ella lhe tinha recusado o seu affecto e já agora não valia a pena ir pedir-lhe de novo cousa alguma.

Envelheceram, tão perto e tão longe um do outro! Viviam a alguns passos de distancia e nem se procuravam vêr. Ella teve quem a quizesse, mas rejeitou. Perdêra o sonho unico da sua vida. Seccou, mirrou, fez-se uma velhinha minuciosa e maniaca, sempre cuidando da casa, limpando infatigavelmente soalhos, moveis, caixilhos e vidraças...

Um dia, o velho Anthero morreu. Tinha então 79 annos e não concluira o seu livro: *As Bellezas dos Auctores latinos.* Não tivera tempo — explicava elle! Morreu de uma morte serena, calma, tranquilla, conservando até ao derradeiro instante a mais perfeita lucidez:

— *Meu filho,* dizia ao Mario, que aos 51 annos já tinha a cabeça e a barba brancas, *você póde bem aproveitar o material que eu deixo reunido. Complete-o: fará uma grande obra.*

Era o extremo pezar que elle levava; "não ter tido tempo" de acabar aquelle livro, que nunca, aliás, conseguiria terminar, porque continuava todos os dias a descobrir novas *bellezas, bellezas* inauditas, *bellezas* inacreditaveis nos auctores latinos...

Foi então, depois da morte do tio, que Leonor se decidiu a arrumar a "bibliotheca". Aquelle "horror" ia acabar! Não ficaria lá um grãosinho de poeira! Mas para não estragar o trabalho do velho, pediu ao Mario — "o Dr. Mario" como ella agora o chamava, que viesse vêr os papeis. E explicou:

— *Eu não quero atrapalhar nada... Elle vivia a dizer que uma arrumação minha desarrumava tudo...*

Mario estava decidido a vêr se se podia aproveitar alguma cousa daquelle colossal esforço que consumira uma vida inteira. Passou alguns dias juntando os livros, os papeis, os cadernos de notas, afim de leval-os para casa. Leonor o ajudava quando era necessario.

Precisamente nesse dia se achava a seu lado, quando succedeu que elle abrisse um caderno.

Na capa havia escripto: *Notas sobre Catullo.* Ella estava olhando. Tinha desejo que aquillo acabasse depressa. A's vezes, os seus olhos percorriam o quarto de alto a baixo, de lado a lado, e percebia-se bem o que elles queriam dizer:

— *Tomára eu que já possa varrer, limpar, espanar tudo isto.*

Mas, ao abrir-se o caderno, descerrou-se justamente numa folha em que havia um amor-perfeito secco. Lá estava, consumida pelo tempo, quasi apagada, a lettra do *sim*, o convencionado "S", que ella escrevera, que elle não achára. Por que? Porque, por um desses nefastos acasos que a desgraça faz nascer, o tio abrira o livro, achára a flôr, e como lhe acudisse uma explicação de certo modo de dizer de Catullo, um dos auctores que elle adorava, tirou-a de lá e pôl-a naquelle caderno de notas.

Ah! se Mario tivesse sabido! Se Leonor tivesse podido adivinhar!

O velho professor nem attentára naquelle "S". Escrevera longos commentarios sobre uma expressão do poeta latino:

"A maneira de se exprimir do grande poeta é, dizia elle, de rara belleza. A minima flôr nos traz á memoria a concisão com que elle traduz a idéa: *Donzella na flôr da idade* pela maravilhosa phrase: viridissimo flore puella..."

E o commentario inepto seguia por ahi além... Nem mesmo elle se lembrava da phrase por causa da sua perfeição, mas talvez, simplesmente, porque era um dos exemplos do Magnum Lexicon...

Leonor e Mario olhavam espantados, olhavam num assombro irreprimivel, para a flôr secca. Sem o pensarem, esqueceram formulas cerimoniosas que usavam agora, chamando-se um ao outro "Senhor" e "Senhora" Duas interrogações anciosas lhes brotaram espontaneas:

— *Você tinha respondido?*

— *Você não viu?*

Que tristeza!

Os olhos dos dous encheram-se de lagrimas... Elle tomou-lhe a mão encarquilhada e secca e na sua mão tambem secca, tambem encarquilhada, e apertou-a com emoção... Murmurou, sacudindo a cabeça:

— *Só agora!...*

Só agora eu vejo, eu sinto, eu sei que a nossa vida poderia ter sido outra, tão bôa, tão luminosa, tão cheia de amor...

— Era isto que a sua exclamação queria dizer.

Só agora! Mas agora era tarde: elle tinha 51 annos, ella 49... Só agora!...

Fóra, uma manhã de Maio, luminosa e serena... Quasi meio dia... Borboletas aos pares andavam pelos prados, pelas flôres... Tanta luz! Tanto amor! Mas, agora, de que servia?

(Dos "CONTOS ESCOLHIDOS", de Medeiros e Albuquerque, edição "LUX").

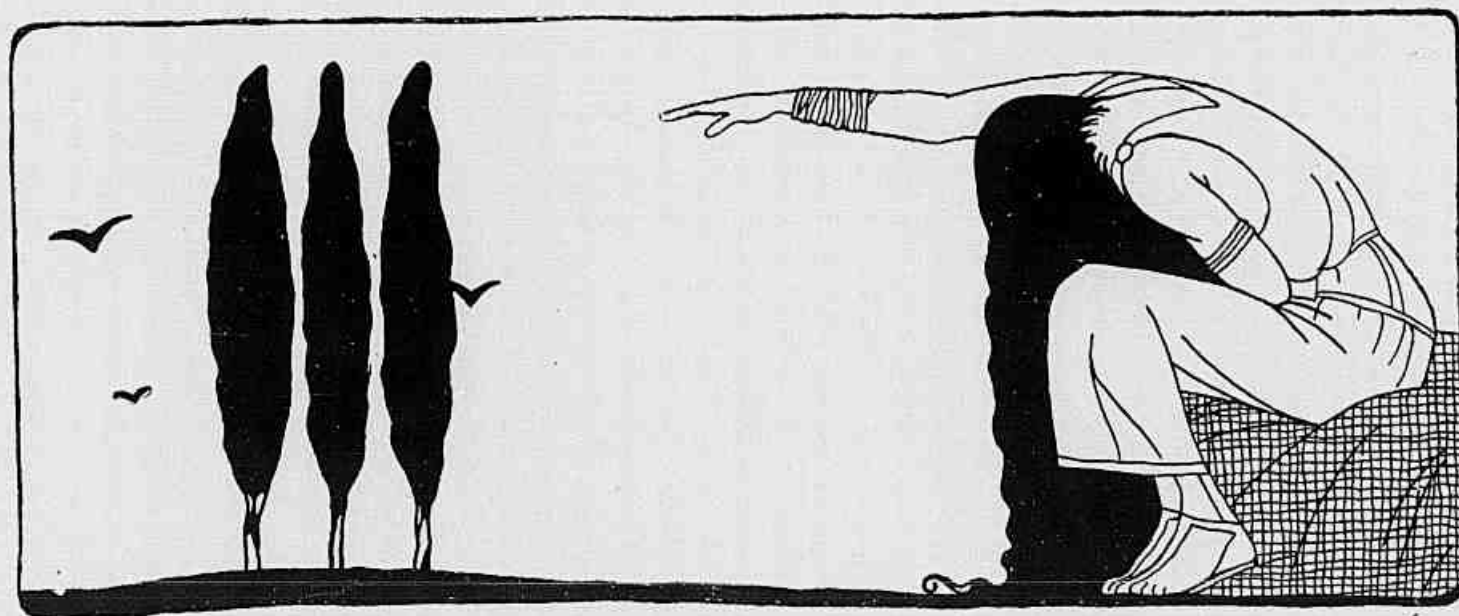
Presentimento

JAYME D'ALTAVILLA

Algum dia este sonho ha-de acabar, por certo!
Morrerá sem rumor, entre um beijo violento
E uma lagrima triste. Estará longe ou perto
Esse dia, esse instante, esse horrivel momento?

Como, ó meu grande amor, tudo é fugaz e incerto!
Beijo-te e vem-me após este presentimento:
A realidade, a dor, a duvida, o deserto
Da saudade sem fim, do suave tormento.

Passarei. Passarás. Quem ao tempo resiste?
Outros, bem como nós, se beijarão (supponho)
Numa volupia igual á que hoje em mim persiste.

Mas esses não terão, na dôr que recomponho,
Esta tristeza alegre, esta alegria triste,
Esta doce illusão, este amôr, este sonho...

NOCTURNAMENTE

CECÍLIA MEIRELLES

Jardim nocturno. Grande luar. Todas as estrellas. A um lado, o vulto branco do palacio, alto e triste. Muitas arvores, por onde róla o brilho silencioso do céo. Lagos cheios de flores.

O Principe Magôr, fantasticamente vestido de negro, apparece, pallido e grave, com as mãos afflictas, cobertas de joias pretas.

Magôr — Lúmia! Lúmia! Na grande noite esquecidos, meus olhos estrangulados de ansia procuram o teu vulto pelo nosso jardim... Lúmia, por que foi que fugiste? Para onde foste, Lúmia? Em toda parte vejo a tua sombra, — mas tu não estás em parte alguma... Lúmia! Lúmia! fico doido, sem ti...

Encosta-se a um tronco e aperta a cabeça nas mãos. Depois, levanta os olhos, que o luar inunda, e fica lentamente ouvindo uma cantiga que se canta muito longe:

perdendo-se:

Os cysnes de oiro cantaram,
Erguendo as azas ao luar...
Os cysnes de oiro cantaram,
E as aguas todas choraram,
Ouvindo os cysnes cantar...

Magôr — Lúmia, Lúmia, que é feito da tua voz de seda, meu rouxinol encantado! A tua voz em que havia perfumes e caricias, como nas tuas mãos imperiaes!... Lúmia, Lúmia, por que me não chamas de longe, de onde estás?... Por que de lá não dizes o meu nome, como o dizias outr'ora, para mim, para mim, amorosamente, unicamente?...

Cyro — *Surgindo da esquerda, todo de azul e prata* — Fiz toda a volta ao parque: — ninguem.

Magôr — E as frondes?

Cyro — Cheias de passaros dormentes.

Magôr — E as noites?

Cyro — Com os primeiros orvalhos.

Magôr — E as aguas?

Cyro — As aguas... (*curvando-se para o lago*) As nymphas mortas vão levando no limo dos cabellos a sombra das estrellas... As nymphas mortas vão boiando, não se sabe se na agua ou no luar, meu Principe...

Magôr — *Ouvindo-o, de olhos fechados* — Lúmia, Lúmia, que aguas te vão levando? E que arrastarás nos cabellos, nos teus cabellos immensos, incriveis, como ninguem nunca teve nem viu?... Oh! os teus cabellos soltos eram uma via-lactea protegendo-me os sonhos e abençoando-me as noites!...

Lúmia, Lúmia! Deixa rólar nas minhas mãos as nebulosas do teu cabello!...

Cyro — *pensativo* — A Princeza não ouvir!

Magôr — Lúmia! Tu não me escutas? A minha voz te grita! O meu sonho te chama! Não me ouves, ou não me queres?

Lúmia, Lúmia! Onde estás, que a minha saudade não te commove ou não te alcança?

Cyro — *sempre pensativo* — A Princeza tão bôa... tão linda...

Magôr — *em pranto* — Lúmia! Lúmia! Que é feito de ti? Quem te levou para tão longe? Por que me deixaste, Lúmia? Por que não queres voltar?

Cyro — *interrompendo-o* — Principe!

Magôr — *em delirio* — Que é feito dos teus olhos, dos teus grandes olhos silenciosos, em que vivia bebendo luar para os meus? Lúmia perdida, que é das cysternas sagradas? Que será da minha sêde sem ti?

Cyro — *recordando* — Oh! quando os seus olhos se fechavam tudo ficava triste!..

Magôr — *soluçando* — Lúmia! Fico doido sem ti, sem os teus olhos, sem a tua bocca... Lúmia, para onde foste? Fico doido sem ti... Sem o teu corpo, meu lyrio branco... Minha Princeza! Lúmia... Lúmia... Sem a tua alma... — (*chora*).

Cyro — *caminhando para elle* — Principe!

Magôr — *em lagrimas* — Lúmia! Lúmia!...

Cyro — Principe!

Magôr — Lúmia! Lúmia...

Cyro — E' muito tarde, Principe, não seria prudente recolher?

Magôr — *de olhos perdidos* — Recolher! Recolher! E o palacio deserto... Tudo em silencio... Tudo sósinho... Tudo sem nada... Sem ella!

Cyro, tenho medo, um medo atroz de recolher! Parece que ficarei doido nas trevas... Que morrerei... (*falando para a noite*) E eu não quero morrer sem ti, minha Princeza!...

Cyro — E se andassemos um pouco?

Magôr — *andando como se não sentisse os proprios passos* — Andar... Para onde, agora? Para quê?

Lúmia, não está nas alamedas...

Lúmia, abandonou o meu jardim... Lúmia... (*voltando-se para Cyro*) Por que me não mentiste, Cyro? Por que me não dissesse que ella estava lá no caminho das roseiras, ouvindo as fontes, ou á borda do grande aquario, com as mãos submersas, brincando com os peixes, como outr'ora?

Cyro — Porque eu sempre achei muito triste a lembrança do que não existe mais...

Magôr — *em sobresalto* — Cyro, Cyro, queres dizer-me que... Oh! não me fales nada... A Princeza... não, não... E' horrivel!

E eu já tinha pensado nisso, meu Deus!

Cyro — *baixinho* — A Princeza...

Magôr — *com medo de saber* — Fugiu...

Cyro — *machinalmente* — Fugiu...

Magôr — Perdeu-se...

Cyro — Perdeu-se...

Magôr — Desappareceu...

Cyro — Desappareceu...

Magôr — *levanta para o céo os olhos martyrisados. Fecha-os devagar... Vagamente:* — A minha Princeza morta!...

Cyro — *como esquecido* — A Princeza...

"PAYSAGEM"

Leopoldo

Gotuzzo

Variações novas de um velho thema

TINHA razão o Brenno, meu bom e inesquecivel amigo dos tempos academicos, quando, poucos dias antes de morrer, me disse, no tom convicto de quem exprime uma idéa sincera em meio aos assumptos frivolos de uma conversa ligeira :

"O amor regenera o moral do homem, apura a intelligencia, eleva-nos acima de nós mesmos."

O amor como o comprehendia aquella alma pura, aquelle espirito rectilíneo é, decerto, um pouco acima da trivialidade humana, da concepção dos cerebros burguezes e dos corações vulgares, cujas sensações se assemelham, na sua uniformidade, ás pulsações isochronas de um pendulo.

O amor — e nem é preciso dar-lhe o arroubo de Leandro e Hero, de Romeu e Julieta, de Werther e Carlota, nem o extase do rei biblico pela Sulamita, de Petrarcha e Dante por Laura e Beatriz, — é seguramente a maior, a mais intensa, a mais completa emoção, reunindo, como um microcosmo vivo e variado, todas as outras emoções.

A Historia e a lenda estão cheias de narrativas e passagens em que elle avulta e palpita como o mais forte e, ao mesmo tempo, o mais terno dos sentimentos humanos.

Tem o amor as suas duas faces eternas, como um diedro em que se inflectem simultaneamente o dia e a noite, o sol e a treva, a alegria e a dôr: assim vivem no mesmo amor o idyllio e o drama, o ideal e o desejo, o sonho suave e quasi mystico dos anceios poeticos e a ancia torturada do ciume, da paixão absorvente e insatisfeita.

A face idyllica não a creou a mente do homem para encobrir imaginosamente a realidade do amor: ensinou-lh'a a natureza, que é toda um idyllio perpetuo, nas nupcias da primavera, na febre estuante do verão, na fecundidade do outono ou no conchego carinhoso do inverno...

Nas flores que se casam, nos ninhos que arrulham, nos astros que se attrahem, nas ondas que se abraçam, nas borboletas que se beijam, nas proprias féras que se unem nos desertos sertões inhospitos — em tudo vive e vibra o amor, lei universal, a mais doce e mais imperiosa das leis da natureza.

E' por elle que tudo morre e se reproduz e a existencia desapparece, continuando, quer nas novas gerações de homens, quer nas novas raças de libellulas...

E' o amor o principio da destruição e da continuidade, a força dynamica do organismo vital e agente poderoso do anniquilamento...

A febre dos sentidos, como a casta doçura platonica da idealisação amorosa, participam igualmente do intenso anhelo de vida e da certeza dolorosa da morte, do apego instinctivo á existencia e do vago presentimento do fim, que nos faz desejar a vida além da morte, pela perpetuidade através da descendencia.

Ainda assim, como é infinitamente suave o sentimento do amor! E isso quer se considere, como Bourget n'"O Discipulo", o amor como a simples "obcession du sexe" quer se lhe dê a elevação lyrica de Hugo nestes versos dos mais bellos que o lyrismo universal jámais produziu:

Il n'est sur cette terre, ou tout passe á son tour,
Qu'une chose qui soit divine, et c'est l'amour!

.. ..

La vie est une fleur, l'amour en est le miel.
C'est la colombe mire a l'aigle dans le ciel,
C'est la grace tremblante á la foue appuyée,
C'est ta main dans ma main doucement oubliée...

De toda a creação é o homem o ser que mais aperfeiçoou o amor, dando-lhe essa porção de ideal que faz delle o mais delicioso dos sonhos.

Nisso, ao menos, somos os entes mais felizes do planeta e ha uma vantagem em pertencer a esta pobre raça soffredora que, roída de duvidas e agonias, se arrasta miseravelmente á face da terra.

E' curioso como os nossos ancestraes, os que primeiro amaram e soffreram no mundo, souberam aproveitar a lição dos sêres que os rodeavam!

Aprenderam com as aves o instincto meigo das caricias, decoraram-lhes os pipilos e arrôlos que transformaram em sorrisos e gemidos, e o primeiro beijo que se abotoou em labios humanos foi ainda uma imitação disfarçada das pombas rolas que se entrebicaram nos ramos altos...

O homem quando surgiu á vida era um estrangeiro na natureza, o unico ser que não conhecia a linguagem mysteriosa do amor.

Foi á força de observar o que se passava em torno de si, de escutar, no harmonioso concerto das primeiras noites terrestres, o doce offego dos seres que se entremeavam, desde as ondas se estreitando na areia das praias até as selvas estremecendo ao luar, de presentir nas proprias cousas inanimes o desejo a revelar-se nas leis da attracção e da affinidade dos corpos — que os nossos primeiros paes aprenderam a amar. Imagino, ás vezes, como teria sido a primeira hora do amor, as nupcias primitivas da humanidade, o natal mysterioso da nossa raça...

E parece-me vêl-os, por uma tarde serena de primavera, quando já uma nevoa de sombra vinha entenebrecendo o céo...

O recolhimento das cousas claramente indica o crepusculo como a hora classica do amor.

Adam e sua mulher, languidos e enternecidos, cheios de um sentimento delicado que a sua *psychê* primitiva não poderia comprehender, viam acordar em sua alma a primeira revelação amorosa, a iniciação no prazer e no soffrimento, a annunciação mysteriosa da raça futura. Sob um platano sombrio do Eden, onde se ouviam turturinos e leve esfrolar de azas, o amor nasceu entre os homens, na terra nova e virgem que se abria na floração primiéva...

Na alegria daquelle Natal o crepusculo se aclarou subitamente de uma alvorada de beijos... E desde essa hora a humanidade existiu: nos bellos jardins do Paraiso terreal já não vagavam silenciosos e indifferentes, deslumbrados ante a belleza que os circumdava, dois sêres extranhos a Natureza... Tinham dali por deante a Natureza em si mesmos, a chave mysteriosa da vida, o élo que havia de prender as gerações, vinculando-as, pelo amor, através dos seculos.

.. ..

Senhorinha Yolanda França

A contralto que, no concerto Maria Monteano, (sua professora), se exhibiu em publico pela 1ª vez deixando o auditorio sob a agradavel impressão de ouvir uma artista já consagrada pela belleza e perfeição de sua voz.

o o o o

O amor, disse uma vez Renan, é a unica cousa séria do mundo.

Quem o poderá contestar? Se a Religião, a Arte, a Vida, tudo vem do amor e para elle vae, e Deus mesmo nunca foi tão bem definido como quando se lhe deu como essencia o amor — *Deos charitas est* — Deus é o amor!

Innumera, variada, contradictoria, a bibliographia suggerida pelo amor, nas suas mais diversas modalidades, ahi está para attestar ser esse sentimento a mais empolgante preoccupação humana em todos os tempos e logares, desde a Biblia, o Kama-Sutra e os Niebelungen, até as theses literarias de Stendhal, Michelet e os estudos analyticos do amor — doença em que primam Roux, Darville, Lauret, o grande Freud e tantos outros scientistas...

No tentar definir-lhe as manifestações, as causas, os effeitos, que de explicações, de circumloquios, de subtilezas e periphrases, que jámais esgotarão o eterno assumpto das cogitações de todos os poetas, psychologos e sabios!

E, entretanto, é tão facil sentil-o quão difficil, senão impossivel, o definir.

Tem elle, ao lado da rebellião dos sentidos, da febre voluptuosa, esse enorme coefficiente de ideal que faz quem o sente cheio de intimo e ineffavel bem estar, d'uma ventura insuperavel, feita de repouso e anciedade, tranquillidade e inquietação, gosto e tortura, desejo de fixar o tempo imponderavel em um *minuto eterno* e ancia agoniada de *viver nesse minuto unico toda a sua vida*...

Não é a pura idealisação romantica que nos suggere estas sensações. E' antes o proprio fundo atavico transmittido de geração em geração, através da raça, que nos faz, em certos dias sentimentaes e pueris, romanescos e lyricos, mescla amalgamada de trovadores madrigalescos e de mysticos, a ponto de, abrindo na atroz banalidade da vida este doce parenthesis de illusão, permittir-nos escrever paginas como esta, rythmos despertados de uma antiga harmonia, variações eternas e sempre novas de um velhissimo thema nunca esquecido...

José de Mesquita

(Cuyabá)

Palavras á juventude

SÃO sempre de sympathia as palavras dirigidas á juventude. E é sempre com sympathia que taes palavras se escutam ou se lêem. Foi, pois, com sympathia que abri o livro do Dr. Daltro Santos, livro de discursos e conferencias a que deu o doce e formoso titulo de **Palavras á juventude**.

E, abrindo-o, logo ás primeiras linhas, constantes do resumido prefacio da obra, rutilaram aos meus olhos deslumbrados e encheram a minha alma commovida, estas palavras que só um espirito harmonioso e sereno póde proferir — tanta é a ternura que dellas flúe, como do cortiço dourado o mel delicioso:

"Discipulos e filhos são os entes que mais me têm plenificado e estimulado a vida; uns na minha vocação do officio, outros na minha devoção ao lar. Este livro pertence-lhes, portanto.

Mas concedam-me todos, por prova de fineza ao pae e ao mestre, que o deixe de offerenda á minha Esposa, em cujo coração quiz Deus se prolongasse junto a mim o coração de minha Mãe; que o deixe de tributo á carinhosa amiga, á prezada collega, unificados, como nos achamos, no trabalho, no amor, no pensamento e na vida."

Que alegria sublime de quem póde traçar taes linhas, mas, tamgulho o da mulher que as bem, que nobre e santo or- inspira!

Esses dois periodos pódem ser tomados como a profissão de fé do pae extremoso, que se prolonga no mestre solicito. E só póde fazer do ensino um sacerdocio quem faz do amor paterno um apostolado augusto. E em todo o seu livro, egual no dizer, egual no sentir, o Dr. Daltro Santos funde, num vernaculo escorreito, o molde do seu coração amoroso de pae e de sua alma apaixonada de mestre, forjados, um e outra, na forja purificadora do seu alto e esclarecido patriotismo.

E' assim que o mestre illustre fala aos seus discipulos queridos, de Colombo, cuja figura épica estuda nas suas glorias magnificas e nos dolorosos revezes:

"O desejo de coroar a sua obra com o descobrimento das regiões civilizadas das Indias, que contava alcançar em novas explorações, levou Colombo, extincta a tempestade que lhe ensombrára a vida, a impetrar de Isabel mais uma esquadra, para cuja obtenção se valeu da facilidade do seu enthusiasmo e persuasão, pondo de parallelo com a gloria maritima de Hespanha, a de Portugal, fastigiada então pelos descobrimentos do Gama e do Cabral.

Essa flotilha — quatro imprestaveis náus, gastas e velhas, concedeu-lha Isabel, para levar ás Indias a quarta e derradeira das suas expedições. Foi em Maio de 1502. O velho marinheiro considerou na pobreza dos meios que lhe davam. Sua alma, affeita ás borrascas do mar e ás maldades dos homens, começou de sentir, flexil e combalida, que arrefecera a consideração ganhada á côrte castelhana, movida agora do interesse que despertavam novos nautas, nativos de Castella.

Seguiu, comtudo. Acompanhavam-no Bartholomeu e Fernando e cento e quarenta homens de equipagem. Seguiu. Ao menos lhe restava o velho amigo, o mar..."

Dr. Daltro Santos

E, dirigindo-se ás almas dos moços, tem nos labios esta prece fervente:

"A Patria é tudo, e é quasi nada, ás vezes: uma flor, um minerio, um sorriso, uma fonte, um travo de saudade, uma trova da roça, um perfume da selva, um treno de ave, um fugitivo aspecto, um grito de campeiro, um adeus, um suspiro, um ósculo, uma prece..."

Do Patriarcha da Independencia diz bellamente:

"Eil-o no Brasil. Dizei-me se era possivel passar despercebida áquelle coração a chamma viva, que começava de lavrar em favor da liberdade de um povo. O "**Português Andrada**" transmuda-se na Historia no **Brasileiro** José Bonifacio; o scientista será agora o patriota; o desaggregador de moleculos mineraes surgirá o constructor de um todo harmonico, o factor maximo da nação, o estadista inconcusso, o insigne **conditor gentis**, a cujo esforço se vae dever em grande parte a libertação do Brasil. Longe da terra natal durante trinta e nove annos, encantam-se-lhe os olhos ao revel-a, na majestade da belleza, na vastidão das aguas, nas maravilhas do solo."

E, mais adiante, ainda sobre o grande vulto do extraordinario patriota:

"E' evidente que não conhecemos José Bonifacio. Poucos são os povos que hajam tido, num momento tão grave da existencia nacional, vulto de tal vigor á frente dos negocios publicos. Na sua rigida passagem pelo governo, restabeleceu o credito do erario, creou as forças armadas, e jugulou os inimigos do Imperio em todas as Provincias, debellando nellas os perigos, de que salvou a nossa terra. Se se estendera por varios annos a sua direcção no governo do Brasil, maior lhe fôra a gloria, porque maiores seriam os fructos da sua clarividencia e sabedoria. Querer vel-o apenas no momento em que as circumstancias o forçavam a decidir-se com rapidez e mesmo com violencia, é estreitarem-se os limites dentro dos quaes se contém o seu valor."

Paranymphando a turma de bachareis de 1918, do Collegio Baptista, pontifica magistralmente e lucidamente:

"Educar, meus senhores, é exaltar a vida e glorificar o trabalho. E' derramar suavemente a alegria de ser e o enthusiasmo de produzir. E' sentir a si mesmo e sentir o mundo; ver a verdade, realizar o bem, estimar o util, comprehender o justo, gozar o bello, deferir o direito e adorar o divino.

A instrucção é a luz. Vêde o Sol! Antes de surgir, já o sentimos na doçura da claridade com que se prenuncia. A terra toda o espera, desejosa. As cousas mudas parece despertarem, os pincaros se aclaram, os valles acordam nimbados de nevoas, mergulhados ainda nos restos da noite brusca e triste. Desperta o primeiro passaro, entreabre-se a primeira porta, desabotóa a primeira flor, evola-se o primeiro fumo, e surge ao labor do dia o primeiro homem.

Irrompe o grande astro como uma dadiva do céo, para o colorido e a formosura da natureza, para a pujante obra da vida, para a epopéa do trabalho humano. Vem lento e lento, pouco a pouco, como quem sabe a succession das cousas. Sobe, aquece, irradia, aviventa, expande-se, e caustica; movimenta os seres, evapora as aguas, córa as flores, sazona as fontes,

fertiliza a terra e grita a gloria da luz e do calor ao meio dia, na plena força do seu poder transformador, na magnificencia da sua acção inegualavel!

Eis o simile á educação. Ha de começar lenta e leve, junto á alma leve e lenta da criança. Antes de iniciar-se, já se mostra nos pendores, na curiosidade, nas perguntas precoces, nos primeiros anseios do pequenino estudante. Vae, ponto e ponto, crescendo, dilatando-se, multiplicando-se, acompanhando o cerebro que se alarga e amplificando o conteudo á medida que cresce o continente.

Esse zênith de luz, esse fremente e calido meio dia é o momento em que os moços se despedem dos guias que lhes indicaram o caminho; em que se desligam dos esteios que os amparavam; em que se afastam das boccas que se lhes abriram para o derrame da verdade, e se desatam das almas que se infiltraram nas delles, para deixar em cada uma, um pouco de sua essencia nas ideias, nas persuasões, nos actos e na fé.

E' o momento magno da vida cerebral; aquelle em que o moço sente que é, que tem, quer e que póde. E' o fim da tutela, é o começo da vida. Vae praticar e pensar; vae actuar no meio social como um valor, vae existir como força cabal, vae produzir como elemento de riqueza, vae influir e propagar como manancial de idéas, vae amar como um ser superior, constituindo o lar e ennobrecendo-se nelle, e por elle attingindo a plena expansão das forças maiores e melhores da sua personalidade. Tem cerebro, tem pujança, tem capacidade, tem o apparelhamento da victoria.

Não lhe falte, porém, o coração! Não lhe falleçam as energias maravilhosas da bondade humana, da sympathia social, dos actos de nobreza, dos arrebatamentos da piedade e dos sacrificios da renuncia; porque só pelas suas virtudes, só e só, poderá aproximar-se de Deus!"

Ainda como paranympho, e, desta feita, da turma de 1919, do Collegio Militar, observa aos futuros defensores da Patria:

"A disciplina é a vossa melhor arma! Sem ella tudo se esborôa! a milicia, sem commando e a nação, sem amparo. Sem ella, dizia o Marechal de Saxe, o exercito é multidão desfreada, mais nociva ao Estado do que o proprio inimigo."

Do cimo luminoso da intellectualidade patricia, desse, que irá crescendo á proporção que os seculos forem passando, desse Cicero brasileiro — e quiçá maior que o latino, de Ruy Barbosa, pinta o genio prothe ico nestas linhas admiraveis:

"Na carta, na tribuna, na imprensa, nos pareceres juridicos, no livro, no prélio, nas convicções, na intransigencia, na vida emfim, é sempre o mesmo: a alma soberana e gigantéa, emersa do bem, erecta na virtude, sincera e rude na verdade, enorme na justiça, vibrante no combate e immensa no saber.

A palavra lhe é em tudo o instrumento de ouro e chammas; é aurora, ás vezes, outras é meio dia. Canta, murmura, desliza aqui, para atroar, refluir e precipitar-se pouco depois. E' hymno, é prédica, é apostrophe, é lição, é latego, é consagração e é caustico! Rumoreja, retrôa, accrescenta-se, desata-se aguçada e fere fundo; e torna á majestade dos principios. E lembra punhados de ouro, crystaes sonoros e gemmas preciosas, que se concertassem nas harmonias de uma divina musica ledissima, ou se desprendessem em despenhadas e bramidoras catadupas e borbotões frementes."

De Coelho Netto, o glorioso artista da palavra, assim fala:

"Não houve ainda na arte literaria brasileira obra tão varia, tão vigorosa, tão verdadeira e tão viva, por espelho da nossa raça, como a deste escriptor sincero e justo, que, em trinta annos de labor incessante, lega ao nome brasileiro um monumento literario immorredouro."

Mostra, em paginas de translucida formosura, já pelo ajustado do dizer, já pela verdade que lhe é a alma virginal, os varios aspectos do 2º reinado, retraçando linhas deste quilate:

"De 50 em deante a nação parece segura de si. O throno entra definitivamente a constituir uma força, por qualidades proprias do monarcha. Os habitos crueis e repressivos da colonia, prolongados no autoritarismo dos primeiros tempos, cedem o passo á tolerancia maior, a processos mais legaes e mais humanos. A magestade abranda-se, porque corre no corpo do imperante o sangue brasileiro e lhe pulsa no peito um grande amôr á terra e á gente. A forca, que immortalisára os 16 martyres de 24, jaz caida e repulsada. Oppõe-se-lhe a amnistia generosa, signal sereno de equanimidade, que desce sobre os vencidos como um manto de abrigo, que tudo occultará no seu tecido, annullando a sentença e expungindo o passado. A terra é mais nossa, porque resistiu integra ás forças que a podiam scindir; os homens são mais irmãos, primeiro porque soffreram juntos, depois porque se lhes vem delineando na alma a consciencia do destino e da solidariedade, que os leva a uma grande obra de amor.

Mas não ha fugir aos tramites da seriação historica. Na formação dos povos, os estadios se succedem sob uma trajectoria que se afigura, as mais das vezes, préviamente traçada.

A nação plasmara o proprio ser, sahira do chaos, que poderia tel-a levado á desaggregação. Está una e grande. E' a mesma. E' o patrimonio antigo, que passou por José Bonifacio, o patriarcha, e por seus coetaneos da Independencia, por Diogo Feijó, o patriota ingente, e pelos homens da Regencia."

E dest'arte, com chave de ouro, fecha a magnifica dissertação patriotica:

"A D. Pedro II, a todos os Brasileiros do reinado: estadistas e publicistas, lidadores das nobres campanhas e defensores da honra da Patria, artistas e pensadores, poetas e scientistas; e aos Grandes Humildes, as massas populares, que tanto e tantas vezes vibraram e soffreram pelo bem do Brasil, permitti, gentis Senhores e nobres Patricios, que affirme aqui, solidariamente, no meu, no vosso nome, a gratidão que lhes devemos todos, pelo esforço constante, pela vontade tenaz, com que conservaram e augmentaram esse sagrado patrimonio, que foi delles, que é nosso, que pertence aos nossos filhos, e em que se concentra um immenso bem, o absorvente bem, o bem final da nossa affirmação historica: — o nome e a gloria do Brasil."

Na bella conferencia na Liga de Defesa Nacional, em sessão solemne de 12 de Outubro de 1921, no salão da Bibliotheca Nacional, sobre a data da America, e toda ella erudita e elegante, em um dos seus trechos assegurou, e com razão:

"Nascida hontem, encorporou em si, em quatro seculos, todo o legado immenso que lhe herdaram os povos, seus maiores; e por maneira o fez, que, ainda que é muito moça na existencia, madura se revela no saber dos seus vultos, no vigor dos seus povos, no prestigio e valor das suas leis. Ombreia com os Estados deanteiros e se equipara á Europa, a mãe nutriz, que lhe infiltrou o sangue e lhe deu lustre e força."

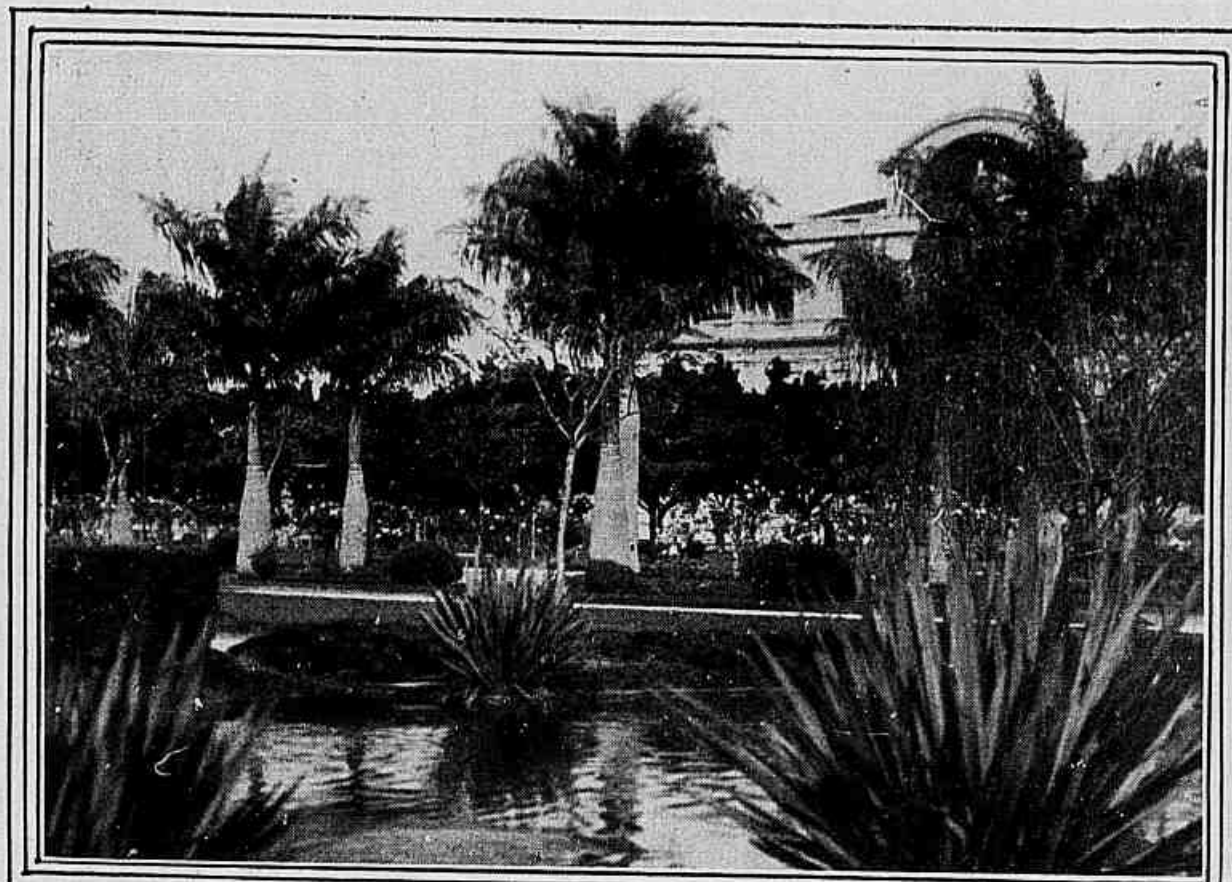
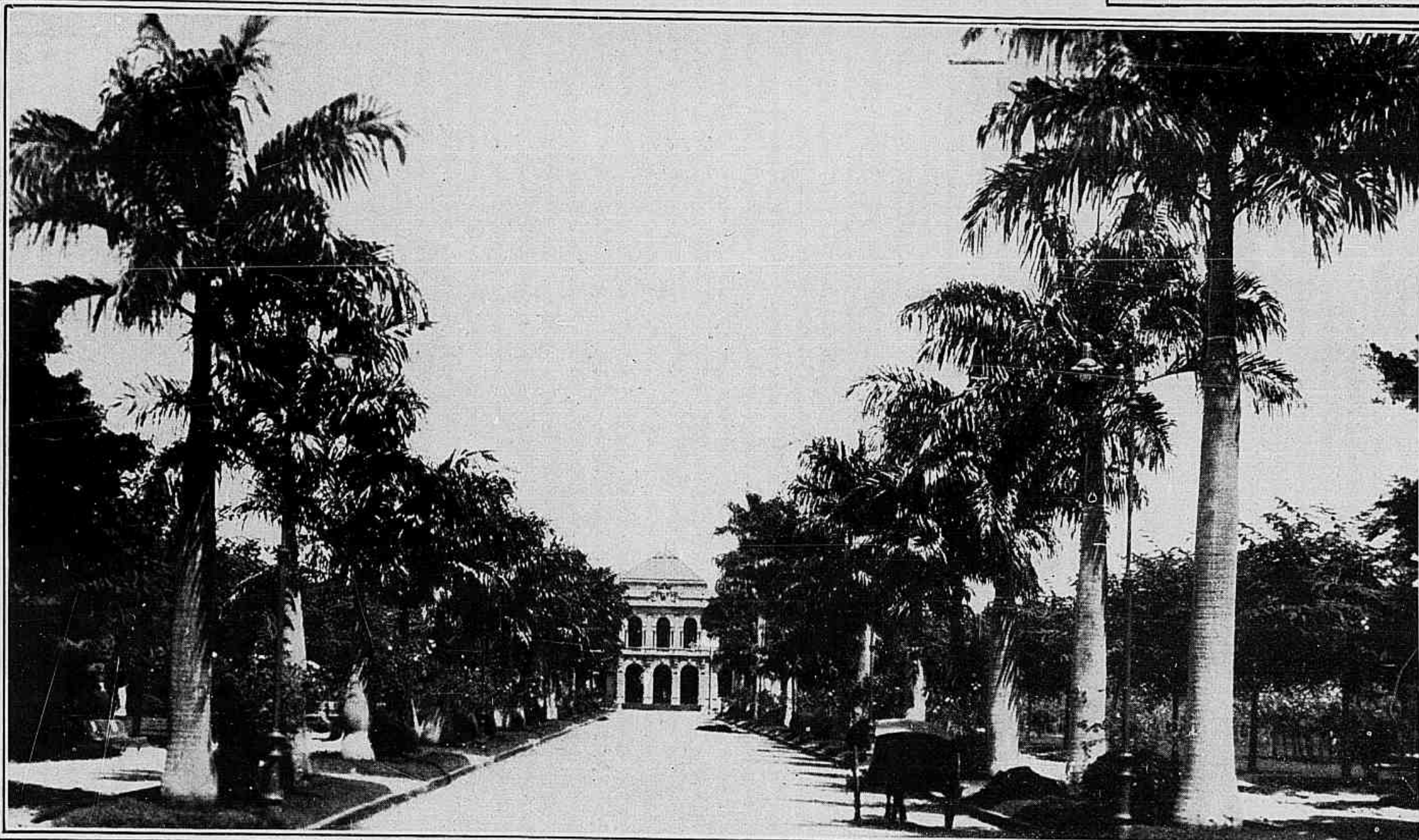
Mais uma vez ainda, como paranympho de uma turma de Bacharelandos e Professores, propiciou-se-lhe ensejo prospero para pôr á luz o seu saber de mestre, e o seu coração de patriota. E' um crente, crusciente de sua crença, que frisa:

"Depois... mais tarde, bem mais tarde, quando houverdes enchido de fulgores humildes vossa vida bem longa e bem vivida; depois, ao rematar do vosso esforço, dentro da crença irreductivel que vos sobrelustra o entendimento na promoção divina; depois, no fim de muitos annos, assentados no bem e clareados de luz, o dia chegará em que — longe do transitorio e do ephemero, do fragil e fugace, do quebradiço e instavel, do que passa, do que esmaece, do que se vae delindo e obliterando e oscilla e resvala e tomba e morre — estareis para todo o sempre na gloria eterna de Deus."

Felizes os jovens que lhe beberam taes e tão sublimes palavras; mais felizes ainda, porém, os que, as ouvindo, gravaram-n'as para sempre no coração e as têm diante dos olhos como norte, como guia.

Respigado, que está, em todas as suas partes, o radioso livro do Dr. Daltro Santos, delle é justo dizer que, despido da pretensão de ensinar e forrado da vaidade de fazer praça de erudição — instrue e illustra, como numa edificação moral e numa alta documentação intellectual, aclarando as almas com a

(Conclúe no fim do numero)

MINAS
GERAES

BELLO
HORIZONTE

Praça da Liberdade

Vistas parciaes

ESPERANÇA

Poema brasileiro de Lindolpho Xavier

(INEDITO)

EXORDIO

Nas azas do corcel que no infinito avança,
Vôemos pelo ermo em busca da Esperança.
Onde fica essa terra, essa Atlantida enorme,
Que na luz e no sonho eternamente dorme?
Galopa sem cessar, ó Pegaso bravio,
Contempla o firmamento e além de immenso rio,
Pára! O oceano marulha a leste as aguas grandes,
Empina-se no occaso a cuspide dos Andes.
Nesse pomar tranquillo, onde o sol cáe a prumo
E é tão grande o sertão, que se lhe perde o rumo,
Para além desse mar, dessas serras de anil,
Deixa-me ahi sonhar! E' a terra do Brasil!
Feiticeiras visões das florestas sombrias,
Vinde entoar em côro as vossas harmonias!
Musas da selva espessa, Amazonas e Yaras,
Currupiras, Mãis-d'Agua, ó genios das ocáras,
Surgi da vossa toca! Emergi da Golconda
Em que viveis em paz! Vinde em alegre ronda
Cantar a gente nova e a phalange viril,
Que plantou nos sertões a patria do Brasil.
No templo da floresta, entre humbraes e rosaceas,
A lyra encordoando ao tronco das accacias,
Vamos ouvir cantar nos toscos alaúdes
A voz firme e sensual das naturezas rudes.
Aqui não vae Virgilio, em placidos accentos,
Contar de Roma e Troya os famosos eventos;
Nem Ovidio no Olympo, entre Metamorphoses,
Mudar deuses em pedra, em sempiternas vozes.
Não do salgueiro hebreu ou do carvalho antigo
Do Lacio a sombra evóco; e em geiras de trigo
Do Erydano ancestral. Mas canto a terra rude,
Onde o Amazonas rola o diluviano alude,
Onde floresce o ipé e viça a sapucaya,
E Paulo Affonso ruge, e empina-se o Araguaya.
Como em virgem nectario as formosas abelhas,
O farto mel buscando entre as flores vermelhas,
Vão por tenros vergeis, entre corymbos flavos,
Ruflando azas, construindo o thesouro dos favos,
Assim, da tosca avena as vozes desferindo,
Vamos da patria selva os mundos descobrindo,
Onde em longo labor, que os cyclopes excedem,
Os Atlantes estão construindo o louro Eden.

Com as azas de teu genio, ó Musa, sempre creança,
Transporta-me num vôo aos reinos da Esperança,
Para cantar commigo, em peregrinas trovas,
Das terras do Brasil as mil paizagens novas.
Vamos pela campina, ao farfalhar das cômas,
Embriagados de luz, de seivas e de aromas,
No amago dos sertões, sorrindo, contemplar
A belleza da terra e a poesia do luar.
Vamos da matta em flor, pelos reinos arboreos,
Ver surgindo no além os soberbos emporios,
As cidades, a usina, os pequeninos mundos,
Onde a vida palpita em anceios jucundos.
Ao som da tua voz, como um formoso exordio,
Resôa pela devesa o regio pentacordio,
No eterno madrigar da progenie infinita,
Que surge a florecer nesta terra bemdita!
Cantemos esse povo, essa raça de heróis,
Que vive a mourejar pelos ardentes sóes,
Forte, ousada e viril, com o sangue a estuar no seio,
Como um rio que corre em caudaloso veio.
Almas angelicaes, feitas de suavidade,
No annoso cerne heril da força e da bondade,
Raça de Hercules mil de suaves corações,
Impassiveis Anteus dos virides sertões!

Não vês a tatajuba ornada de epiphytas,
Aureolada de seiva, enlaçada de fitas,
Tal como os Leviathans, que viçam sobre os combros,
Com a prole vegetal sobre os possantes hombros?
Não viste o duro ipé, galhardo sobre os cimos,
Ostentando na fronte os thesouros opimos
Da floração febril, que os seus troncos enlaça,
Com a côr de ouro a fulgir de sorrisos e graça?
Não vês pelo pomar o enxame de libélulas,
Com o pólen fecundando as rubicundas células?
Assim, da balsa hirsuta entre o viride collo,
O Amor vae construindo a progenie de Apollo.
E vão assim surgindo entre essas mil devesas
Typos de ardente encanto, imagens de bellesas,
Que crescem sempre ao sol, tenras e naturaes,
Como as rosas de abril, nos viçosos rosaes.
Não ha pelos salões, não ha pelas cidades,
Rainhas ou sultães, princesas ou deidades,
Que sejam mais gentis, mais formosas, mais bellas,
Do que essas flores do ermo, ingenuas e singelas.

Cantemos com ternura e em trova peregrina
A imagem seductora e a graça campesina
Da filha dos sertões. Descendo das alturas,
As celestes huris, de almas quentes e puras,
Puzeram-lhe nas mãos o sceptro de sultana
E fizeram-n'a dryade e fada americana
Esta é a imagem gentil da risonha Esperança,
Que enche a vida de amor, que é a graça e a bonança
Das grandes gerações, que ahi hão de surgir,
Como no tronco annoso as vinhas do porvir.

Vinde, ó Musas da selva, ó Deusas dos planaltos,
Mostrar da catadupa os vigorosos saltos,
Que a industria ha de nutrir. Vamos pelas montanhas
Ver surgir o diamante e o ferro nas entranhas,
E o ouro, que ha de cunhar moedas em dobrões,
Accendendo a cobiça e assanhando ambições.
Cantemos em mil sons, na palheita dos versos,
A visão auroral desses mundos dispersos,
Essa terra, esses céos, esses campos bravios,
Serras descommunaes, largos, rasgados rios,
Onde o sol cae a prumo e onde a vida floresce,
E o prado vige e viça e estúa e reverdece,
E onde as gentes do campo, em remotas aldeias,
Como as flores da encosta, almas de auroras cheias,
A' sombra da floresta e em ventura sem par,
Vive pujante e forte, a sorrir e a cantar.

Um discurso de Raul Fernandes

A 29 de Maio de 1924, na Academia Fluminense de Letras, em Nictheroy. A' memoravel sessão compareceram os Srs. Presidente do Estado do Rio, todos os seus auxiliares de governo, senadores e deputados federaes e estaduaes. Saudado pelo Sr. Dr. Julio Silva Araujo, presidente daquelle instituto, o Sr. Raul Fernandes respondeu assim:

"Minhas senhoras — Senhores Academicos — Senhores!

Hesitei longamente antes de acceitar a dignidade de vosso associado honorario: nada menos de 7 annos, que tantos vão da data em que m'a propuzestes, ao dia de hoje, em que nella me invisto. Hesitei porque, em consciencia, duvidei, e não acabei de duvidar, dos titulos que a legitimassem.

O vosso gremio, devotado ás bellas lettras, congrega homens de lettras; e as lettras que possúo, ainda que uteis, não são bellas, nem mesmo, para a maior parte dos homens, são sympathicas, visto que, na memoria de toda a gente, os aphorismos, os brocardos e as dissertações dos doutores se misturam quasi sempre com a lembrança afflictiva dos meirinhos e galfarros, das chicanas allucinantes e das alcantinas tortuosas com que, a pretexto de separar o **meu** do **teu**, a ganancia humana porfia por embrulhar o **teu** com o **meu**.

Sem duvida, a litteratura juridica póde revestir no mais alto grão o cunho artistico da litteratura **tout court**; e não sei se o grande Lafayette teria entrado na Academia Brasileira como escriptor de **Vindicie** ou como autor dos **Direitos de Familia**, em cujo estylo, modelo acabado de sobriedade e bom gosto, esse mestre insigne vasou textos imperecíveis, dignos do classicismo grego. Mas ainda taes lettras, como as outras, não basta a alguem sabel-as, ou simplesmente presal-as, para estar á vontade comvosco: é preciso **crial-as**. Uma cousa é recitar as "Ondas" ou as "Meridionaes", e outra cousa é ser o poeta que sentiu e revelou á nossa sensibilidade imperfeita alguns aspectos do mundo.

Dar-se-ha que, sem versos nem prosa, me chamastes a titulo de **expoente**, como se pratica alhures? Nesse caso, seria como expoente da politica, em cujo mastro de Cocagne, ahi pelas alturas de 1917, eu marinhava mollemente, sorrindo com ironia das cotoveIladas dos emulos, e indulgente aos repuxões dos que estavam debaixo — visto que os premios alli estavam, e estarão sempre, como **res nullius**, a que todos pódem aspirar sem aggravo de ninguem. Depois disso subi um pouco mais, antes empurrado do que pelo esforço proprio. Mais tarde, desandei, não só como se desanda nesse afanoso **sport**, isto é, de uma só vez e de repente, mas tambem com a intenção firme de não recomeçar. Sumiu-se, assim, o hypothetico titulo; deixei de ser **expoente**, para ser um homem no meio dos outros homens.

Vosso interprete, tão eloquente quanto generoso, se esforçou por vos persuadir do contrario. Mas, preposto á saudação do estylo, que poderia elle fazer senão exaggerar os meus merecimentos? Metade por modestia, metade por zelo dos seus creditos litterarios, elle talvez responda daqui a pouco, na secretaria, como na sacristia se escusava aquelle pregador do Eça com os que o felicitavam por um panegyrico de S. Valentim: "Cumpri, meu senhor; apenas cumpri. Mas tambem S. Valentim, não se prestava; pois se não fez milagres..."

Eu tambem não fiz milagres; e se o proprio genio não é senão **une longue patience**, alguns trabalhos, que porventura levei a cabo com exito não custaram mais do que applicação e diligencia vigilante.

Dr. Raul Fernandes

(Desenho de Rolf Roth)

Sem embargo, cedi ao vosso appello, agora que, mais do que nunca, devera resistir-lhe. E' que me convidastes a honrar comvosco a memoria de Nilo Peçanha, e a tal chamamento eu devia acudir de prompto, fiel a uma amizade que durou vinte e um annos sem desmaio nem restricção.

Falar delle e da sua obra é falar de politica, pois que a esta elle se consagrou, totalmente e sem interrupção, desde a maioridade até o dia em que a morte inflexivel o arrebatou. Sei o que devo em discreção e tacto á vossa hospitalidade e ao caracter da vossa associação, e quanto me cumpre, por isso, dizer de Nilo Peçanha o bem que elle merece, com resguardo das possiveis divergencias de opinião no tocante a taes ou quaes pormenores da sua acção como homem publico. Mas, sua personalidade era tão rica, e em tantos dominios elle a affirmou tão relevantemente, que, ainda não o elogiando senão pelos feitos unanimemente louvaveis, em nada diminuiremos o fulgor da aureola que marca o seu nome na historia da Republica.

Não seria esta fala adequada á seriedade da Academia, nem condigna do valor de Nilo Peçanha, se, imitando um exemplo frequentissimo, eu me contentasse com uma apologia consistindo substancialmente na enumeração palavrosa dos seus predicados, a cada um dos quaes se pendurasse um cacho de qualificativos. Com este expediente entre nós se fazem, ou se desfazem, as reputações. Delle quero me apartar para dizer como e em que circumstancias o nosso grande conterraneo serviu exemplarmente o Brasil.

Vinde commigo ao palacio Itamaraty no dia 21 de Maio de 1917. O Governo resolvera quebrar a nossa neutralidade na grande guerra. A opinião publica, irritada contra os imperios centraes desde o começo das hostilidades pelas circumstancias imperdoaveis em que elles desencadeiaram a terrivel calamidade, se exasperara com os successivos torpedeamentos de inoffensivos navios mercantes brasileiros nos mares da Europa. Mas no desaggravo dos direitos deshumanamente postergados exhalar-se-hia tambem a ardente sympathia pelos bellgerantes alliados, sobretudo pela França: as affinidades de cultura, os seus immensos sacrificios resistindo quasi sósinha na frente occidental durante o primeiro anno da guerra, a certeza de que essa opportunidade era a ultima para reparação da iniquidade do tratado de Francfort — tudo concorria para que, aos olhos da maioria dos brasileiros, a França symbolizasse os ideaes de justiça empenhados na tragica tormenta.

Convocadas por Nilo Peçanha, ministro das Relações Exteriores, compareceram ao Ministerio, depois das 9 horas da noite, as commissões de diplomacia da Camara e do Senado. A entrevista não era facil, sabendo o ministro que os membros mais influentes em ambas as commissões estavam dominados pelo sentimento geral, que podia ser o delle, mas não determinaria a sua attitude. E para discutir, resistir, arrastar o assentimento dos parlamentares, elle estava em circumstancias penosas, atormentado por ruma periostite tenebrante, febril, abatido e mal podendo falar atravez dos abafos que lhe resguardavam a face entumescida.

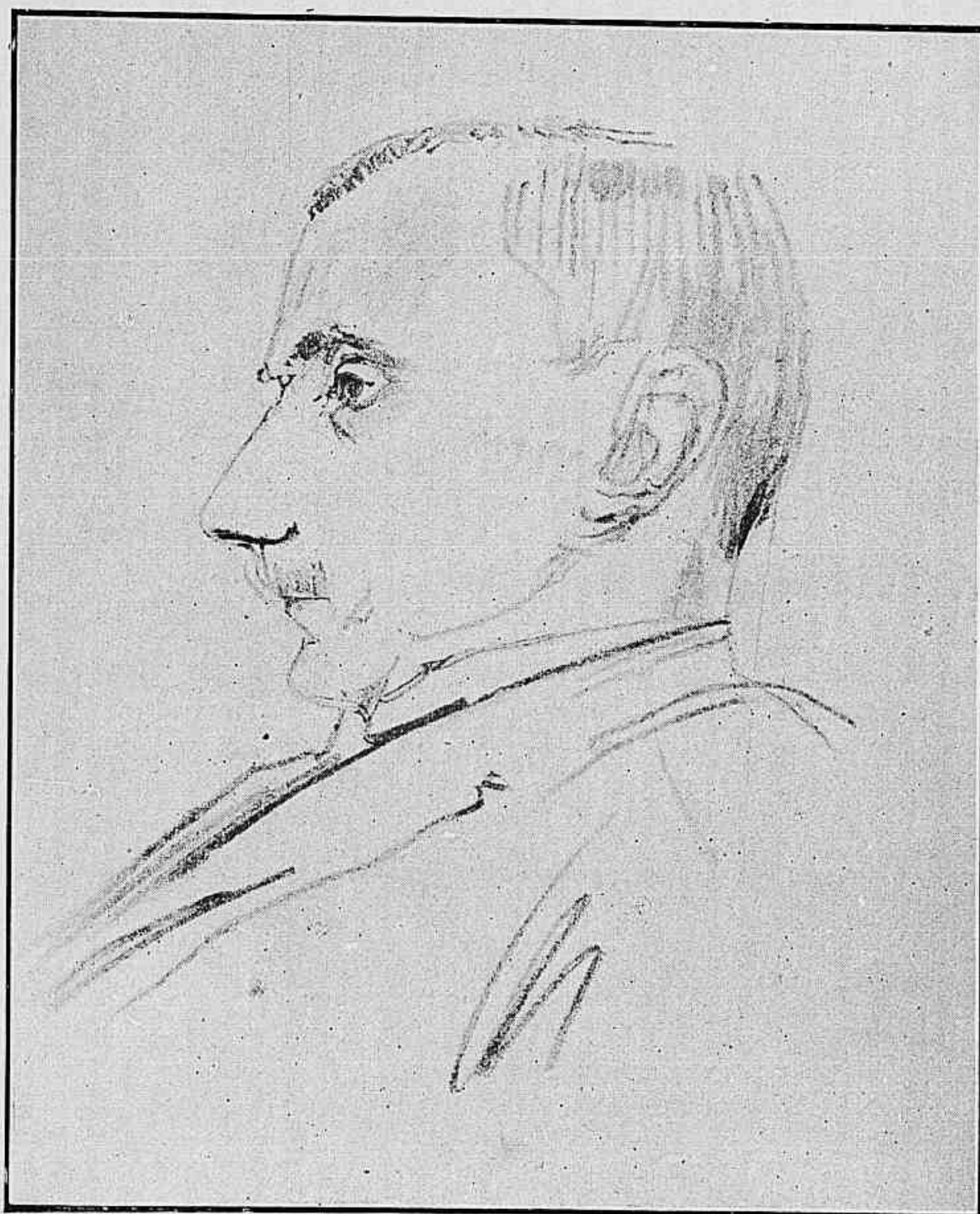
Nilo, encolhido numa cadeira, murmurou a sua opinião: — primeiro, revogar a neutralidade na guerra dos Estados-Unidos com a Allemanha; depois de breve intervallo, dois ou tres dias, revogal-a em relação aos demais belligerantes. Explodiu o dissentimento dos parlamentares num debate vivissimo, a que prestigioso deputado dava o tom do seu costumado desassombro. Atado pelo mal physico, sem poder discorrer com a habitual facilidade, o ministro emperrou numa formula secca: "O governo não póde ceder neste ponto. E' cousa capital para o paiz..."

Sua firmeza venceu nessa noite historica; e se algum dia tivermos de volver olhares preoccupados para o marco ali fincado pela energia do sagaz estadista, ha de ser com infinito agradecimento pelo clarividente patriotismo com que elle ousou esse acto culminante da sua vida publica.

As immensas responsabilidades do seu cargo e a lucida comprehensão de uma tradição necessaria, levaram Nilo Peçanha a alheiar-se então da atmosphera perturbadora do drama europeu, elevando-se á altura dos destinos nacionaes em seus remotos desdobramentos.

Amando a popularidade, e não desdenhando cortejal-a, elle mostrou nesse lance que sabia tambem serlhe indifferente quando nisso fosse o interesse superior do paiz. E não deixou passar a occasião, que era a primeira, a **unica**, e que poderia não se repetir num seculo, para definir a doutrina de Monroe como um pacto de solidariedade, e não como um compromisso unilateral só comportando obrigações para o colosso americano. No dialogo dos povos ha réplicas que se alternam de seculo a seculo, e o verdadeiro homem de Estado sabe achar o momento de responder por cima das fronteiras a alguma cousa que foi dita, perguntada ou proposta aos antepassados. Datava de quasi um seculo a celebre mensagem do Presidente Monroe. O Brasil, mal seguro na sua recente independencia e ameaçado pela colligação de dynastias que se chamou a Santa Alliança, acolhera com enthusiasmo esta proclamação da inviolabilidade do continente americano; mas achando mais justo, senão mais digno, que os riscos fossem communs, propôz aos Estados-Unidos uma alliança formal. E' sabido o resultado desse passo diplomatico, um dos primeiros do Brasil independente; o governo americano apreciou com a maior sympathia o desejo do Brasil, mas julgou não poder annuir em razão da regra, alli firmada por Washington e depois observada invariavelmente, contraria a toda e qualquer alliança.

O Brasil de 1917 quiz pagar a divida do Brasil de 1823 declarando-se attingido pelo mesmo perigo que assaltara a grande republica do Norte, posto que não obrigado a isso por tratado ou convenção.

O tempo ha de consagrar a sabedoria dessa politica, cujos primeiros fructos colhemos logo em 1919, quando o Presidente Wilson reclamou e obteve um tratamento especial para o nosso paiz na Conferencia da Paz, apoiou decididamente as nossas justas reivindicações e tomou a iniciativa da disposição do tratado de Versailhes que nomeou o Brasil um dos quatro membros temporarios do Conselho da Liga das Nações.

Quando cheguei a Paris em 27 de Janeiro de 1919 a Conferencia já funccionava desde alguns dias. As cinco grandes potencias alliadas se representavam, cada uma, por cinco plenipotenciarios nas sessões plenarias; a Belgica, a Servia e o Brasil, por tres; os demais alliados por dois. O grupo intermediario não figurava no projecto de regimento. Contava-se nos circulos da Conferencia que Wilson impugnara o plano, sendo de opinião que o Brasil merecia uma representação mais conspicua. Um dos **big four**, talvez Clemenceau ou Lloyd George, teria objectado qualquer coisa, encarecendo, não sem razão os grandes sacrificios supportados por certos paizes que, apezar disso, deviam contentar-se com dois representantes; ao que o Presidente respondera em tom irreplicavel: "O Brasil foi o meu primeiro, e talvez o meu mais precioso alliado". E assim ganhámos um logar de mais destaque em torno á grande mesa do salão do "Relogio", no palacio do Quai d'Orsay, ladeados pela Belgica, em honra ao seu martyrio, e pela Servia, cuja espantosa resistencia estarrecera o mundo.

Mas esses são os trocos miudos da nossa affirmação de americanismo; nem os recordo agora senão para satisfazer áquelles que avaliam o acerto das attitudes pelo proveito immediato e tangivel em que ellas fructifiquem. O grande merito do gestos da diplomacia brasileira nesse anno calamitoso não ha de ser aferido por ahi, mas pela significação moral do seu passo e pelas consequencias incalculaveis encerradas na semente lançada no coração americano, de cuja longa memoria o General Pershing deu um pathetico exemplo quando, desembarcando em França com as primeiras tropas do seu commando, mais de um seculo após a guerra da independencia, foi direito ao tumulo de La-Fayette, perfilou-se em continencia e exclamou: "La-Fayette, nous voilá!"

Eis ahi uma cousa definitiva: de longinquas e multiplas repercussões nos destinos nacionaes; honrosa — porque foi paga espontanea de uma divida secular; altiva — porque nos elevou de protegidos a iguaes: realizada contra uma corrente de opinião tão forte pelo numero como pela generosidade da sua inspiração; sobretudo, considerai isto: que não se tratava de cousa que admittisse contemporização, cuja omissão agora pudesse soffrer emenda amanhã, porque aquelle momento, **unico** na successão do tempo, fugiria na eternidade com a occasião igualmente **unica** com que elle solicitou a sagacidade do Governo brasileiro; e dizei-me se o patriota, que soube comprehender e aproveitar esse instante dramatico, não firmou tão alto titulo á benemerencia publica que seus erros humanos são em torno desse titulo como anões liliputianos aos pés de um gigante.

Nilo Peçanha tinha, como estaes vendo, a intelligencia das cousas maximas; quero dizer, discernia com aguda penetração aquillo que era susceptivel de influencia duradoura ou decisiva. Disso acabo de referir uma prova, e vou accrescentar outra:

Uma das consequencias mais imprevistas, e ao mesmo tempo mais dolorosas, da guerra, foi a violação por muitos belligerantes de principios, usos e convenções firmados para limitar na medida do possivel os damnos materiaes e pessoaes inseparaveis desse processo selvagem de dirimir as pendencias entre nações. Violação hoje, represalia amanhã — ao cabo quasi nada restou das convenções de Haya, nem da de Genebra, nem mesmo dos principios, de elementar humanidade, protectores dos não combatentes.

A disputa, post-bellum, entre os ex-inimigos, para apurar a qual delles coube a iniciativa desse retrocesso ás idades barbaras, é manifestamente frivola. A guerra de 1914 foi, e as guerras futuras sel-o-hão em grão ainda mais rigoroso, uma guerra de nações, com a inevitavel consequencia da mobilização geral de todos os recursos em homens, dinheiro, subsistencias e industrias, e com a tendencia não menos inexoravel de abolir a distincção entre combatentes e não combatentes, sendo soldados a seu modo os velhos, as mulheres e as crianças que trabalham para os exercitos em campanha.

As immunidades reconhecidas á propriedade privada, tanto em terra como no mar, não prevaleceram mais do que as outras garantias e especialmente os navios mercantes inimigos foram em toda a parte, excepto nos Estados Unidos e no Brasil, submettidos aos tribunaes de presas e confiscados.

Aqui, a propriedade privada dos subditos allemães foi geralmente respeitada pelo Estado; e o sequestro dos navios, a titulo de garantia para satisfação dos damnos maritimos feitos á propriedade brasileira pela guerra submarina, foi com clausula de indemnização, ficando esta afinal, a cargo do governo allemão, porquanto com o preço dos navios resarcirá o nosso Thesouro esses prejuizos.

Esse procedimento que cumpre reconhecer, talvez fosse impossivel se o Brasil estivesse submettido ás mesmas implacaveis necessidades a que se dobravam as nações européas, exigiu do nosso governo firmeza e resistencia, insuspeitadas por quem não conhece os archivos do Itamaraty.

A responsabilidade, neste caso como no outro, foi sem duvida do Presidente Wenceslau Braz cujo nome seria imperdoavel omittir nesta occasião com os elogios e os agradecimentos, que todos os brasileiros lhe devem pelo apoio esclarecido com que sustentou o seu ministro; mas o brilho de Metternich nunca fez mal a Francisco II. O que Nilo Peçanha propugnou então, não foi sómente a intangibilidade das tradições humanas da diplomacia nacional. A este interesse moral de primeira plana, ajuntava-se o incstimavel valor economico da confiança dos colonos, e dos extrangeiros em geral, na segurança dos seus direitos. Paiz de immigração de homens e de capitaes, do immenso desastre, que seria a quebra dessa confiança, não convalesceriamos emquanto restasse memoria do gesto, não sei se estouvado ou iniquo, com que rasgassemos as leis da hospitalidade.

Homem de partido, Nilo Peçanha, quando Governo, teve a capacidade, quasi divina, da imparcialidade para com os adversos ao seu grupo. Quem não se recorda da deposição do Governador do Amazonas em 1910? Adversario do Senador Pinheiro Machado, o Governador Bittencourt foi revolucionariamente apeiado do seu cargo no palacio de Manáos e embarcado sob escolta idonea para Belém. Informado da occurrencia, Nilo então Presidente da Republica, amigo e correligionario de Pinheiro, mandou fretar um navio, metteu nelle o Governador e mais um batalhão do Exercito, sob cuja protecção, cinco dias depois, se reempossava na sua magistratura o deposto. Acto de respeito á Constituição, Nilo não o praticou sem risco, pois incorria no resentimento de um chefe poderoso, patrono do Governo Hermes a inaugurar-se em 15 de Novembro desse anno e ao qual, note-se bem, **ia pertencer a solução final de um caso fluminense, o da dualidade Oliveira Botelho-Edwiges de Queiroz, em que jogava a sua sorte o partido** estadual de que elle era chefe.

Pinheiro Machado guardou, com effeito, resentimento; mas tendo depois alcançado legalmente para um amigo o Governo do Amazonas, limitou o desaggravo a receber Nilo Peçanha, no seu regresso da Europa, em 1912, com esta exclamação ironica, proferida á distancia, antes mesmo do abraço de bôas vindas: "Nilo velho! já reconquistei o Amazonas..."

O que estou encarecendo, notai bem, não é a reposição do Governador em si mesma: é sim, a justiça feita ao adversario, e com risco para quem a fazia. Aliás, parece que a reposição por si só já seria motivo de encomio; porque, posto se afigure coisa comezinha, a verdade é que, não obstante serem numerosas as deposições nestes trinta e poucos annos de vida constitucional da Republica, o caso do Amazonas, só não é unico da sua especie porque, tambem por excepção, em Sergipe, um direito de identica natureza teve com o mesmo exito, o amparo do Presidente da Republica. Mas occorre dizer que este Presidente era Nilo Peçanha.

Ahi estão, senhores, tres actos capitaes do pranteado fluminense: um immenso beneficio á nação, um calamitoso erro evitado; um grande exemplo de serenidade no poder. São factos culminantes no acervo de serviços de Nilo Peçanha, serviços que fôra impossivel arrolar por meudo. Mas emquanto vos falo desses pontos de referencias a que a historia ha de recorrer para medir o porte do estadista, estareis pensando nos modelos de ordem economica e sabias iniciativas que foram os seus dois Governos do nosso Estado, emquanto, por minha vez, devo resumir o julgamento da sua presidencia federal com a opinião de Martim Francisco, critico sagaz, bem informado e pouco propenso ao elogio, o qual, em 1911, qualificou esse governo como "o melhor que teve o Brasil depois do de D. João VI".

Esse homem, assim coberto de serviços e consciente dos seus dons superiores, havia de ser orgulhoso e certamente o era em certo sentido; não se conformava com os papeis de segundo plano e luctou obstinadamente pelos postos de commando, onde a seiva borbulhante do seu genio politico em perpetua actividade encontrasse campo de acção para as generosas ambições do patriotismo.

Noutras latitudes, onde o regimen e os costumes abrem aos homens pessoalmente prestigiosos todas as possibilidades, a sua actuação eleitoral teria sido muito diversa da que foi aqui, onde os saltos para cima requerem o trampolim das machinas estadoaes. Seu calcanhar de Achilles foi a relativa fraqueza do Rio de Janeiro, contingencia geographica progressivamente aggravada á medida que vão crescendo em população e riqueza os Estados territorialmente mais fortes. O melhor dos seus trabalhos devia se consumir no esforço ingrato de reter a alavanca mestra da machina fluminense, alvo, por isso mesmo, do ataque constante dos seus concurrentes occasionaes. "Vocês são turbulentos", dizia-me certa vez o presadissimo Sabino Barroso, a quem retruquei: "Engano, meu caro; pura apparencia. As discordias são fomentadas de fóra, quando é preciso desbancar o Nilo."

As luctas incessantes em que por isso elle andou enleiado, não lhe abatiam o animo, como nunca lhe azedaram o coração. Um tanto por temperamento, um tanto por calculo, não lhe desagradavam esses combates, que o approximavam do povo e redoiravam os seus brazões de democrata. Desses mergulhos na massa anonyma, onde os caipiras o abordavam com familiaridade, ás vezes no interesse das suas minusculas contendas de campanario envenenadas do mais intransigente personalismo, mas outras vezes no ingenuo deleite de confabular com homem tão **falado**, Nilo Peçanha, trazia sempre á tona alguma anecdota pittoresca, que lhe lisongeava o amor proprio e que elle sabia contar com o chiste, a naturalidade e a graça das suas horas de intimidade e bom humor. Recordo-me de uma **tournée** de propaganda, que lhe rendera muitas adhesões. De regresso a Nitheroy, do que elle mais se mostrava encantado era do elogio dum tabaréo da baixada, que, pelos modos, era do Rio Bonito e ahi ouvira alguma vez, no jury, a Sizenando Nabuco, e, certamente muitas vezes, a Cyro de Azevedo, o illustre diplomata cuja carreira começou como promotor publico dessa comarca. O homem o abordou no fim de uma arenga, não me lembro si em Itaborahy ou em S. Gonçalo, exclamando enthusiasmado: "Sim Senhor! Oradores, conheci dois na minha vida: Sizenando Nabuco e Cyro de Azevedo. Mas **jogo de scena** como o seu nunca vi!"

Era isso mesmo; o caipira tinha seu senso critico; porque a oratoria de Nilo era para ser vista e ouvida, realçada pela theatralidade do gesto e pelas seducções da voz. A' leitura, o effeito era incomparavelmente mais fraco. Por isso, a sua grande arma de proselytismo eram a "presença" e a conversação, que se adaptavam flexivelmente á mentalidade de cada interlocutor, a cujos gestos e inclinações elle accommodava os themas por natural gentileza. Negar sem desenganar, despedir como retendo, suggerir sem affirmar, manejar a reticencia como se maneja um escudo — quantas coleras elle desarmou assim, quantas esperanças sustentou, e tambem, ai delle! quantos equivocos mortaes engendrou sempre que pretenderam traduzir em formulas absolutas os seus conceitos saturados de relatividade!

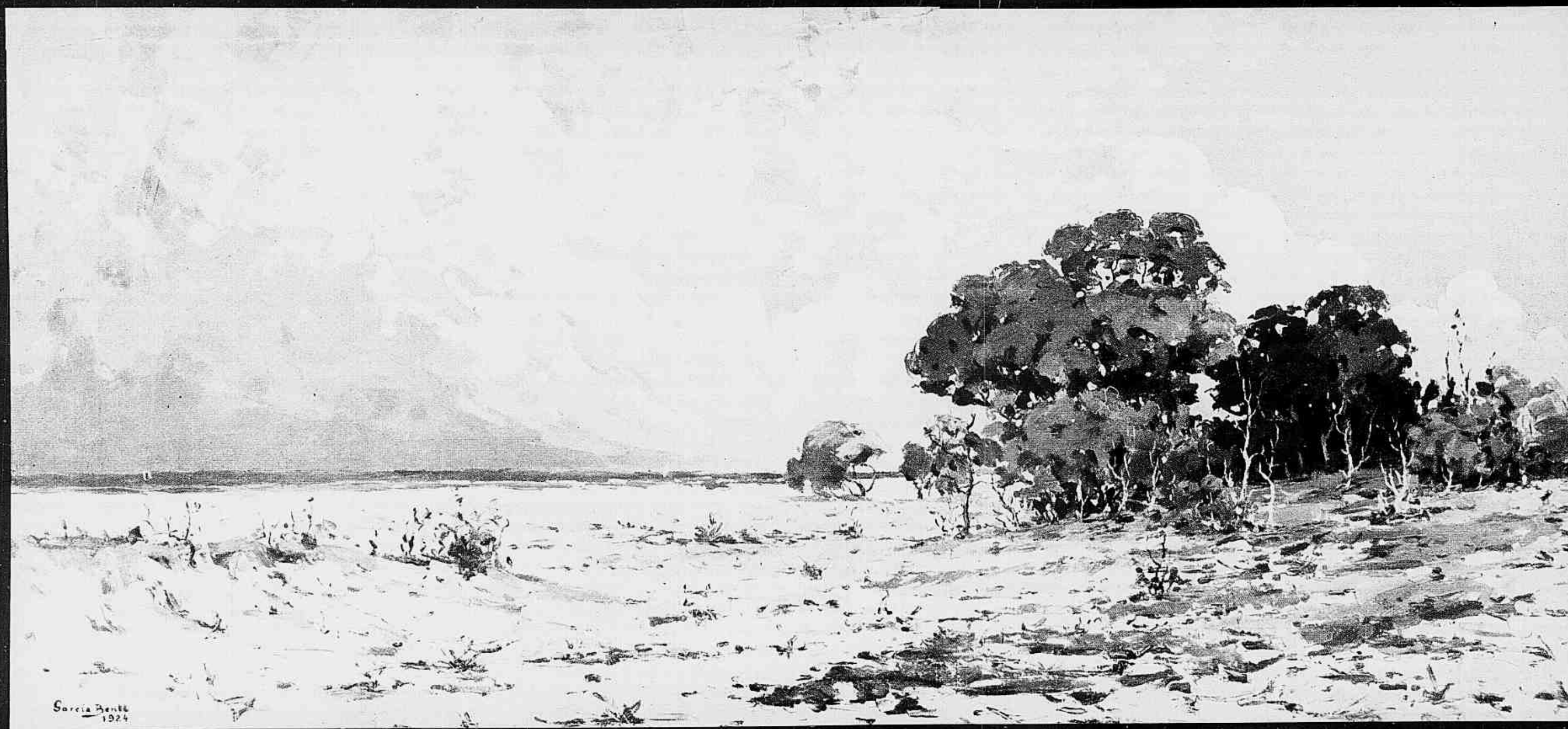
A mim, quando eu ia em pouco mais dos 20 annos, e, obscurissimo advogado em Vassouras, procurava ardentemente a brécha por onde me escapar para centro de mais possibilidades, elle proporcionou uma das mais vertiginosas emoções de minha vida, murmurando-me quasi ao ouvido uma phrase, que me pareceu carregada de intenção.

Momentos antes Quintino Bocayuva havia lançado a candidatura do discipulo predilecto á presidencia do Estado, num daquelles discursos como só o Mestre veneravel sabia fazer, altos de pensamento, solemnes na contextura, compostos em phrases perfeitas, redondas e harmoniosas, marchetadas aqui o alli da força ou do brilho de uma imagem. Fosse o alvoroço do coração, movido pelo jubilo ás expansões generosas, fosse o natural desejo de ser amavel, o caso é que impellindo-me suavemente para o vão de uma janella, Nilo rematou breve palestra dizendo-me: "Tome nota do que lhe affirmo: o futuro é seu". Já vos disse a minha absorvente preoccupação nessa epoca. Não sei se fui suggestionado por ella; mas pareceu-me discernir nessa phrase, que me soou como uma confidencia, um mundo de promessas. Durante muito tempo ella cantou no meu coração. Annos, muitos annos depois, um collega, menos porque presumisse demais dos meus serviços do que por gracejo, interpellou o nosso amigo: "Então, "seu" Chefe, o senhor prometteu o futuro ao Raul, e afinal..."

— "Pois é..." acudiu o outro, malicioso e risonho, "o futuro pertence mesmo aos moços".

Elle podia ter respondido que me fez deputado durante 15 annos, e que essa posição é das mais eminentes na vida publica. Preferiu responder com espirito, e tambem com infinita delicadeza, para não parecer que dizia, ou siquer insinuava, que eu obtivera tanto quanto merecera, ou mais do que isso.

Era assim Nilo Peçanha, invariavelmente brando, de maneiras delicadissimas, paciente ás impertinencias dos seus menores amigos, comprehendendo philosophicamente e descontando, com largueza, nas recriminações

(Termina no fim do numero)

"MÁO TEMPO" GARCIA BENTO

Salão de 1924

TABOA DE SALVAÇÃO

Comedia em 3 actos
de Carlos Maul.

ACTO III

(*Continuação*)

VIRGILIO

Em todo o caso deixo o convite. (*Faz um movimento para sahir*). Meus respeitos á senhorita... (*Beija a mão de Marietta e sahe*).

MARIETTA

Obrigada pela gentileza... (*Acompanha-o até ao terraço, onde se demora alguns momentos*).

SCENA VI

Isaura e Marietta

MARIETTA (*Voltando do terraço e vendo Isaura que se approxima*).

Como estás linda!

ISAURA

Fica-me bem este vestido, mamãe?

MARIETTA

Muito bem. E' de muito gôsto.

ISAURA

Que queria o sr. Virgilio?

MARIETTA

Trouxe-me um convite para uma festa de caridade, amanhã, no Assyrio...

ISAURA

Que massada! Que festa é essa?

MARIETTA

Ora, o que ha de ser! Mais um arranjo da Generosa... Imagina só o que foi ella descobrir para amanhã! Um beneficio para os Esquimáos, victimas de uma tempestade de neve.

ISAURA

Para quem?

MARIETTA

Para os Esquimáos, habitantes da Groenlandia.

ISAURA (*Rindo*)

E haverá quem tome essa patacoada a sério?

MARIETTA

Se ha. O sr. Virgilio, por exemplo, que me deu o programma.

ISAURA

Ora, o sr. Virgilio! Elle e a Generosa se entendem. Elles sabem o que fazem...

MARIETTA

E tanto se entendem e sabem que não nos embrulham, que resolveram mandar-nos um convite. Elles sabem que não vamos pagar para os Esquimáos...

ISAURA

Essa Generosa tem um nome apropriado. Quando a baptizaram parece que já adivinhavam a sua tendencia futura para as obras de caridade... Se tudo o que ella arrecadou este anno chegou ao seu destino, não existem com certeza mais desgraças no mundo a consolar... Festas para os famintos da Russia, para as criancinhas allemãs, para os mutilados belgas, para os massacrados da Armenia... E agora nem os Esquimáos escapam...

MARIETTA

E em honra dos Esquimáos a gente se diverte...

ISAURA

Admiravel essa Generosa... E intelligente... Conhece o meio em que vive...

MARIETTA

Qualquer dia ella monta um *mafuá* para os sem trabalho da Patagonia...

ISAURA

Se antes não rebentar algum escandalo...

MARIETTA

Escandalo? Por que?

ISAURA

Por que? Mamãe pensa que todo o mundo é idiota? Já se murmura por ahi contra tanto chá dansante caridoso...

MARIETTA

Intriga de invejosos...

ISAURA

A Rosinha, filha do coronel Gervasio, disse-me que a pae fechou a porta á Generosa...

MARIETTA

O coronel é um grosseirão. Nunca se deu bem na nossa sociedade... E' um sujeito antipathico... Um forreta!...

ISAURA

Pois a Rosinha contou-me uma historia muito comprida do sr. Virgilio com a Generosa...

MARIETTA

Tolices, minha filha... A Generosa, uma velha de quasi setenta annos, com o sr. Virgilio, um rapazola?

ISAURA

Mamãe está pensando em amores? Nada disso... A Rosinha contou-me uma historia de negocios... A Generosa promove as festas, o sr. Virgilio faz a propaganda, e depois dividem os lucros...

MARIETTA

Más linguas... Más linguas... Não acredite...

ISAURA

De algum logar ha de sahir o luxo daquella velhota pretenciosa que ninguem sabe de onde veio. (*Pausa*). Mamãe não acha que o sr. Felisberto está demorando?

MARIETTA

Teu pae tambem ainda não voltou...

ISAURA

E onde foi papae?

MARIETTA

Foi á cidade...

ISAURA

O sr. Felisberto é capaz de chegar antes delle... Que aborrecimento...

MARIETTA

O sr. Felisberto disse que viria ás 4 horas... (*Olha o relogio-pulseira*). São quasi quatro. (*Vae ao terraço. Isaura encosta-se á janella*). Ahi vem teu pae. (*Dá alguns passos ao encontro de Maximiano que chega*).

SCENA VII

Os mesmos e Maximiano

MAXIMIANO (*Entrega uma caixa a Isaura*).

Trago-te um presente de noivado.

ISAURA (*Toma a caixa, abre-a e colloca no dedo um annel*).

Que lindo! (*Examina-o attentamente*). Olha mamãe!

MARIETTA

Muito bonito.

MAXIMIANO

O Felisberto telephonou?

MARIETTA

Não.

MAXIMIANO

Procurei-o por toda a parte. Telephonei para o hotel.. Sahira de manhã e ainda não tinha voltado...

MARIETTA

Elle não te disse que o esperassemos ás 4 horas?

MAXIMIANO

Sim. Mas eu achei melhor procurar um encontro na rua para vir com elle. Conversariamos um pouco mais á vontade.

ISAURA

Elle não ha de demorar... Um atrazo de minutos não tem importancia.

MARIETTA (*Para Isaura*)

Não queres distrahir-te um pouco? (*Isaura sahe*).

SCENA VIII

Maximiano e Marietta

MAXIMIANO

Sabes de uma novidade? O Paulo, aquelle amanuense da minha secretaria, torceu-me o nariz hoje... Achei graça. Encontrei-o na Avenida, e quando ia falar-lhe, elle fez-me uma carranca dos diabos e deu-me as costas valentemente. O rapaz parece que não anda muito certo...

MARIETTA

Censuraste-o, talvez, na repartição...

MAXIMIANO

Censural-o? Ha dias que elle não apparece.

MARIETTA

Deves-lhe ainda alguma cousa?

MAXIMIANO

Nunca lhe devi nada. Das duas ou tres vezes que lhe pedi uma pequena quantia para resolver um aperto de occasião, indemnisei-o logo. Elle com certeza bebeu Ou então, está ficando doido...

MARIETTA

Será pelo que dizem os jornaes do caso das obras do porto?

MAXIMIANO

Isso não tem importancia. Hei de chamal-o á ordem. (*Pausa*). A imprensa continua a discutir o fracasso das obras... Os vespertinos publicam um telegramma da capital do Estado que compromette sériamente o Silvares. O governador está indignado...

MARIETTA

E o Silvares não se defendeu hoje na Camara?

MAXIMIANO

Preferiu ficar calado...

MARIETTA

E' sempre assim... Quero ver só como acaba tudo isso... No fim quem sahe perdendo somos nós... Se falarem muito no teu nome ainda estás sujeito a complicações no ministerio.

MAXIMIANO

Deixemo-nos de lamentações. A vida é isso mesmo...

MARIETTA (*Levanta-se, impaciente, e dá alguns passos em direcção ao fundo*)

E esse sr. Felisberto que se está fazendo esperar tanto!

MAXIMIANO

Algum contratempo... Não te afflijas...

MARIETTA

E' uma falta de delicadeza. Principalmente tratando-se do assumpto da sua visita. Deveria ser mais pontual, ao menos hoje.

MAXIMIANO

Elle vem por ahi... (*Isaura entra nervosa, com uma carta na mão*).

SCENA IX

Os mesmos e Isaura

ISAURA (*Dando a carta a Maximiano*)

Vê o que é isto, papae. Foi um portador do sr. Felisberto que trouxe...

MAXIMIANO (*Franze o sobr'olho e rasga o enveloppe*)

O que será? Vejamos. (*Lê baixo, e terminada a leitura, amarrota a carta e passeia pelo salão, indignado*).

ISAURA (*Attonita*)

O que é isso, papae?

MARIETTA

Deixa ver!

MAXIMIANO

Patife! Insolente!

MARIETTA

Deixa ler...

ISAURA

Lê alto, papae...

MAXIMIANO

Deixem isso commigo!

ISAURA (*Procurando acalmal-o*)

Socega, papae... Nós tambem precisamos saber... Lê...

MAXIMIANO (*Voltando-se para a mulher e para a filha*)

Ouçam, e depois me digam o que merce um sujeito desses! (*Lendo*) "Meu caro amigo"... E tem o topete de chamar-me seu amigo. (*Continuando*) "Meu caro amigo... Eu tenho por sua filha um grande affecto. Mais de uma vez lhe communiquei as minhas intenções e vi com prazer que merecia alguma attenção. Eu estava mesmo disposto, conforme combinámos, a ir hoje á sua casa, formalisar um pedido de casamento.

"Pensei, porém, melhor e resolvi dar o dito por não dito. Tenho razões muito particulares para agir desse modo e espero merecer desculpas se por acaso o aborreço.

Do seu *Felisberto.*"

MARIETTA

E ainda pede desculpas o cynico! Pensa que somos colonos da sua fazenda, ou cavallos da sua estrebaria!

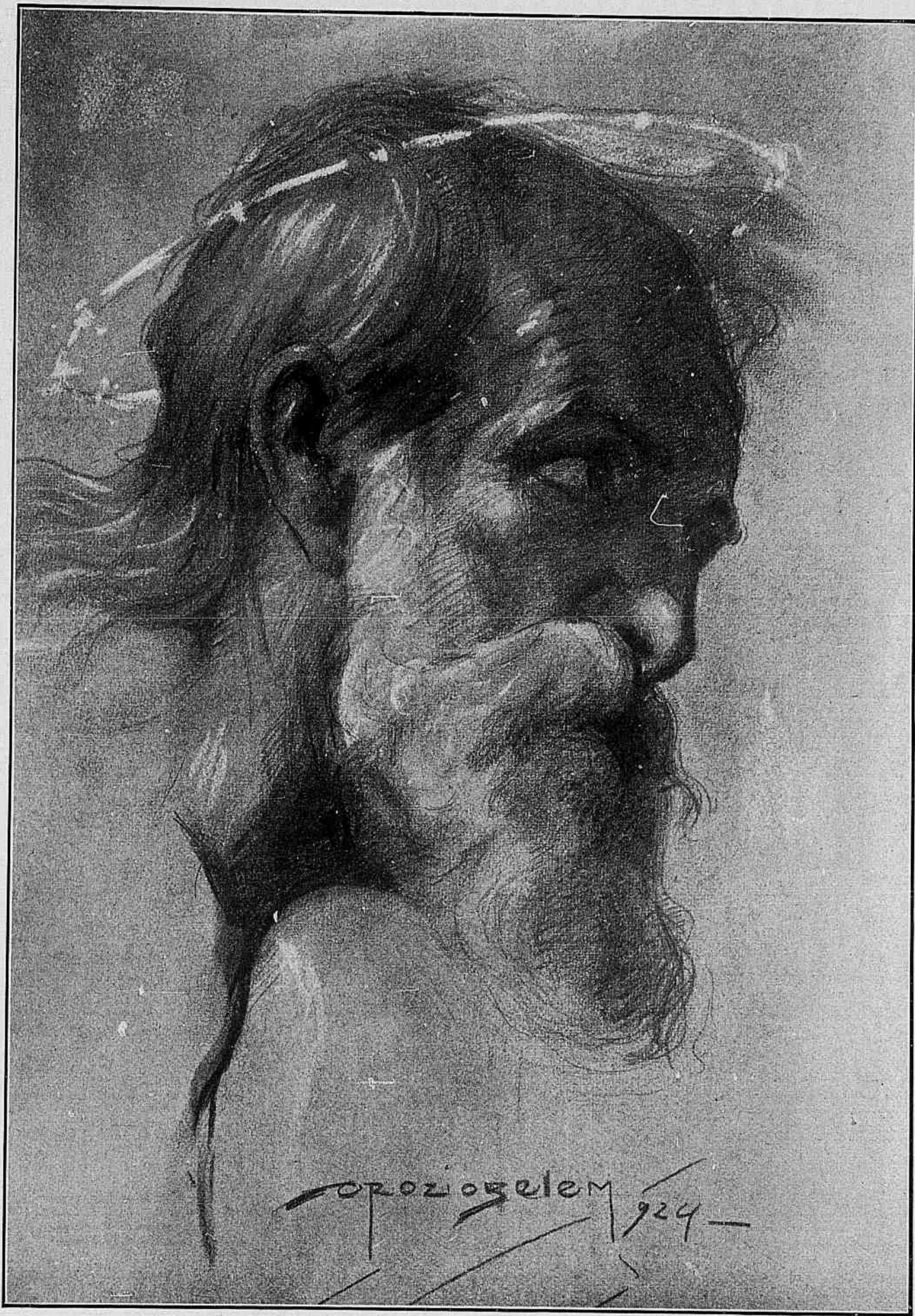
ISAURA (*Abraça Marietta e repousa a cabeça sobre o hombro*)

Não nos revoltemos contra a sorte, mamãe... Sejamos fatalistas.

MAXIMIANO (*Atira a carta ao chão, dá alguns passos, de punhos cerrados*)

Has de ajustar contas commigo, grande bandido! Canalha! Canalha! Tres vezes canalha!

(*Panno*)

FIM.

"SÃO JOSÉ"

Carvão de Orozio Belem

Musica Brasileira

o o o

Versos de Olavo Bilac

Musica de S. Barroso

o o o

Tens, ás vezes, o fogo soberano
Do amor: encerras na cadencia, accesa,
Em requebros e encantos de impureza,
Todo o feitiço do peccado humano.

Mas, sobre essa volupia erra a tristeza
Dos desertos, das mattas e do oceano.
Barbara poracé, banzo africano
E soluços de trova portugueza.

E's samba e jongo, chiba e fado, cujos
Accordes são desejos e orfandades
De selvagens, captivos e marujos;

E em nostalgias e paixões consistes,
Lasciva dôr, beijo de tres saudades,
Flôr amorosa de tres raças tristes.

p Com tristeza
Mas, sobre essa vo-lu-pia erra a tris-
te-za Dos de-ser-tos, das mat-tas e do o-cea-no.
m.d.
Barbara po-ra-cé, banzo afri-ca-no E so-lu-ços de trova portu-gue-za.
f
mf
p rit.
a tempo
Um poco più mosso
E's samba e-
mf
rit
p
scherzando
jon-go, chiba e fa-do, cujos Ac-cor-des são de-

se-jos e or-fan-da-des De sel-va-gens, cap-ti-vos
e ma-ru-jos; E em nos-tal-gi-as
allargando poco
f passionato
e paixões con-sis-tes Las-ci-va
f pesante
dôr, bei-jos de tres sau-da-des,
Molto meno.
mf
Flor a-mo-
p
rit
mf
p
ro-sa de tres ra-ças tris-tes.
p rit
f
DEODATO. COP.

ORAÇÃO

De Raul de Azevedo

(PRONUNCIADA NO FESTIVAL DO CORPO CONSULAR DO AMAZONAS, NO SALÃO NOBRE DO **IDEAL CLUB**, NA NOITE DE 13 DE JULHO DE 1924, EM BENEFICIO DA LEPROSARIA DE MANAOS)

ALVEZ a phrase mais linda e suggestiva de Anatole, Anatole France, espontando desse grande feixe de rosas, tecido de periodos cantantes e ironias deliciosas, que é quasi toda a sua obra maravilhosa e extasiante, — seja essa na qual elle nos fala de um "sourire mouillé d'une larme".

E' todo um poema que estúa, tocado de grande e serena affectividade. E' uma phrase lapidar. Ella fica no nosso espirito, pela sua simplicidade e poesia, pela sua radiosa Verdade. Só a Verdade é soberana e eterna. Sómente ella nos domina e vence. E' a suprema triumphadora.

"Um sorriso molhado duma lagrima", — e esse sorriso baila nos vossos labios quasi entreabertos em prece fervorosa e essa doce e crystalina lagrima parece que pontilha os labios que se desfranzem e sorriem. Este é um grande, um emocional momento para todos nós, — o espirito em contrição, a alma alheada do terra-a-terra, o coração aberto e reflorido, os olhos voltados para o céo immenso... A acção é nobre e o gesto é bello. Nunca o auxilio, a protecção, o soccorro, o amparo, se fizeram mais justo e mais alto, mais nobre e mais digno! Acóde-se aos que necessitam, aos que clamam por humanidade, aos que soffrem o corpo em chaga e a alma dilacerada! E' a molestia suprema, a dôr maior, physica e moral, a agonia cruciante...

Ter a Vida, e viver na Morte! Saber que ha a alegria sã e radiosa, — sómente para os outros! Saber que ha uma esplendida mocidade que canta, e viver afastado della, longe do seu olhar e da sua caricia! Nem poder sonhar! Nem poder aspirar o sorriso da mulher que em segredo, como um criminoso, se ama! Nem, no pavor cruciante da horrorosa doença, almejar um Noivado que é um clarão, um Lar tranquillo pontilhado de rosas! Nem poder beijar — um beijo casto e puro, todo Alma! — as lindas e risonhas creanças, borboletas immáculas da Vida!

E' o bacillo de Hansen. A molestia pavorosa retalha o organismo humano, abre-lhe surtos na carne chagada. Elle é golpeado physicamente por afflicções inquisitoriaes, e o seu espirito esse é o grande torturado! Vê e comprehende. Os olhos abertos contemplam horrorisados a repulsa instinctiva, a defesa social, o afastamento da Vida sadia pela Vida que contamina e que se desfaz, repulsivo farrapo humano! O seu cerebro funcciona, observa, estuda, sonda, perscruta, e conclue angustiado que a desgraça é irremediavel, a sua perdição fatal, sem ao menos poder ter essa doce e suave esperança que todos têm até o derradeiro momento em que a Morte triumphal pára o Coração outr'ora ardente e victorioso!

E pensae no desgosto, na inquietação, na amargura, no tormento, no supplicio, na mágua dessas Almas que penam num inferno mais cruel do que aquelle imaginado pelo Dante, e que vêem a commiseração espalhada ao redor na physionomia consternada e no gesto caritativo dos semelhantes! Será talvez a gratidão, mas é a certeza cruel do mal devastador e tremendo. E' a molambo humano sentindo toda a extensão e nueza duma Dôr intensa, assoberbante e avassaladora!

A Dôr é a sombra da Vida. A alegria é rapida e fugaz. E' relampago. Passa. Todos soffrem, todos. A Dôr se estende como as garras torcicoladas dum polvo, se alarga, irradia, vence, domina! A felicidade perfeita não existe. A Dôr, sim! Ao principio, no começo, ha como que uma peleja entre nós e ella. Duello ás claras, combate renhido... E' a batalha tenaz. Depois vamos nos habituando, já trenados. E' a infiltração. E ella emfim nos conquista e nos vence. E' a triumphadora!

Quem não soffre, meu Deus? As nossas Almas, as Almas de todos os bons, vivem amarguradas... Agora mesmo, neste momento de Caridade e de Arte, a Dôr nos domina e nos empolga. A Arte é um soffrimento continuo. E' a ancia pela perfeição. O esculptor trabalha, lima, grava, cinzela... O musico estuda, aprimora, compõe, e a opera surge radiosa... O pintor observa, analysa, e a tela é magistral... O poeta e o prosador pensam, imaginam, sonham, burilam, e o verso glorioso ou a prosa cantante estúam... O orador freme e electrisa... E todos elles sentem a tortura intellectual, a Dôr angustiosa de não terem alcançado a Perfeição!

A Caridade é a Dôr. Neste minuto tranquillo todos nós somos pezar e angustia. E com que soffrimento damos a Casa e o Pão aos atormentados pelo Destino, que nós preferiamos auxiliar, sim, porém elles sadios e fortes, ou não victimados pela cruel e triste, e dolorosa, e amarga doença!

Mas o christianismo nos ensina que "a Dôr não é um mal'. Soffrei. Resignai-vos. Dizia algures um escriptor psychologo, — "Padecendo, começamos a viver. O nosso primeiro movimento traduz uma angustia e o que a nossa bocca logo faz ouvir é um grito de afflicção. Com a Dôr, nos seus braços protectores, chegamos ao mundo. E' a Dôr que nos consagra para a Vida". E com a Dôr morremos...

Ella transforma os maus, os ruins, os ingratos, os perversos, os criminosos. A physionomia contrahida e tenebrosa muda. E' clarão, é prece, é esperança! Ella iguala, nivela a todos! Nem ricos nem pobres! Nem orgulhosos nem vaidosos! Ella golpeia

physicamente o Rei soberano como o mais modesto dos seus subditos! Nem belleza nem feiura! Ella fere a Alma do grande como a do pequeno... Homens, mulheres, creanças, immola no seu Poder soberano!

Tenhamos a volupia da Dôr! Ella nos traz ainda a Esperança, — enganadora e linda, formosa e pura! Já dizia aquelle dôce e grande poeta que a Morte nos levou não ha muito, esse encantador Vicente de Carvalho:

Só a leve esperança, em toda a vida,
Disfarça a pena de viver, mais nada;
Nem é mais a existencia resumida,
Que uma grande esperança malograda.

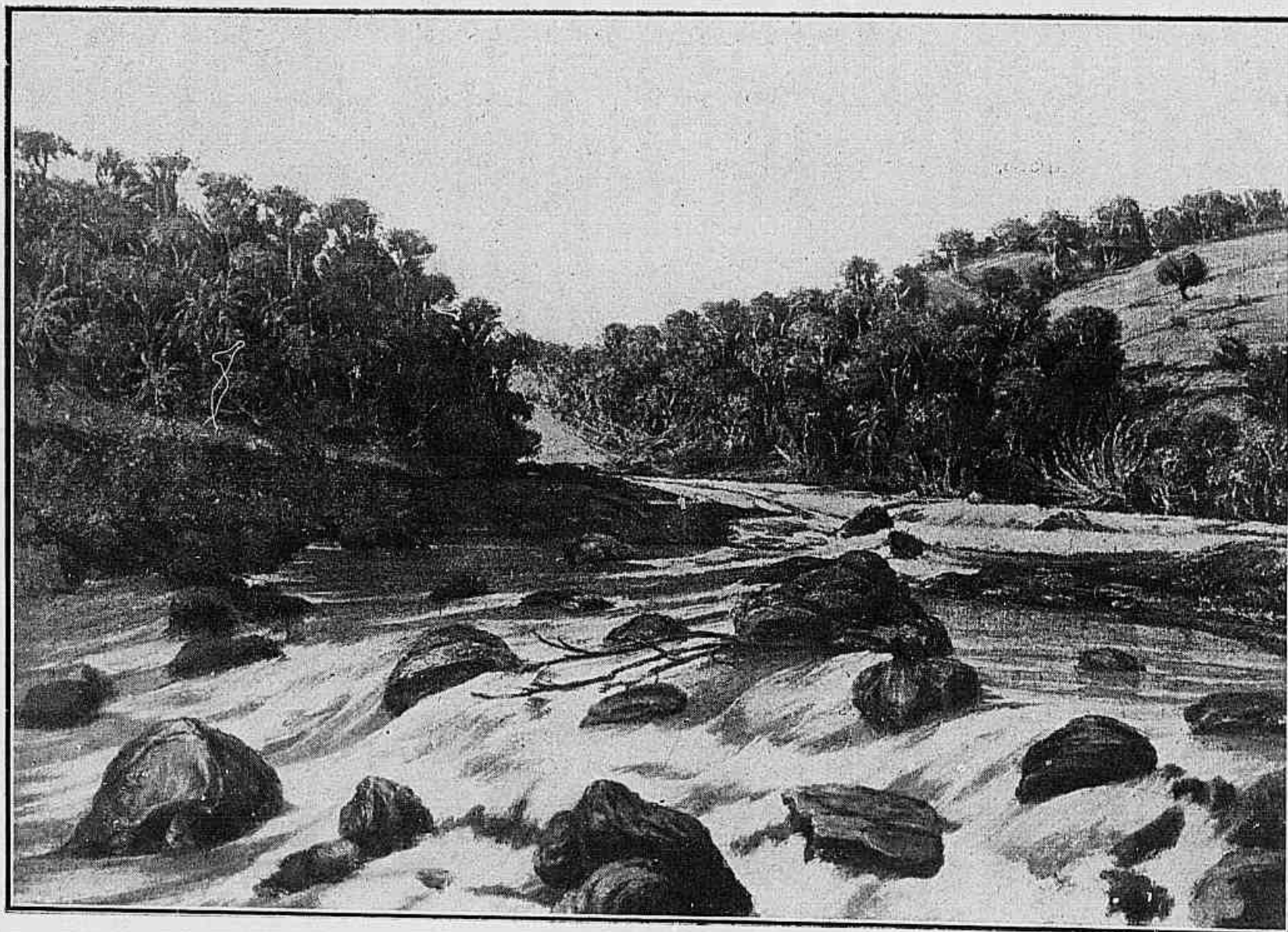
O eterno sonho da alma desterrada,
Sonho que a traz anciosa e embevecida,
E' uma hora feliz, sempre adiada
E que não chega nunca em toda a vida.

Essa felicidade que suppomos,
Arvore milagrosa, que sonhamos
Toda arreada de dourados pomos,

Existe, sim: mas nós não a alcançamos
Porque está sempre apenas onde a pomos
E nunca a pomos onde nós estamos.

E agora, os olhos voltados para o céo infindavel, os labios entreabertos numa prece ardente, oremos:

— Deus dos bons e dos justos! Deus magnanimo e generoso! Olhae sempre para os que soffrem, para os que necessitam. Suavisae a afflicção e a angustia dos torturados, daquelles a quem o Destino cego e muita vez cruel prostrou com a mais desgraçada das doenças! Dá calma e resignação a todos elles... Protegei aos homens que eram bons e fortes, validos, gloriosos de mocidade! Ajudae, Senhor, as moças que foram lindas, que foram bellas, de olhos velludosos e boccas escarlates, cabellos fartos e ondeados, corpos esbeltos e immaculos! Soccorrei aos velhos, as velhinhas tão bôas e simples, quasi santas, que a molestia insaciavel vae devorando, lenta e cobardemente! E não olvideis, Senhor, de accudir as graciosas e encantadoras creancinhas já tocadas do mal irremediavel! Como é doloroso, como é horrivel ver airosas e galantes meninas, todas ellas um sorriso aberto, meninos finos e donairosos, — sem poder abraçal-os e acaricial-os, e beijal-os! E de longe, Senhor, sempre de longe, porque a enfermidade é barbara, feroz, deshumana!... E, Deus magnanimo e justo, amparae a nós outros para que possamos proteger sempre, auxiliar sempre, a esses infelizes supremos! Aconselhae-nos, dae-nos fé, harmonia, congraçamento, para que unidos e fortes, mantenhamos o Tecto e o Pão, a tranquillidade, o socego, o conforto, para todos elles! Amparae a nossa CIDADE RISONHA, para que ella possa dar eternamente o óbulo aos torturados e soffredores da Carne e do Espirito! E louvado seja o Senhor pelo bem que derrama, pela Esperança que espalha, pela confiança que nos dá, pela crença que nos inspira! Louvado seja o Deus dos bons e dos justos...

o o o o o

Cascata — Bairro Alto — São Paulo
(Quadro de Rosalbino Santoro)

N A T A L D E 1 9 2 4

Distribuição de brinquedos ás creanças pobres, no Studio do Fluminense, por senhoras e senhoritas do alto mundo carioca.

As nossas trichromias

NESTE numero de Dezembro, o ultimo de 1924, vão encontrar os nossos leitores, reproduzidas, obras de artistas valorosos, tendo á frente o mestre insigne João Baptista da Costa, Director da Escola de Bellas Artes do Rio de Janeiro e possuidor da maxima recompensa que um artista em nossa terra póde possuir: a grande medalha de honra. Carlos Oswaldo, Leopoldo Gotuzzo e Garcia Bento são os outros pintores, cujas telas apparecem em nossas paginas.

De João Baptista da Costa é a maravilhosa paysagem "*Rio Tieté*"; reproduz o quadro um dos mais pittorescos recantos paulistas.

A obra do mestre patricio é impeccavel, é sobria e uma das mais perfeitas que tem sahido da sua officina; um dia Gonzaga Duque affirmou que a palheta do mestre vivia, possuia alma e encantava; muitos lustros são passados sem que tão preciosos predicados se modificassem; elles continuam flagrantes, continuam a garantir ao interprete do nosso verde a primazia entre quantos tem pintado a nossa natureza nas horas de calma.

Em qualquer tela de pintor reside emoção, sentimento e todas as demais qualidades primordiaes á formação de verdadeira obra de arte; como vigor de technica, os quadros de Baptista da Costa se destacam ao primeiro golpe de vista, saltam aos olhos do observador menos experimentado. Não é demais repetirmos os conceitos sobre a individualidade do paysagista, já aqui transcriptos por occasião da reproducção de uma obra do artista. De Gonzaga Duque são as palavras e ellas dizem bem o que é o mestre.

Eil-as:

"Elle tem o queixo anguloso dos fortes, a testa curta e quadrada dos obstinados. No seu typo ha alguma cousa de rustico, de não artificialisado. A indicativa da sua corporatura é a de um camponio que estudou latim no Seminario, e a sua dextra, que lhe é mão dos pinceis, possue a dureza ossea das mãos activas e as nodosidades assignaladoras do pensamento. Isto pelo que respeita ao arcabouço. Ponha-se-lhe, agora, neste feitio solido de homem singelo, uma timidez de maneiras que se avizinha da esquerdice, e se lhe comprehende a doçura nostalgica dos olhos escuros, onde se lhe percebe a alma dolente de só e resignado, humilde e bôa, mas dessa incomparavel bondade christã que envolve os sêres e cousas no mesmo affago e no mesmo perdão". Isso é o homem; vejamos o artista, ainda atravez do mestre da critica:

"São tres condições importantes numa obra de arte, que as condensa em firmeza de execução, em sinceridade expressiva e poder communicativo. A obra assim feita é vivida, é intensa e duradoura.

Estudadas essas tres componentes da sua obra, cada qual de per si, encontra-se, pelo que respeita á solidez — a maneira firme de pincelar, a densidade de suas tintas e a exactidão dos valores.

Baptista da Costa chegou a esse resultado á custa de tenacidade, conquistou a sua technica lentamente. Acompanhei-o, ha alguns annos, atravéz da sua obra, vi-o aturdido com a multiplicidade dos detalhes do *natural*, estonteado com a confusão dos valores no *ar livre*. Lutava, então, por simplificar o que via, ora tentando pela côr o que lhe faltava no desenho, ora subsitituindo por *massas* o que a habilidade não conseguia na reproducção do fôfo e tufado das fórmas. E' uma luta desesperada, que só bem n'a sabe quem já se encontrou de palheta e pinceis em frente á natureza!

"Para que um pintor chegue a "justeza do toque" a ponto de não perder, com a idéa de acertar, o effeito geral do assumpto, é preciso um continuo, aturado, por vezes exhaustivo exercicio. E' por isso que os tres grandes mestres da paysagem, Huet, Rousseau e Corot (este tambem João Baptista, Jean Baptiste Camille Corot) affirmaram, com o exemplo, a necessidade de viver no campo, de estar vigilante ás modificações rapidas dos effeitos, de observar constantemente o aspecto da vegetação sob a direcção da luz, de estudar conscienciosamente a fórma propria, caracteristica, indicativa de cada arvore, que é o *caracter das cousas* de que fala Ruskin".

O que o leitor acaba de ler é o retrato mais perfeito do artista, e tudo que foi dito se encontra na obra que agora reproduzimos.

De Carlos Oswaldo é o quadro que nos mostra o nascimento de Jesus. E' o quadro uma obra emotiva, perfeitamente equilibrado — que garante ao seu autor, sem favor, um bello punhado de louros.

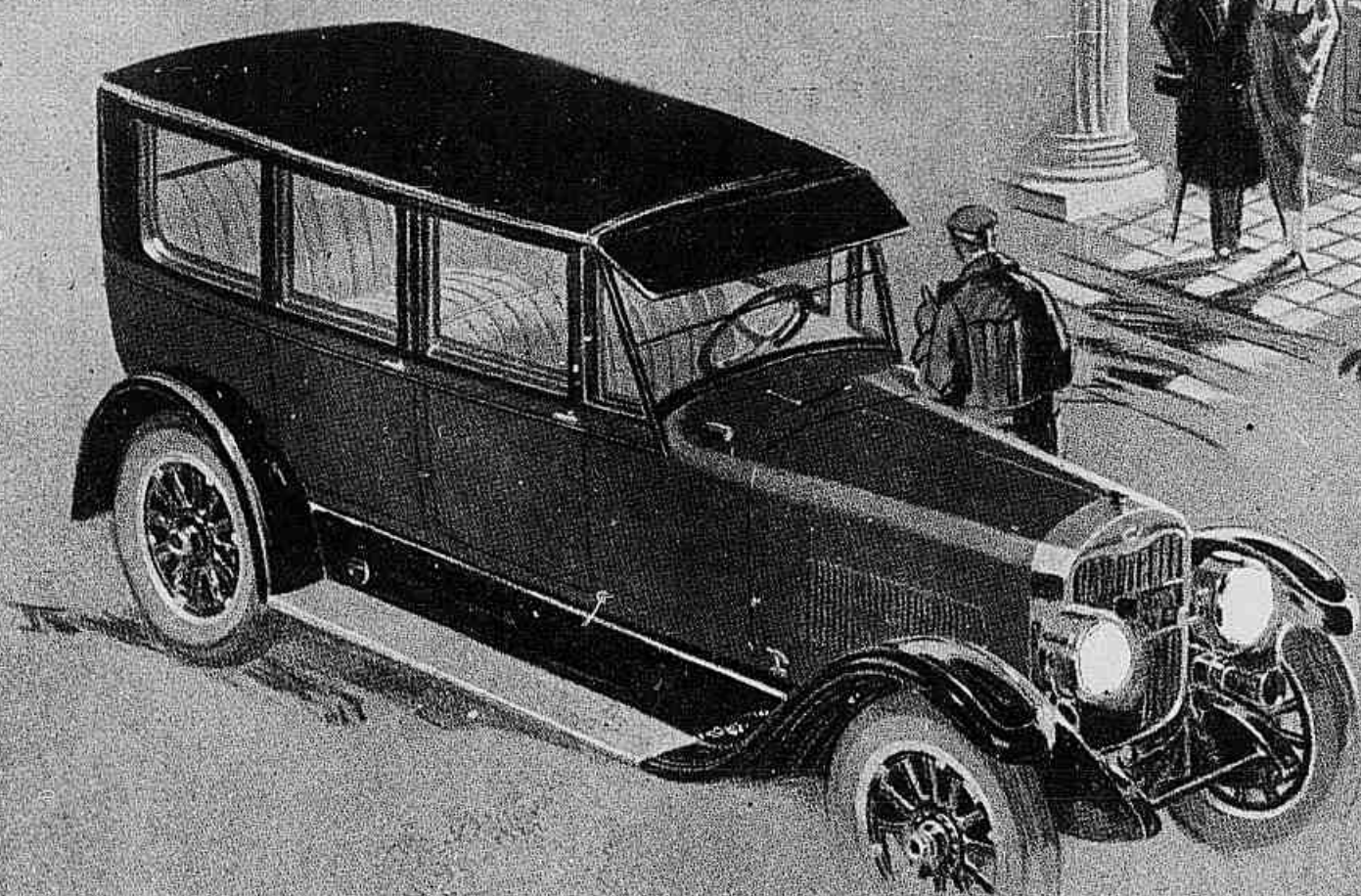
Silveira Netto, em uma bella chronica sobre o ultimo "Salão", estudando a individualidade do pintor, assim se expressa: "Carlos Oswaldo é um poeta. Artista ha que não o seja? dir-se-á; perfeitamente. A poesia é na arte o aroma da flôr; e quando ella não exista, o que é frequente, a arte é mecanica, negativa em essencia. Ha muita pagina litteraria, muito quadro e muita esculptura e pautas musicaes feitas sómente de technica; são a degenerescencia do espirito artistico. E' a emoção mumificada na perfeição material, a bastardia esthetica.

Em Carlos Oswaldo essa poesia tem, por vezes, uma expressão quasi litteraria, como na obra desse impressionante esculptor chileno, Totila Albert, sobre quem "Terra de Sol" publicou em o numero transacto brilhante estudo com illustrações; ha mais philosophia que verdadeiramente arte esculptural. A pequena tela de Oswaldo — *Vestal* — (por nós reproduzida no numero de Novembro), lembra-nos um trecho de Rosny ou de Goncourt, de estylo muito fino."

Garcia Bento é o autor do *Máo Tempo*, bello trabalho que figurou no Salão de Bellas Artes, merecendo da critica os mais calorosos elogios. Leopoldo Gotuzzo assigna *Paysagem*, encantador recanto carioca, cheio de luz e cambiantes valorisados, como tudo o que o illustre artista pinta.

LINCOLN
A posse do
Lincoln re-
vela as suas incontras-
taveis qualidades de
conforto e distincção
LINCOLN MOTOR COMPANY
Divisão da
Ford Motor Company

modas e modelos

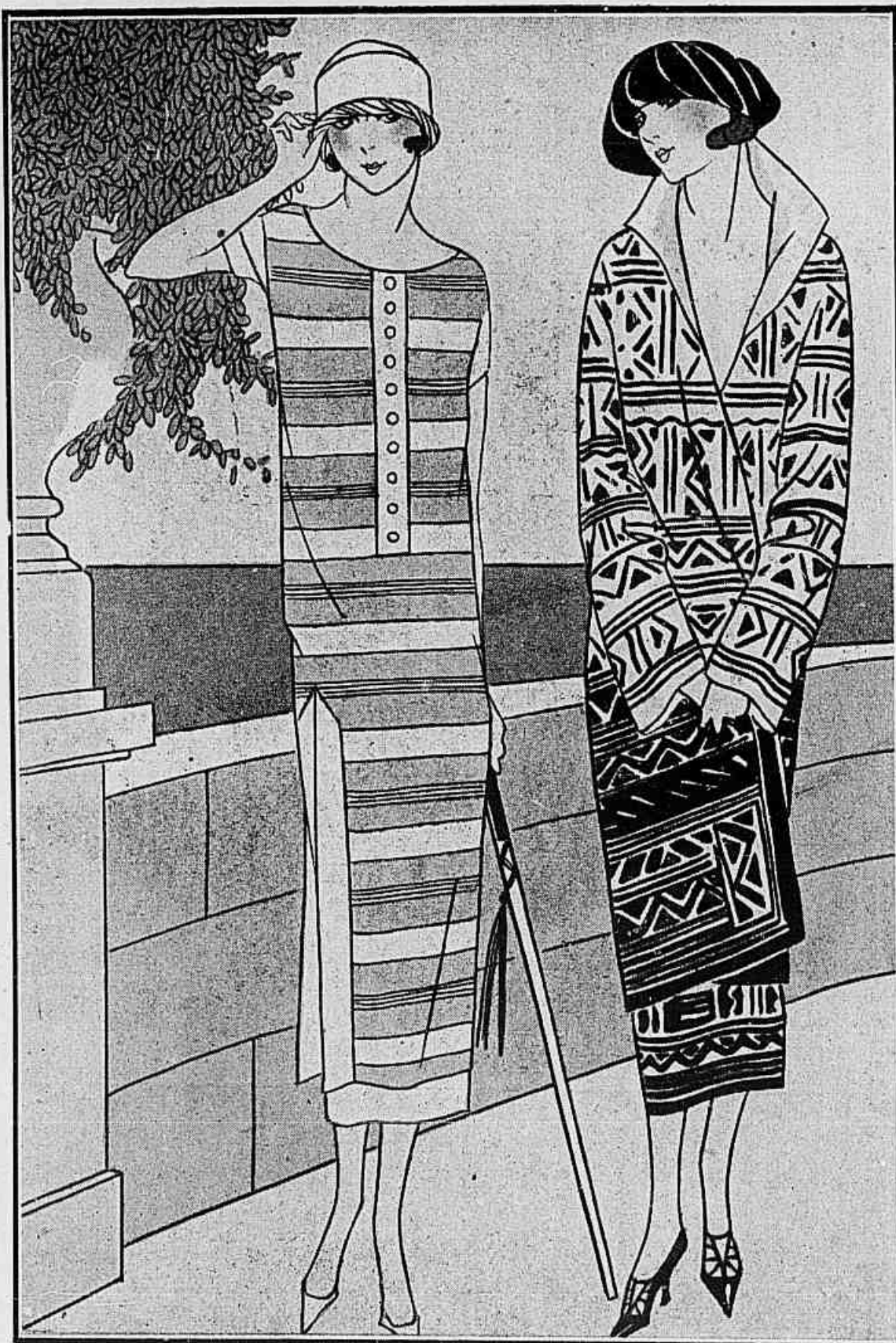
o
o o

Em Janeiro começa o exodo para as Montanhas e praias. E' o mez das villegiaturas e da alegria realçada nas mulheres pela variedade de côres e tecidos leves: azul de louça, verde jade, cereja, amarello, rosa velho, cruzam-se a encantar a vista de todos. Transforma-se em flôr viçosa a carioca pouco antes envolta na tepidez das pelles e das lans.

Os vestidos de verão executam-se em organdi, foulard, crêpe e linho em côres lisas ou estampados. Ha tambem, num requinte de gosto, os linhos e crepes bordados, cuja confecção simples dá á silhueta feminina a illusão de uma tanagra viva!

Damos dois lindos modelos de Doeuillet: o primeiro, (fig. 1), em musselina estampada, tendo á volta da góla e mangas um babado plissado do mesmo tecido em tom liso e á frente da saia, sobreposto, um avental em fórma, preso á cintura por finissima faixa identica ao tecido da góla. O segundo (fig. 2) tambem em musselina ou gase bordada, compõe-se de uma tunica sobre fundo de setim preto.

o o o o o o

1 e 2 o o o o o o 3 e 4

o
o o

Se bem que haja uma certa tendencia para alargar os vestidos, a silhueta fina continúa em furor e para proval-o vê-se, por todas as vitrines, modelos esguios e graciosissimos. As creações de Philippe et Gaston, Doucet, Bernard et Premet, obedecem todas ao empenho de, afinando a silhueta, dar cada vez mais á mulher um encanto de sonho! Não quer isso dizer, porém, que as mais gordas sujeitem-se a regimes pouco criteriosos, damnificando a saúde e compromettendo o brilho da physionomia.

Mais dois figurinos encantadores: o primeiro (fig. 3) devido a Jean Patou, é em crepe listado, azul marinho e branco e o segundo (fig. 4) um bellissimo tailleur para visitas, em crepe de roma branco, bordado a preto e creado por Drecoll.

A parisiense, em materia de vestidos para a rua, usa mui mais frequentemente as côres discretas. O preto e branco ou azul marinho e branco constituem um dos innumeros successos da estação e fazem-se combinações felicissimas e de effeito surprehendente.

o o o o o o

Rio
Rua Buenos Aires, 87
Caixa 902

Agentes Geraes
A. M. BITTENCOURT & C.

S. Paulo
Rua 15 Novembro, 56
Caixa 2027

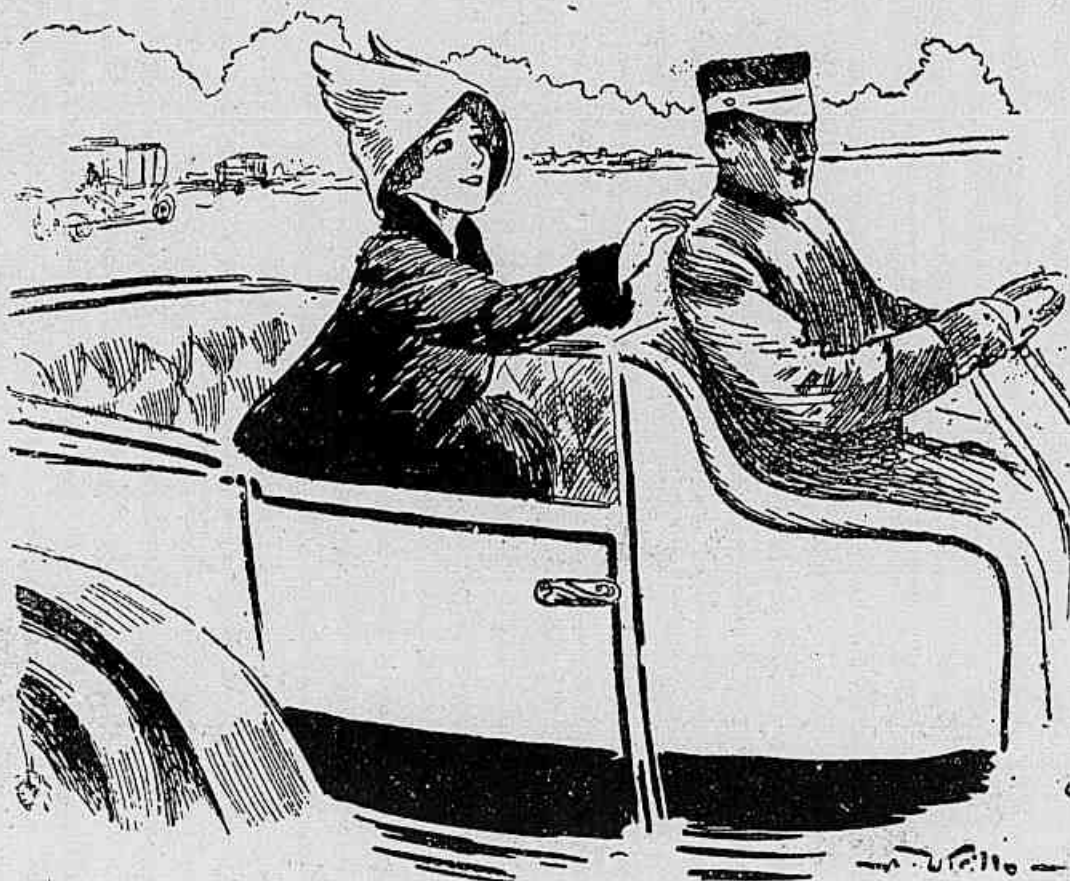
CONFIDENCIAS PERIGOSAS

Os *chauffeurs* ás vezes levam as pessoas na frente, porque ha certas creaturinhas que se entregam a conservações insinuantes com o homem da roda. Afinal de contas, um *chauffeur* é um homem, e como o seu titulo indica, um pouco mais ardente que a generalidade dos bipedes masculinos.

Os olhos nublam-se e as mãos vacillam, sob a impressão do odor delicioso que exhala uma mulher bonita.

Agora se o odor provém do uso do Sabonete de Reuter, está claro que o effeito é imperioso e verdadeiramente subjugante e irresistivel.

Contava-nos um *chauffeur* joven e de bôa apparencia as pilherias que havia trocado com uma sua cliente, na occasião em que viajava com cinco pontos de velocidade.

Esta lembrou-se de fazer-lhe perguntas á queima-roupa, levantando-se de seu logar e inclinando-se sobre as suas costas, que, dizia elle, sentiu dentro de si mais explosões que as que a essencia intermittentemente inflammada produzia na sua machina.

— Que sabonete! — exclamava o *chauffeur* — Quando me vi entre uma columna de um candieiro, um bonde e um gallego! Só o Sabonete de Reuter, que é o melhor dos sabonetes, com o qual se lava o Presidente da Republica e até o Padre Eterno!

Travei o freio, quiz recuar, e assim mesmo patinei quatro metros no asphalto molhado, dando um leve esbarro no gallego, que rolou pelo solo (claro que nada lhe aconteceu, porque são de borracha) e ao levantar-se disse-me furioso: — A policia devia multal-o por andar com tanta velocidade.

E tudo isso pelo cheirinho "embriagante" do rei dos Sabonetes: do Sabonete de Reuter!

SAUDE E VIGOR
Biotonico
FONTOURA
O MAIS COMPLETO
FORTIFICANTE

Nariz e Narizes

ALBERTO FARIA

(Fim)

rubor desnatural, a reclamarem nova intervenção. Com o emprego do pedaço de osso do tibia já não se observam estes phenomenos posteriores; é uma vantagem que, apesar do maior prazo de tratamento, 10 a 15 dias, deve ser preferida. Ao numero dos narizes imperfeitos pertencem os do genero chamado **bull-dog**, fórma rara — de ponta dupla, que se torna una, juntando as duas partes.

Pertencem a categoria diversa os desenvolvidos por demais. Raramente a desproporção é de nascimento. Um impulso hereditario, porém, determina-lhes a hypertrophia no segundo decennio da vida. Narizes sãos em geral, seu defeito unico é o tamanho.

A primeira correcção total e satisfatoria dos narizes demasiado cumpridos foi emprehendida pelo Dr. Jacques Joseph, em 1898. Um dia, certo estalajadeiro do campo, sabendo-o perito em reduzir orelhas maiores da marca, pediu-lhe que reduzisse seu nariz, tambem de marca maior. A operação teve êxito completo, podendo elle expôr, perante a **Sociedade de Medicina** de Berlim, o processo de que se servira. Quanto ao paciente, o genio melancolico cedeu o passo a um sereno goso da vida.

Divulgada a noticia, multiplos casos identicos, ou analogos, verificaram-se com igual êxito. Ora, tratava-se de extrahir toda uma bossa formidavel, ora de estreitar apenas a raiz, ou de encurtar a ponta. Nenhuma destas operações offerece perigo, visto como, em vez dos narcoticos usuaes, basta a anesthesia local. Não se dão córtes exteriores, como antes, de modo que se evitam cicatrizes externas. Em razão da elasticidade da pelle, que se adapta immediatamente ao nariz diminuido, este fica sem a minima ruga, parecendo nunca ter sido outro.

A terceira classe de narizes operaveis é a dos tortos, de nascimento, ou em seguida a lesões (de quedas sobre elle). Uma tentativa da especie, pelo methodo antigo, realizou-se em meio do seculo passado; mas, agora, opera-se pelo methodo novo, como nos casos de reducção, sendo os resultados tambem excellentes. Um extractor de trabalho a que me reporto, — artigo do Dr. Jacques Joseph, em **Die Umschau**, — revelando a importancia social de taes operações, — commenta de remate:

"Defeitos ridiculos, que desfiguram um rosto bello ás vezes e ás vezes causam repressão moral mui dolorosa, desapparecem, deixando em seu logar linhas perfeitas, que restituem a alegria de viver."

E queremol-a todos, a despeito de tudo, como philosophicamente disse o saudoso Raymundo Corrêa:

"Viver! Eu sei que a alma chora
E a vida é só dôr ingrata,
Pranto que a não allivia,
Olhos que o estão a verter...
Soffra o coração embora!
Soffra! Mas viva! Mas bata
Cheio, ao menos da alegria
De viver, de viver!"

Gentilissimas senhoras:

Lisonjeado pelo faro intellectual de amigos, assumi o compromisso, — não direi espinhoso, apenas porque é isento de espinhas meu orgam olfativo, — de equilibrar sobre a ponta deste o assumpto de singela conversa.

Dentro em breve, porém, convenci-me de que, confiante numa velha phrase de extincto confrade Garcia Redondo, pela qual se me outorgara nariz de Napoleão, fôra eu mais ousado que o proprio, o autentico, o legitimo Napoleão, acceitando o encargo da aliás incruenta batalha, — batalha risonha, sem mortos, nem feridos.

Comtudo, havendo já acquiescido áquella superior instancia, **era tarde para torcer o nariz** á Musa; puz mão á obra, afagando-o, a pedir um raio de inspiração salvadora, que bem poderia vir num simples espirro. Mas ninguem articulou o classico **Dominus tecum**... Deus não esteve commigo; não me ajudou, positivamente.

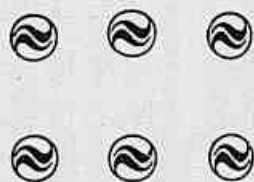
Por isso, nesta assembléa garrida, onde ha tantos narizes femininos que admirar, estive e estou como quem **não vê um palmo adeante do nariz**, talvez por estar no momento critico com um **nariz de palmo e meio**, ao qual chegaram a mostarda negra da vaidade, o mais irritante dos rapés.

Entretanto, conto que sejaes generosas não escarnecendo do paiestrador bisonho, caso alfim **caia de costas e quebre o nariz**, cumulo de infortunio previsto pela sabedoria das nações...

Distinctos cavalheiros:

Pedidas excusas ás gentilissimas senhoras, despeço-me de vós com uma quadra do **poeta e dottore d'Arezzo**:

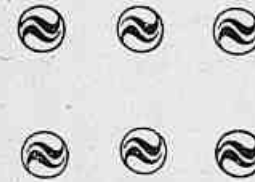
"Si do nariz eu raciocino e canto,
Com trechos meus em parte e outros roubados,
Espero gloria, e não perdão, si emtanto
A gloria nos provém dos associados."

Está concluido o **nariz**... **de cêra**.

NutrioN

Nas luctas da existencia

Nas luctas da existencia em que a saude é vencida pelo rachitismo, pela magreza e pelo depauperamento, o Nutrion é a força salvadora que liberta do aniquilamento o corpo humano.

Vence a golpes vigorosos

O Nutrion vence a golpes vigorosos o rachitismo que estiola as energias, fortifica os depauperados, levanta as forcas organicas, estimula a energia e desperta a alegria de viver que só sentem os que têm bôa saude.

A' venda o nosso catalogo completo de Radio-Telephonia com mais de 300 gravuras e instrucções muito uteis a respeito — Pelo correio........... 2$200

"UM HOMEM"

(Fim)

E, assim, foi arrastando o seu bocadinho de vida.

No amor, tinha tambem a sua parcella. Elle amava uma menina entre bonita e feia, entre alta e baixa, entre gorda e magra, emfim o seu typo preferido. O interessante é que seu amôr actuava com uma regularidade incrivel. Silva Filho desprendia, diariamente, de sua substancia, uma certa e determinada quantidade daquelle sentimento affectivo. Amava infallivelmente, com o mesmo ardor inalteravel, uma hora depois das aulas, todos os dias. O facto é de extranhar-se. Silva Filho submettia o seu apparelho physiologico e o seu apparelho psychologico a uma regularidade de chronometro perfeito. Não podia conceber que um individuo podesse ser absorvido por uma paixão durante um dia inteiro. Amar, dormir, estudar, comer eram as quotidianas funcções do seu espirito e de seu corpo, as quaes não podiam ser interrompidas pelas outras. Depois de formado, Silva Filho, como procurava fazer com todos os seus actos, legalisou o seu amôr, casando-se. Não teve filhos. Ignorando sempre a causa das cousas, o nosso heroe se viu, um dia, sem o saber, feito deputado.

Passados annos, num dia igual áquelle em que veio ao mundo, Joaquim José da Silva Filho, nas pontas dos pés, com receio do ruido dos homens e das cousas, sem o eterno fragor dos batentes, esgueirou-se pela porta que dá para o outro lado da vida.

E, assim, o nosso heroe, sem ver ninguem e sem ser visto retirou-se de um espectaculo em que não fôra nem actor nem espectador.

Quantos Silvas pela vida!...

PALAVRAS Á JUVENTUDE

(Fim)

LEONCIO CORREIA

mesma luminosa serenidade com que o sol, ascendendo nas alturas fertilisa os campos, doura o recesso da floresta, illumina a profundeza sombria dos valles...

Um discurso de Raul Fernandes

(Fim)

com que todos nós mais ou menos o amofinavamos, os factores subtis e formidaveis que fazem os homens zig-zaguear ao longo da linha da sabedoria, ora á esquerda, ora á direita, raramente — e com que heroico imperio sobre si mesmos! — se aguentando nos caminhos de Deus!

Não sei se elle foi o mais illustre dos fluminenses da sua geração. Já o disseram alhures e o conceito despertou murmurios. Façamos a parte das possibilidades, ratinhadas a uns, e prodigalizadas a outros neste baixo mundo. Reservemos o lugar do heroe desconhecido, que está occulto em todas as multidões, e que se ás vezes emerge para a gloria ao choque dos terremotos sociaes, as mais das vezes, tendo esperado em vão a sua hora, permanecerá irrevelado, mudo e solitario.

Digamos com mais medida, e com irrefragavel verdade, que elle foi bom, justo e compassivo; e tendo prestado eminentes serviços á Nação, a sua memoria, orgulho dos fluminenses, viverá no reconhecimento do povo."

AMERICA CENTRAL
(SEEBECK)
300 diff. — 500 diff.
Fs. suissos — Fs. 65

NO THEATRO MUNICIPAL

Minha senhora, queira perdoar-me chamando a sua benevola attenção para uma cousa que a senhora ainda não pensou sériamente. Aposto qualquer cousa que o toucador de V. S. está repleto de aguas de cheiro, perfumes, loções, brilhantinas, emfim, ingredientes de toda a especie. V. S. comprou essas cousas, porque o perfume lhe era exhotico ou porque as suas amigas aconselharam-n'a a comprar como sendo "o melhor!"

E foi com este criterio que V. S. adoptou-os, como se fosse a cousa mais simples e inoffensiva deste mundo. Mas que horror, senhora! Que grande horror! Peço mais um momento a sua preciosa attenção:

Porque é que os seus cabellos, que outr'ora eram tão pretos como o azeviche, ou eram de um louro bellissimo, como madeixas de ouro, a côr que Daphné tinha nos cabellos, tendem, agora, a perder a sua sedosidade e tornar-se acinzentados?

Porque estão tão frageis e inconsistentes?

Porque é que todas as vezes que V. S. se penteia, o seu pente fica cheio de cabellos, indo-se, assim, embora pouco a pouco a sua profusa cabelleira? Porque é que quando V. S. põe uma capa escura, em pouco tempo, se acha um tanto branca, com pelliculas de caspa?

Porque V. S. em vez de conservar, limpar, dar brilho e flexibilidade ao seu cabello e *hygienisar* o seu couro cabelludo, fez um verdadeiro attentado, com essas aguas e loções que enchem o seu toucador, contra uma das maiores bellezas de que uma mulher se póde sentir com legitimo orgulho?

Que hei-de pois fazer? — dirá V. S.

— Oh, minha senhora, a cousa mais simples deste mundo: V. S. deite fóra todas essas drogas nocivas e venenosas e dedique-se V. S. exclusivamente ao uso da unica loção verdadeiramente efficaz, infallivel, inocua, que ha mais de um seculo todo o mundo a usa: refiro-me ao reputado e efficaz Tricofero de Barry, preparação scientifica, "que faz nascer cabellos aos calvos", que faz conservar em formosura natural, em sua côr natural, em seu brilho de perfeita saude vigorosa, os cabellos que V. S. possue; limpa, cura para sempre a repugnante enfermidade da caspa, que é o verdadeiro principio destruidor da raiz dos cabellos. Minha senhora, peço-lhe, pois, para usar o Tricofero de Barry, que além dessas virtudes todas que acabei de enumerar, possue um perfume tão suave e talvez mais distincto e agradavel que toda essa drogaria perigosa que abarrota o seu toucador.

Um novo estomago para Si

Quèr V. S. um estomago novo pelo seu velho? Tem o seu estomago desarranjos? É muito para si digerir os alimentos?

PASTILHAS do Dr. RICHARDS

Porão o seu estomago como novo. Ellas conteem os succos digêstivos do seu estomago na fórma de pastilhas. Quando tomadas ellas dissolvem-se, e êsses succos digerem todos os alimentos, e ao mesmo tempo fortalecem o seu estomâgo e âpparelho digestivo. Quer V. S. um novo êstomago? Tome *hoje Pastilhas do Dr. Richards.*

SELLOS PARA COLLECÇÕES

O BOLETIM MENSAL

Annuncia : as Novidades e Occasiões
Publica : Assignatura annual : 6 frs.

Peçam um numero specimen.

O Catalogo Geral de preços correntes de Collecções de Occasião em Series e Avulsos a

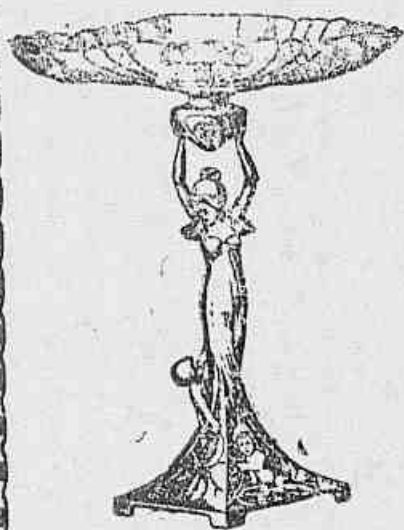
preços modicos Envia-se gratuitamente, a pedido, a todos os collecionadores.

THEODORE CHAMPION

13, Rue Drouot, 13 - Paris

R. C. SEINE 50 - 152

A casa mais importante do mundo

BAZAR AMERICA

Finissimos objectos para presentes

Especialidade em Porcellanas, Crystaes, Metaes finos Faqueiros e Talheres de Christofle.

ORIGINALIDADE E BOM GOSTO

Rua Uruguayana, 38-40

LEITURA PARA TODOS

magazine mensal illustrado, acha-se á venda o numero do corrente mez, com um magnifico texto e nitidas gravuras. Venda avulsa: na capital, 1$500; nos Estados, 1$700

XAROPE DELABARRE

Primeira Dentição

SEM NARCOTICO

Usado em fricções sobre as gengivas.

Facilita a sahida dos Dentes

Supprime todos os Accidentes da Primeira Dentição

Exigir o Sello da União dos Fabricantes

ESTABELECIMENTOS FUMOUZE, 78, Fg Saint-Denis - PARIS

e nas principaes pharmacias

ESTA' A' VENDA

O ANNEL DAS MARAVILHAS

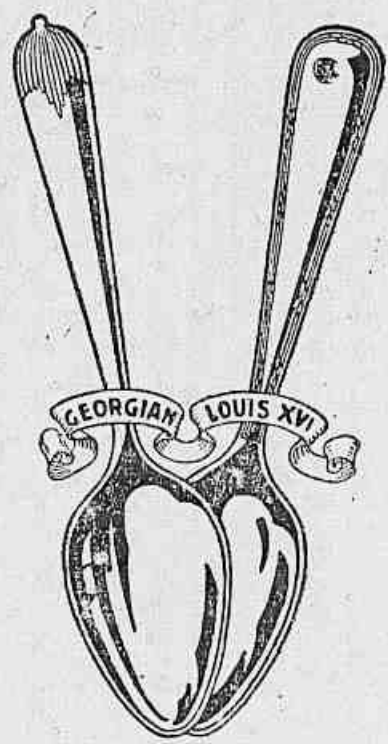
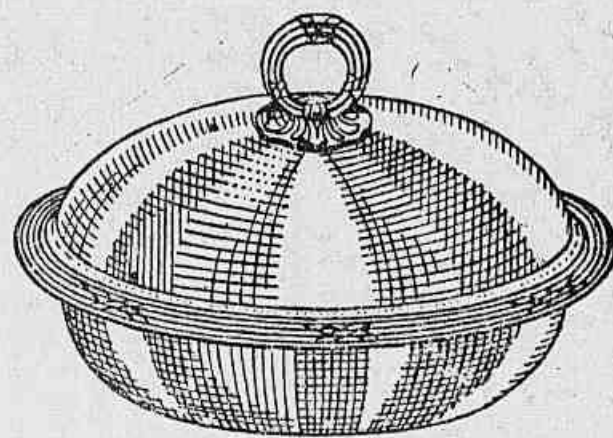
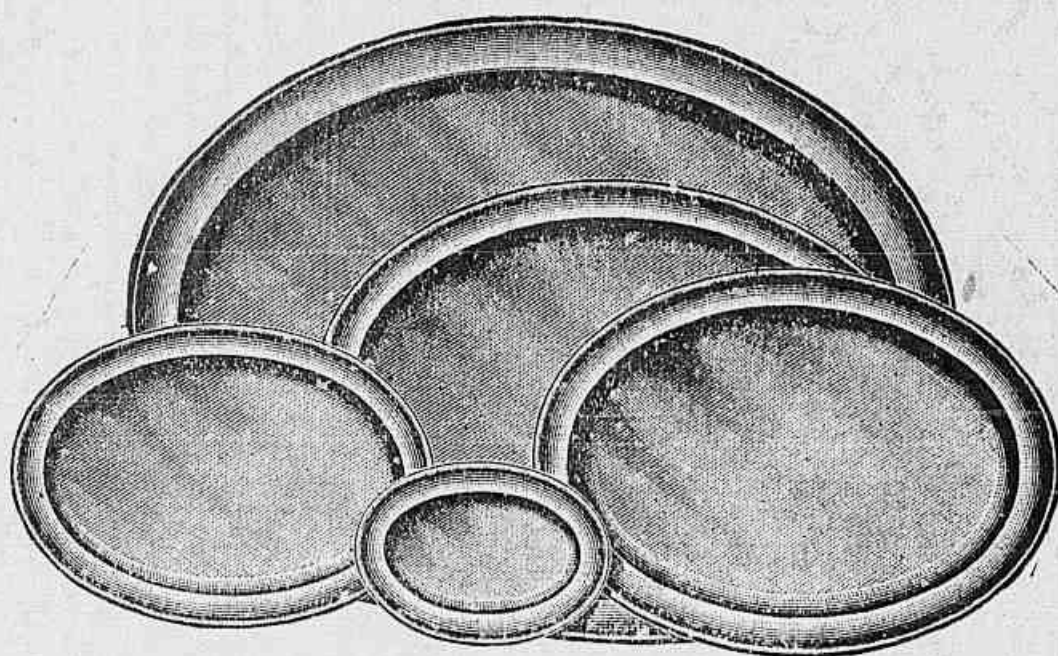
Livro para creanças

Texto e figuras de João do Norte

Preço : 2$000 — Pelo Correio, mais 500 réis

Edição de Pimenta de Mello & Cia. — Rua Sachet, 34 — Rio

PRATARIA "ELKINGTON"

PRESENTES
PARA CASAMENTOS

BAIXELLAS "ELKINGTON"

PRATARIA "ELKINGTON"
FABRICADA PELOS INVENTORES
DE METAL PRATEADO

G. H. TATTERSALL

EX-DIRECTOR-GERENTE DE MAPPIN & WEBB DO RIO

TELEPHONE C. 959

67 RUA GONÇALVES DIAS — 2º. andar
(ELEVADOR)

RIO DE JANEIRO

Officinas Graphicas d'O MALHO